



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

FRANCISCA OLIVEIRA DA CRUZ

**A FORMAÇÃO ESTÉTICA LITERÁRIA COM ESTUDANTES DO 6º ANO:
Limites e Possibilidades**

**SANTARÉM-PA
2024**

FRANCISCA OLIVEIRA DA CRUZ

**A FORMAÇÃO ESTÉTICA LITERÁRIA COM ESTUDANTES DO 6º ANO:
Limites e Possibilidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

**SANTARÉM-PA
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação
(CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas –
SIBI/Ufopa**

C957f Cruz, Francisca Oliveira da
A formação estética literária com estudantes do 6º ano: limites e possibilidades. / Francisca Oliveira da Cruz. – Santarém, 2024.
132 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Zair Henrique Santos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Educação, Mestrado Profissional em Letras.

1. Leitura. 2. Literatura. 3. Estética. I. Santos, Zair Henrique, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed.372.4098115



Universidade Federal do Oeste do Pará
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

ATA Nº 59

Aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às oito horas, no Iced - Ufopa Rondon, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Prof. Dr. Zair Henrique Santos (orientador e presidente), Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto (membro externo) e Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva (membro interno) a fim de arguirem a mestranda FRANCISCA OLIVEIRA DA CRUZ, com a dissertação intitulada: A FORMAÇÃO ESTÉTICA LITERÁRIA COM ESTUDANTES DO 6º ANO: Limites e Possibilidades". Aberta a sessão pelo presidente, coube a candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

Reprovada.

Dr. LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO, UFOPA

Examinador Externo ao Programa

Dra. ANA MARIA VIEIRA SILVA, UFOPA

Examinadora Interna

Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS, UFOPA

Presidente

FRANCISCA OLIVEIRA DA CRUZ

Mestrando

Dedico este trabalho a muitos dos meus, especialmente:

Aos meus filhos, Aryadnes Rodrigues da Cruz e Matheus A. Rodrigues da Cruz, pelo
encorajamento diário.

À minha mãe, Maria das Graças Oliveira, por acreditar que só através da educação podemos
adquirir uma melhor qualidade de vida.

Ao meu esposo, Oscar Rodrigues (*in memoriam*), que fez com que eu acreditasse que todos,
independentemente de sua classe social, têm o direito de acessar um ensino superior.

Aos meus queridíssimos alunos do 6º ano A e B, que fizeram com que cada encontro fosse
uma realização ímpar durante o desenvolvimento desta pesquisa, e esta se realizasse de forma
tão significativa em minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço eternamente a Deus, pelo dom da vida e por permitir com que essa experiência fosse possível.

Aos meus amados pais, Francisco Mariano da Cruz e Maria das Graças Oliveira Cruz, e aos meus irmãos e filhos, pelo apoio constante;

Aos meus queridos professores doutores, Zair Henrique dos Santos, orientador desta pesquisa e Luiz Percival Britto, iluminador deste caminho trilhado;

Ao LELIT, pelas diversas oportunidades de aprendizado, interação profissional e troca de conhecimentos com os membros do grupo.

A todos os professores da minha turma do curso de Mestrado Profissional em Letras.

Aos meus queridos colegas da turma de mestrado 2022, pelo companheirismo, generosidade e troca de experiência, especialmente Tânia Serique e Joel Almeida.

Ao diretor Auristélio Mendes, pelo apoio durante todo o processo de preparação e realização desta pesquisa, além do cuidado e generosidade na flexibilidade de horário de trabalho para que eu pudesse cursar esse mestrado.

Aos amigos e parceiros de trabalho, Adriana Ranzani e Jairo de Sousa, pelas palavras de apoio, força e incentivo.

Enfim, agradeço a meus alunos, pela participação de maneira tão agradável durante o semestre de estudo e desenvolvimento das atividades em sala de aula.

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (Bondía, 2002, p. 26).

RESUMO

Esta dissertação está vinculada ao Grupo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola (LELIT) e ao Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS. O objetivo consistiu em observar como a formação estética na educação escolar, realizada de forma sistemática por meio da literatura, pode contribuir com a construção do ser humano de forma omnilateral e, considerando o contexto em que se dá, examinar a funcionalidade, a eficiência, a diversidade desse tipo de atividade, ou seja, os modos de proporcionar experiência estética, apontando possibilidades e limitações encontradas no desenvolvimento do processo de ensino da experiência estética literária na escola. A pesquisa de natureza empírica-interventiva, portanto pesquisa participante, aconteceu em uma escola da rede municipal do município de Altamira-PA. A intervenção foi feita através de uma proposta de mediação, denominada *Uma leitura para cada dia*; foi pensada e aplicada pela professora-pesquisadora em duas turmas de 6º ano. Nesta intervenção, abordamos o estudo da estética literária, buscando proporcionar aos alunos contato com textos literários, produções audiovisuais que interagem entre si e com o valor estético que estes têm em relação ao aspecto formador holístico do indivíduo. A *corpora* desta pesquisa foram as aulas de Língua Portuguesa, o próprio fazer pedagógico, registrados pontualmente através de vídeo, imagens e anotações em diários de bordo (tanto da docente quanto dos discentes). As etapas da pesquisa seguiram os pressupostos de Minayo (2009) e dividiram-se em três: 1. fase exploratória; 2. trabalho de campo; 3. análise e tratamento de material empírico e documental. Os resultados apontam para a importância do contato com a literatura e a relevância da vivência estética literária por meio do estudo e da realização das leituras de textos literários, em relação à formação da criança em todos os aspectos, especialmente na construção de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, assim como os da sociedade a que pertence; apontam também para a necessidade da formação continuada do docente, elemento fundamental para uma maior possibilidade de um trabalho pedagógico voltado para uma abordagem mais integral, dinâmica e reflexiva.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Estética. Educação escolar.

ABSTRACT

This dissertation is linked to the Study, Research, and Intervention Group in Reading, Writing, and Literature in School (LELIT) and to the Professional Master's Program in Letters - PROFLETRAS. The aim is to observe how aesthetic education in schools, systematically conducted through literature, can contribute to the holistic development of human beings, considering the context in which it occurs. It examines the functionality, efficiency, and diversity of such activities, specifically the ways of providing aesthetic experiences, while pointing out possibilities and limitations encountered in the teaching process of literary aesthetic experience in schools. This empirical-interventionist research, therefore a participatory research, was conducted in a municipal school in Altamira / PA. The intervention involved a mediation proposal called "One Reading for Each Day," designed and implemented by the teacher/researcher in two 6th-grade classes. This intervention focused on the study of literary aesthetics, aiming to expose students to literary texts and audiovisual productions that interact with each other, emphasizing the aesthetic value these texts hold in shaping the holistic development of individuals. The research corpus consisted of Portuguese language classes and the pedagogical practices themselves, documented meticulously through video recordings, images, and diary entries (both by the teacher and the students). The research followed Minayo's (2009) assumptions and comprised three stages: 1. exploratory phase; 2. fieldwork; 3. analysis and treatment of empirical and documentary material. The findings underscore the importance of literary engagement and the relevance of literary aesthetic experience through the study and reading of literary texts in child development across all aspects, especially in the formation of their personality through aesthetic development and critical thinking. This fosters reflection on their own values and beliefs, as well as those of the society to which they belong. The results also highlight the need for continuous teacher training, a fundamental element for enabling a more comprehensive, dynamic, and reflective approach in educational practices.

Keywords: Reading. Literature. Aesthetics. School education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
PARTE 1 – SITUANDO O OBJETO DE PESQUISA	15
2 ESTÉTICA	15
3 A LITERATURA E SUAS ESPECIFICIDADES	21
4 ARTE, LITERATURA E ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	24
4.1 Por que precisamos experimentar Arte e Literatura?	31
4.2 Por que oferecer Experiência Estética por meio da Literatura?	35
4.3 Como o Campo Artístico-Literário da BNCC participa?.....	39
4.4 Como ocorre a Leitura e a Literatura nas aulas de Língua Portuguesa?	43
4.5 Como o Material Didático participa?	48
PARTE 2 – A PESQUISA EM AÇÃO	52
5 SITUANDO A METODOLOGIA DESTA PESQUISA	52
6 CONHECENDO AS TURMAS	55
7 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO DA SALA DE AULA	61
7.1 Bloco 1	62
7.2 Bloco 2	64
7.3 Bloco 3	66
7.4 Bloco 4	67
7.5 Bloco 5	69
7.6 Bloco 6	70
7.7 Bloco 7	72
7.8 Bloco 8	74
7.9 Bloco 9	75
7.10 Bloco 10.....	76
7.11 Bloco 11.....	77
7.12 Bloco 12.....	78
7.13 Bloco 13.....	80
7.14 Bloco 14.....	82
7.15 Bloco 15.....	84
7.16 Bloco 16.....	85
7.17 Bloco 17.....	12
7.18 Bloco 18.....	87
7.19 Bloco 19.....	88
7.20 Bloco 20.....	90

9 LIMITES E POSSIBILIDADES NA APLICAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO	115
9.1 Limites	115
9.2 Possibilidades	120
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
APÊNDICE – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	132

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais funções da escola, lugar de estudo e aprendizagem, é formar cidadãos participantes de uma cultura escrita. Nesse sentido, a leitura pode ser uma ferramenta poderosa para a emancipação individual e coletiva, bem como permite que as pessoas compreendam e questionem o mundo em que vivem, desenvolvendo pensamento e reflexão que podem promover mudanças sociais.

É no ambiente escolar que oferecemos aos estudantes, formações e experiências leitoras, ao abordarmos estética literária e ao apresentarmos literatura às crianças e adolescentes de maneira enriquecedora e estimulante, proporcionamos-lhes experiências estéticas que não viveriam em nenhum outro lugar.

O olhar sensível e experiente de um escritor, trazendo ao leitor imagens longínquas, contribui para momentos de fabulação, entendida aqui como a capacidade de criar, imaginar e narrar histórias. Fatores cruciais para a construção do pensamento e da sensibilidade.

Deste modo, ao promover experiências autênticas com o texto literário em sala de aula, não apenas oferecemos aos alunos uma porta de entrada para o mundo da imaginação e da estética, mas também os capacitamos a explorar e compreender suas próprias emoções e perspectivas sobre a vida.

A educação estética enfatiza o desenvolvimento da sensibilidade estética, da apreciação da arte e da cultura, da criatividade e do pensamento crítico. E isto não se limita às artes visuais, abrange todas as expressões artísticas, incluindo música, literatura, dança e teatro. De tão relevante para o desenvolvimento pessoal e social, a estética literária ainda promove respeito, tolerância e criatividade.

Na tentativa de contribuir com a construção de um olhar compreensivo, perspicaz e sensível da arte, da cultura, do mundo, bem como com o desenvolvimento pessoal e social dos estudantes do ensino fundamental, nos propomos a oferecer em sala de aula, por meio de leitura de textos literários, produção textual criativa, apreciação de imagens e vídeos, experiências estéticas literárias; momentos para a construção e consolidação desses saberes.

Entendemos que, expondo a criança ao máximo de experiências possíveis dentro e fora da sala de aula, estamos contribuindo diariamente para o enriquecimento de sua formação pessoal. A cada história lida ou contada, através das histórias, experiências e visões de outros, as crianças têm oportunidade de recontar, se reconhecer, criar e contar sua própria história.

A relação entre a exposição de crianças e adolescentes a diferentes estímulos sensoriais, experiências vividas e à capacidade de assimilar e expressar conhecimento é o cerne desta

produção e, para tanto, buscamos observar e entender esse processo de oferta e recepção, através dos sinais que cada indivíduo pode apresentar durante sua participação e envolvimento com as atividades desenvolvidas.

Durante nosso percurso de construção deste estudo sobre a importância da literatura, ancorados em Candido (2011), e com experiência estética em nossas vidas, guiada por Vigotski (2009), observamos a arte como uma forma de conhecimento que não só enriquece a compreensão do mundo, mas também potencializa a capacidade humana de agir sobre ele de maneira significativa e transformadora.

Ao percorremos este vasto caminho de hipóteses, possibilidades, afirmações, visões, elaboramos essa dissertação, produto de um estudo realizado em uma escola pública do município de Altamira-PA.

O trabalho tem por objetivo proporcionar aos alunos do 6º ano, crianças e adolescentes com idade entre 11 e 12 anos, formação estética literária e está dividida em duas partes. A intenção é que, por meio de vivências, cuidadosamente planejadas e executadas com obras literárias, a educação escolar possa oferecer uma educação estética significativa aos estudantes.

Estudiosos, como Ramos e Zanolla (2012), destacam a importância de incorporar a educação estética de maneira deliberada ao ambiente escolar, reconhecendo o potencial transformador da experiência artística na formação integral dos estudantes, promovendo uma apreciação mais profunda e reflexiva da arte e da cultura.

Neste sentido, produzimos a primeira parte, considerando o estudo conceitual sobre estética, com ênfase na estética literária, buscando ampliar o entendimento a respeito do termo *estética*, sua origem, significado, sentido no texto, no contexto social, sua relação com a educação e particularidades na literatura.

Durante os estudos teóricos sobre a literatura, identificamos a relevância e o espaço que esta deve ocupar na sociedade; elencamos algumas de suas especificidades, apontando a linguagem como uma das suas principais particularidades na construção textual literária. Ressaltamos a presença, participação e o papel que essa arte desempenha na cotidianidade das pessoas.

No item que escrevemos sobre leitura, arte, literatura e estética na educação escolar, algumas questões nos guiaram na consolidação e conclusão da pesquisa conceitual. Na tentativa de respondê-las, vejamos como cada uma se apresenta nessa organização teórico-textual.

1. Por que precisamos experimentar arte, literatura e estética?
2. Por que oferecer estética por meio da literatura?
3. Como o campo artístico-literário participa da BNCC?

4. Como ocorre a leitura e a literatura nas aulas de língua portuguesa?
5. Como o material didático participa?

A partir deste estudo consolidado, partimos rumo à parte denominada Pesquisa em Ação, dedicada ainda à fundamentação teórica e ao detalhamento da metodologia usada na pesquisa aplicada. É neste momento que apresentamos o espaço onde a pesquisa acontece, o acervo de obras criteriosamente selecionadas, que compõe a caixa literária e o público envolvido em todo o processo de estudo.

Na intenção de compartilhar parte dos estudos e reflexões realizadas durante o cotidiano das aulas de língua portuguesa, fazemos uma breve exposição das vivências e aprendizagens no espaço da sala de aula, a partir do desenvolvimento da proposta de intervenção: “Uma leitura para cada dia”.

Para isso, oferecemos aos 70 alunos das turmas do 6º ano do turno matutino da Escola Dr. Ulysses Guimarães, através de leituras literárias, uma série de atividades de forma sistematizada, com foco direto na literatura. Durante esse período de estudo com os textos literários, os alunos participaram de diversas formas de leituras, rodas de conversas, assistências de vídeos e produções textuais, o que lhes proporcionou momentos de muita interação e conhecimento.

Nossa proposta de intervenção foi organizada em vinte blocos, cada um deles formado por dois encontros realizados durante as aulas de língua portuguesa, a partir dos quais oportunizamos aos estudantes, diariamente, o conhecimento de uma ou mais obras literárias. Geralmente, o primeiro contato com os livros, textos, eram feitos pelas mãos e voz da professora. Depois eram disponibilizados para todos.

Durante o desenvolvimento da proposta de intervenção, a cada encontro, fomos observando e vivenciando diversas possibilidades de realizar com os alunos o estudo da literatura e as leituras literárias, assim como os limites que permeavam cada atividade proposta, questões essas discutidas em um dos últimos itens que constitui a construção textual da pesquisa.

Logo depois, apontamos nossas reflexões e aprendizagens sobre os resultados a que chegamos ao final do processo de estudo e aplicabilidade das atividades propostas do projeto de intervenção, a partir das leituras e observações dos diários de bordo, cadernetas distribuídas aos alunos e à professora no início do semestre, principal suporte de registro diário de suas percepções sobre as atividades desenvolvidas durante as aulas.

Por entender a importância de compartilhar as possibilidades de atividades a serem desenvolvidas na escola, optamos, ao final, por agregar à dissertação a Proposta de Intervenção,

constituída por inúmeras estratégias para a realização de atividades relacionadas aos trabalhos com textos de gêneros literários, como contos, poemas e outros, de autores e temáticas diversos.

Cada encontro proposto tem seus objetivos e sugestões de obras a serem apresentadas e estudadas com estudantes de vários níveis de ensino. É claro que toda a organização da proposta é flexível e não só pode, como deve, ser adequada ao público destinado.

Portanto, ressaltamos que nosso suporte na realização da pesquisa aplicada tem como prioridade, a partir das leituras dos textos literários e da percepção das experiências estéticas envolvidas neles, que o aluno consiga perceber, refletir e pensar na literatura como um elemento que, quando presente em sua vida, possa possibilitar a suscitação de sentimentos, além de ampliar a capacidade de apreciar a linguagem artística, o ritmo, a sonoridade e a estrutura das obras literárias. Com isso, fazê-lo desenvolver afetivamente uma compreensão da estética literária e do mundo que o rodeia com mais clareza e veemência.

PARTE 1 – SITUANDO O OBJETO DE PESQUISA

2 ESTÉTICA

A palavra “Estética” tem origem no grego “aisthesis”, significa precisamente “sensação” ou “percepção”, com derivações, como sensibilidade e sentimento; busca compreender a natureza da beleza, do gosto, da arte, como ela é percebida e avaliada pelos seres humanos. Nas palavras de Benedito Nunes (1991, p. 12), “aisthesis, de onde derivou estética, significa o que é sensível ou o que se relaciona com a sensibilidade”.

Massaud Moisés (2004, p. 168), em seu “Dicionário de Termos Literários”, aborda o conceito de estética como área de estudo que se concentra na análise da percepção e julgamento de beleza e arte. Nesse sentido, afirma:

O vocábulo designa, *lato sensu*, o conhecimento da beleza na arte e na natureza, a teoria ou a filosofia do Belo, entendendo-se por Belo, o conjunto de sensações experimentadas no contato com a obra de arte ou manifestação da natureza. *Stricto sensu*, equivale à teoria ou a filosofia da arte.

Assim, o termo está relacionado ao campo da filosofia que investiga o belo, o gosto, o prazer estético e a apreciação artística. O estudioso enfatiza, ainda, que a estética busca entender como os seres humanos respondem às obras de arte e à experiência estética, intrinsecamente ligada à literatura, uma das principais formas de expressão artística e, portanto, estética.

Segundo Vigotski (2003, p. 229),

a vivência estética é estruturada conforme o modelo exato de uma reação comum, que necessariamente pressupõe a presença de três componentes: excitação, elaboração [processamento] e resposta. [...]. No entanto, essas influências sensíveis estão organizadas e construídas de tal forma que despertam no organismo um tipo de reação diferente do habitual, e essa atividade peculiar, ligada aos estímulos estéticos, é que constitui a natureza da vivência estética.

O texto acima destaca a natureza da vivência estética, ressaltando que ela segue uma estrutura semelhante à de outras reações humanas, composta por excitação, elaboração/processamento e resposta. No entanto, a experiência estética se diferencia, ao despertar no organismo uma reação distinta do usual, sugerindo que, ao entrar em contato com estímulos estéticos, como obras de arte, música ou literatura, nossa mente e corpo respondem de maneira única, transcendendo à simples percepção sensorial.

Assim, a partir dos textos de Vigotski (2003) e Massaud (2004), podemos considerar a profundidade e a complexidade da experiência estética, uma vez que ela não se limita apenas à apreciação superficial, mas envolve uma interação dinâmica entre nossa sensibilidade,

pensamento e emoções.

A estética se aplica em diversos campos – Arte, Moda, Arquitetura, Design, Música, Cinema, Literatura –, para analisar, interpretar e criar obras esteticamente agradáveis e significativas, com qualidades visuais ou sensoriais percebidas como agradáveis aos sentidos. Ela é subjetiva e varia de pessoa para pessoa, envolvendo elementos, como harmonia, equilíbrio, proporção, simetria, cores agradáveis, texturas atraentes e composições bem pensadas. Para Duarte (2011), a experiência estética não é apenas uma contemplação, mas uma participação ativa do sujeito na construção de significados e na transformação da realidade.

Segundo Benedito Nunes (1991, p. 14), a perspectiva inicial da Estética, o Belo, definida pelo fundador dessa disciplina, Baumgarten, e consolidada por Emmanuel Kant, desdobra-se em outras perspectivas parciais que se interligam, entre estas estão o estudo da experiência estética e a investigação da estrutura das obras de arte. Ainda nas palavras do estudioso, “assim, na acepção ampla para a qual todas essas correntes confluem, a Estética é tanto filosofia do Belo como filosofia da Arte”.

Ao longo da história da Filosofia e da Arte, a estética é assumida como uma área de estudo relevante, com concentração na compreensão do que é a beleza, do que é a arte, da relação entre as formas estéticas e as emoções, bem como em nossa experiência e compreensão do mundo, assim consideramos pertinente tecer um breve percurso sobre sua história. De acordo com Nunes (1991), Baumgarten definiu o Belo como a perfeição do conhecimento sensível, e Kant, mais tarde, o estabelece, em sua obra *Crítica do Juízo*, como elemento autônomo.

Desde o século IV a. C., com filósofos gregos, como Platão e Aristóteles, questões relacionadas à estética já eram debatidas “como por exemplo, que é Arte? Que é Belo?” (Moisés, 2004, p. 38); mas, vale ressaltar que, segundo Nunes (1991), como disciplina filosófica, a estética surge somente no século XVIII.

Segundo Suassuna (2013), Platão e Aristóteles pensavam a estética como forma de conhecimento que buscava compreender o que é o belo e como ele poderia afetar a vida humana. Exploraram a natureza da arte e da beleza. Platão via a arte como imitação imperfeita da realidade, que levava as pessoas a se afastar do mundo real.

Platão via o universo como dividido em dois mundos, o mundo em ruína e o mundo em forma. O nosso mundo, este mundo sensível que temos diante dos nossos olhos, é o campo da ruína, da morte, da decadência. O mundo autêntico, o mundo em forma do qual o nosso recebe existência e significação, é aquele mundo das essências, da Ideias Puras, às quais acabamos de nos referir. É o mundo eterno e imutável que existe acima do nosso e que chama o daqui para seu seio. Nesse mundo, a Verdade, a Beleza e o Bem são essências superiores, ligadas diretamente ao Ser. Cada ser do nosso mundo em ruína, tem, no outro, um modelo: os padrões, os arquétipos, situam-se entre os seres sensíveis e as essências superiores da Verdade, do Bem e da Beleza

(Suassuna, 2013, p. 24).

Para Platão, o belo se identifica com o bom, e toda a estética idealista tem como origem essa noção platônica. Aristóteles via a arte como forma de expressão usada para explorar a natureza humana, pois tem como base dois princípios realistas: a teoria da imitação e a catarse.

Aristóteles abandona inteiramente o idealismo platônico, no que se refere à Beleza como em outros campos. Segundo seu pensamento — cujo organismo genial foi chamado por Bergson de “a filosofia natural do espírito humano” — a beleza de um objeto não depende de sua maior ou menor participação numa Beleza suprema, absoluta, subsistente por si mesma no mundo suprassensível das Essências Puras. Decorre, apenas, de certa harmonia, ou ordenação, existente entre as partes desse objeto entre si e em relação ao todo. Quanto àquela forma especial de Beleza que mais interessava aos gregos, o Belo, exigia ele, ainda, outras características, entre as quais as mais importantes eram uma certa grandeza, ou imponência, e, ao mesmo tempo, proporção e medida nessa grandeza (Suassuna, 2013, p. 28).

Na Idade Média, a estética foi influenciada pelo pensamento cristão, que enfatizava a importância da beleza e da criação divina. “A beleza, para os filósofos medievais, pertence essencialmente a Deus. É a luz superior, o brilho da Verdade Divina nas coisas, fazendo-se sensível aos olhos do espírito. A relação entre a Beleza e as artes não é essencial, mas acidental” (Nunes, 1991, p. 9).

Ainda abordando a compreensão metafísica da beleza, para a qual a estética é interligada com a teologia e a filosofia espiritual, a arte serve como um meio de contemplação e elevação espiritual, refletindo a ordem divina presente na natureza. Costa afirma que a arte deve servir, assim como a ética e a moral, como um meio de orientar e guiar o homem para Deus.

Assim sendo, fazer arte na Idade Média significa contemplar (copiar ou imitar) a natureza e o homem não enquanto fins em si mesmo ou como especulação racional, mas como meio ou caminho para elevar o homem a Deus, visto que seguir regras da natureza é o mesmo que seguir a Ordem divina impressa nela por Deus (Costa, 2011, p. 14).

Então, na Idade Média, havia uma preferência pelo estético como algo metafísico e transcendental, focado no mundo interior do homem – a alma –, que era considerada o sujeito moral e estético do mundo.

No Renascimento, os artistas começaram a explorar a perspectiva e a proporção, levando a um novo interesse na beleza natural e humana. Foi nesse período que se deu a união teórica do Belo com a Arte. A partir de então, passa-se a falar em “beleza natural” discutindo a relação entre a beleza natural e a beleza artística, na qual a arte, se submetendo à beleza natural, transforma essa beleza em uma forma artística, ou seja, a beleza encontrada na natureza serve como um modelo ou inspiração para a arte e, quando essa beleza é incorporada à criação artística, ela se transforma em uma nova forma de beleza, a beleza artística. Assim, a arte não

apenas imita a natureza, mas também a transcende, criando algo.

Destacamos, no século XVIII, a origem e estabelecimento da estética como uma disciplina filosófica, ressaltando a contribuição de Baumgarten e a definição inicial da estética como um estudo dedicado ao belo e à arte, fazendo da apreciação da beleza seu tema fundamental. A partir desse momento, o impulso aos progressos da estética fica por conta de Kant, que propôs que a experiência estética (o Belo) fosse baseada no julgamento subjetivo e desinteressado do belo, para o qual o prazer estético era independente de conceitos e utilidade prática.

Suassuna (2013, p. 40), em *Teoria Kantiana da Beleza*, destaca que Kant estuda “o ato de consciência que julga a beleza”, afirmando que o sentimento da Beleza não procura satisfazer nenhuma inclinação. Pelo menos diretamente, é um sentimento puramente contemplativo; não é turvado por nenhum desejo, “é um prazer desprovido de interesse”, “um prazer desinteressado”.

Após Kant, a questão da experiência estética foi interpretada de diferentes maneiras pelas diversas tendências e correntes filosóficas do século XIX. Essas diferentes interpretações mostram como a ideia de experiência estética evoluiu e foi enriquecida após Kant, refletindo as mudanças culturais e intelectuais do século XIX.

No século seguinte, a estética foi influenciada pelo romântico, pelo Cubismo, pelo Surrealismo e pelo Expressionismo abstrato, passando por uma diversificação e expansão significativas. Movimentos, como o modernismo e o pós-modernismo desafiam as noções tradicionais de beleza e arte, por isso refletem a complexidade e a pluralidade da experiência estética no século XX, marcada por uma constante busca por novas formas de expressão e compreensão do belo. Filósofos, como Walter Benjamin e Theodor Adorno discutiram a relação entre arte, indústria cultural e política e, mais recentemente, a estética se expandiu para incluir áreas, como a estética ambiental, que explora a relação entre beleza e meio ambiente.

Além da expressividade da estética na vida da humanidade, que se refere ao campo amplo das artes visuais, envolvendo beleza, harmonia, equilíbrio e expressividade em diferentes formas de manifestação, como a pintura, a escultura e a arquitetura, a estética literária é um campo de estudo que se concentra na análise da arte e da beleza na literatura, abordando a forma como a literatura é escrita, estruturada e apresentada, bem como a maneira como esses elementos se apresentam diante da experiência do leitor, esteticamente, pois “a arte da palavra desde sempre estabeleceu nexos com outras manifestações artísticas” (Bernardes; Mateus, 2013, p. 92).

Através do uso cuidadoso de linguagem, os escritores buscam a harmonia na construção

das frases, a fluidez na narrativa e a capacidade de despertar resposta emocional no leitor.

As obras estético-literárias trazem para a vida das pessoas, situações nas quais decisivas experiências humanas aparecem intensificadas e configuradas de tal maneira que mobilizam a subjetividade para muito além da cotidianidade, num movimento em direção tanto ao núcleo da própria personalidade como da realidade social (Duarte, Ferreira, Saccomani; Assumpção, 2012, p. 35-36).

A estética literária explora questões como a linguagem e a escolha de palavras, o uso de imagens, metáforas e símbolos; a estrutura e organização da obra, bem como o papel do leitor na criação do significado e da beleza. Preocupa-se em compreender como os elementos formais e estilísticos da literatura trabalham juntos para criar uma experiência única e significativa para o leitor.

Embora a beleza e a qualidade estética da literatura possam ser subjetivas, a análise estética ajuda a identificar características formais e estilísticas que contribuem para a qualidade da obra, observando como essas diferentes formas de arte se influenciam mutuamente.

A temática é outro fator relevante. A estética é um tema rico e versátil em textos literários, permitindo explorar questões complexas relacionadas à percepção da beleza, à influência da estética nas escolhas e ações das personagens e à conexão entre estética e significado mais amplo na narrativa.

Temas diversos vêm aparecendo de maneira frequente e potente, desde questões sociais e políticas até a exploração da vida cotidiana e das experiências pessoais; está cada vez mais inclusiva, com escritores de origens e identidades diversas.

A presença de minorias e a representação de experiências desses grupos ancoradas pela subjetividade ajudam a ampliar a compreensão e a empatia. Alguns dos temas em destaque na literatura, principalmente na contemporaneidade, incluem a diversidade, a representação de minorias, a exploração da subjetividade.

Um dos aspectos mais relevantes da literatura nos dias de hoje é a diversidade, tanto em temas quanto autores, presente nos livros didáticos e demais livros literários que compõem os acervos do ensino fundamental e das “salas de leitura” nas escolas. Porém, isso não significa que a literatura esteja presente e seja apreciada de maneira satisfatória, sua presença é diminuta, fragmentada e usada apenas como recurso pedagógico.

Ao apreciar uma obra literária, os leitores são atraídos pela combinação de elementos estéticos do texto, como originalidade da linguagem, riqueza das descrições e habilidade do autor em criar atmosferas e cenários imaginativos. Segundo Ramos e Zanolla (2012, p. 254), “Ler a narrativa como experiência possibilita que a história não apenas seja significada pelo leitor, mas que o leitor se revise, se ressignifique a partir das inquietações propostas pelo texto,

contribui para a educação estética do leitor”.

A estética literária possibilita experiência ímpar, já que transporta o leitor para mundos fictícios ou realidades reinterpretadas, despertando sua imaginação e proporcionando prazer estético, oferecendo-lhe experiência significativa e enriquecedora.

3 A LITERATURA E SUAS ESPECIFICIDADES

Literatura é a expressão artística que utiliza a linguagem escrita ou oral para criar obras de valor estético e significado profundo, englobando diversos gêneros, como romance, poesia, conto, drama, ensaio. Tem o poder de transmitir ideias, provocar emoções, reflexões e experiências humanas, oferecendo uma forma específica de conhecimento, envolvendo a aliança entre a vertente intelectual e a vertente emocional, abordando temas diversos, como amor, amizade, conflitos sociais, questões filosóficas, políticas e existenciais.

Britto (2015, p. 56), dissertando sobre esta questão, diz:

A arte – a literatura é a arte da palavra – nasce do e no pleno espanto do viver; interpela continuamente a condição humana – suas emoções e de desejos; e faz assim, não somente em sua forma imediata, mas em todas as formas possíveis. A arte, em uma certa medida muito significativa, se opõe ao fazer científico, que se pauta pela tentativa de controlar a subjetividade: a arte alimenta-se dessa subjetividade e só se realiza em função dela.

Observamos que o estudioso ressalta a essência da arte, especialmente da literatura, como uma expressão que surge e se desenvolve a partir do profundo espanto da existência humana. A arte, por meio da palavra e de outras formas de expressão, constantemente questiona e aborda a condição humana, explorando suas emoções, desejos e anseios. Ao contrário da abordagem científica, que busca controlar e objetivar a subjetividade, a arte se nutre dessa subjetividade e encontra sua realização através dela.

Ao longo da história, a literatura assumiu diferentes formas e estilos, refletindo as características e preocupações de cada período, desempenhando, assim, papel importante na preservação da memória coletiva, na crítica social e na ampliação dos horizontes do conhecimento humano, podendo ser apreciada de diversas maneiras.

Candido (2011, p. 176-177), ao definir Literatura, afirma:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas de produção escrita das grandes civilizações.

Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homens que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo.

O texto apresenta uma visão ampla e inclusiva da literatura, abrangendo todas as formas de expressão poética, ficcional ou dramática presentes em diferentes sociedades e culturas, desde o folclore e as lendas até as obras mais elaboradas das grandes civilizações.

Nessa perspectiva, a literatura é vista como uma manifestação universal, uma parte intrínseca da experiência humana em todas as épocas, em todas as partes do mundo.

Assim, precisamos reconhecer a importância da literatura como uma parte essencial da experiência humana, capaz de nos conectar uns aos outros e proporcionar-nos insights profundos sobre a condição humana. Além disso, observamos a universalidade da necessidade de fabulação, demonstrando que, independentemente de nossa origem cultural ou social, todos compartilhamos o impulso de nos envolver com histórias e criar nossos próprios universos imaginativos.

Candido (1995) ressalta que a literatura exerce função humanizadora ao estimular a empatia, a reflexão crítica e o desenvolvimento pessoal. Ela nos conecta com a diversidade humana, amplia nossa compreensão do mundo.

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1995, p. 180).

O autor enfatiza o papel fundamental da literatura no desenvolvimento dos traços essenciais que consideramos humanos, como a capacidade de reflexão, a busca pelo conhecimento, a empatia pelo próximo, o refinamento emocional, a habilidade de enfrentar os desafios da vida, a apreciação da beleza, a compreensão da complexidade do mundo e das pessoas, e até mesmo o cultivo do humor.

A literatura é uma forma de arte que apresenta especificidades em relação a outras formas de expressão artística e está diretamente relacionada à linguagem, se destacando por seu foco na estética, na expressão criativa e na exploração de questões profundas e universais, diferenciando-se de formas de linguagem utilitárias e informativas.

A linguagem literária cria uma experiência artística e emocionalmente envolvente. Através das palavras, o escritor cria mundos imaginários, personagens, situações e histórias, utilizando a metáfora, a ironia, o simbolismo e a ambiguidade na construção e ampliação das possibilidades de significados e sentidos.

Para além do que contam, importa como são narrados os contos, romances, poemas, textos dramáticos. Mais que histórias, esses textos são elaborações intencionais da língua, que escolhem dizer de um jeito e não de outro, suas narrativas e poéticas, convidando o leitor a experimentar as possibilidades da língua, que silencia, sussurra e grita com as mesmas palavras (Farias; Britto; Santos, 2019, p. 163).

O texto destaca a importância da forma como as histórias são narradas, enfatizando que

além do conteúdo, é crucial considerar a maneira como os textos são elaborados, argumentando que esses textos são expressões intencionais da língua, fazendo escolhas específicas na forma de contar suas narrativas e poéticas.

A subjetividade e a intertextualidade fazem parte do grupo das peculiaridades literárias. Os textos literários são marcados pela subjetividade; através da literatura o autor expressa suas emoções, suas ideias, suas experiências e suas reflexões sobre a vida e sobre o mundo.

Há algo muito particular na percepção do que seja a leitura quando ela é percebida desde a concepção liberal de mundo e de história: o sujeito reificado – desprovido de concretude e historicidade – se locupleta de verdades que se manifestam como se fossem dele. Disto decorre a inflação subjetiva, fenômeno ideológico que produz e reverbera a ilusão de que cada um é a origem de si mesmo e que seus modos de ser e suas ideias nascem dele, com ele (Britto, 2017, p. 20).

A intertextualidade se apresenta na possibilidade de relacionar determinada obra com outras; os escritores, ao fazerem essa referência, dialogam com outros autores e estabelecem relações intertextuais.

A literatura, ao revelar inúmeros caminhos como forma de expressão artística e cultural, tem o poder de apresentar ampla variedade de perspectivas, experiências e histórias. Oferece insights, ensinamentos e visões de mundo diferentes, permitindo que os leitores explorem e compreendam aspectos da vida, da sociedade e da condição humana.

A literatura, de um jeito especial, pode abrir portas para a imaginação, oferecer novas maneiras de ver o mundo e proporcionar uma rica variedade de experiências por meio das histórias que conta. O trabalho com as palavras e o ritmo do texto nos afeta de um jeito particular; as marcas deixadas por quem escreveu aquilo, que mostrou ou ocultou; essa construção da linguagem emocional, nos faz sentir medo, rir, nos encantar, nos oferecendo uma experiência estética ímpar.

4 ARTE, LITERATURA E ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A educação estética é uma abordagem educacional que enfatiza o desenvolvimento da sensibilidade estética, da capacidade de apreciar a arte, assim como a beleza. Ela busca promover uma compreensão mais profunda da arte, da cultura e do mundo, em geral. Isso pode ajudar a desenvolver uma maior sensibilidade, empatia e compaixão, promovendo, assim, uma cultura de respeito, além de tolerância mútuos.

A discussão sobre a formação da sensibilidade humana remete à educação em geral e, mais especificamente, à escola. É no ambiente escolar que as artes mais ricas devem ser ensinadas. Assim, os indivíduos vão aos poucos desenvolvendo a sensibilidade, tornando-se indivíduos educados esteticamente e capazes de atingirem a catarse (Assumpção; Duarte, 2016, p. 213).

Diante da fala dos estudiosos em relação à catarse, entendemos que seja necessário abordarmos mais profundamente alguns conceitos sobre catarse a partir dos olhares de alguns estudiosos em dicionários diversos.

Começando pelo dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, CATARSE (C.) é Libertação do que é estranho à essência ou à natureza de uma coisa e que, por isso, a perturba ou corrompe. Esse termo, de origem médica, significa “purgação”. Platão a define como “a discriminação que conserva o melhor e rejeita o pior” (Sof, 226 d). E lembra a existência de livros de Museu e Orfeu, segundo os quais “os adeptos celebram sacrifícios persuadindo cidadãos e cidades inteiras de que existem absolvições e purificações dos atos injustos, por meio de sacrifícios e jogos aprazíveis, tanto para os vivos como para os mortos”. Empédocles chamou de Purificações (ικάθαρσις) um dos seus poemas que, precisamente, se inspirava no orfismo.

Em Platão, esse termo tem acepção moral e metafísica. Designa, em primeiro lugar, a libertação em relação aos prazeres (Fed., 67 a, 69 c); em segundo lugar, a libertação da alma em relação ao corpo, no sentido de que a alma se separa ou se retira das atividades físicas e realiza, já em vida, a separação total, que é a morte (Ibíd, 67 c). Plotino insistirá neste último aspecto; para ele, a virtude purifica a alma dos desejos e de todas as outras emoções, no sentido de que separa a alma do corpo e faz que a alma se recolha em si mesma e se torne impassível (Emn., I, 2, 5).

Aristóteles utilizou amplamente esse termo em seu significado médico, nas obras sobre história natural, como purificação ou purgação. Mas, foi o primeiro que o usou para designar também um fenômeno estético, qual seja, uma espécie de libertação ou serenidade que a poesia e, em particular, o drama e a música provocam no homem. “A tragédia”, disse ele, “é imitação elevada e completa da ação, que tem certa extensão, pela linguagem e diversas espécies de

adornos distribuídos em suas várias partes; imitação realizada por atores e não em forma narrativa e que, suscitando o terror e a piedade, chega à purificação de tais afetos” (Poet., 1449 b, 24 ss.).

É muito curioso que Aristóteles, apesar de examinar todos os elementos da tragédia, não se demore na explicação do que é C.; isso quer dizer que, aí, utiliza a palavra no sentido geral de serenidade e calma, embora não de ausência total de emoções; sentido que coaduna com o que ele diz sobre a música, em Política. Nessa obra, observa que algumas pessoas, fortemente abaladas por emoções, como piedade, medo e entusiasmo, ao ouvirem cantos sacros que impressionam a alma, “encontram-se nas condições de quem foi curado ou purificado”.

Todas as outras emoções também podem sofrer “purificação e agradável alívio”. E “as músicas mais aptas a produzir purificação transmitem uma alegria inocente aos homens” (Pol., VIII, 7, 1.342 a 17). Das muitas interpretações sobre a C. estética, prevalece a de Goethe (Nachlese zu Aristot. Poetik, 1826), para quem ela consistiria no equilíbrio das emoções que a arte trágica induz no espectador, depois de ter suscitado nele essas mesmas emoções, e, portanto, na sensação de serenidade e pacificação que ela proporciona. Ainda que haja algo de semelhante em Aristóteles, é preciso observar que, para ele, o significado da C. estética não é diferente do da C. médica ou moral: uma espécie de tratamento das afecções (físicas ou espirituais) que não as anula, mas as reduz a dimensões em que são compatíveis com a razão.

Na cultura moderna, o termo C. foi usado quase exclusivamente como referência à função libertadora da arte. Freud às vezes chamou de C. o processo de sublimação da libido (v. AMOR), pelo qual a libido se separa do seu conteúdo primitivo, ou seja, da sensação voluptuosa e dos objetos a ela ligados, para concentrar-se em outros objetos que serão amados por si mesmos.

O dicionário de Termos Literários, de Massaud Moisés (2004), nos diz que o termo catarse (kátharsis) vem do grego e significa “purificação”. O autor diz que, segundo Aristóteles, ela ocorria através de uma grande descarga de sentimentos e emoções, provocada pela visualização de obras teatrais: tragédias ou dramas. Quando o público entrava em contato com a linguagem poética, a plateia era capaz de captar tais emoções (terror, medo e piedade) e, assim, liberar-se das suas. “A catarse possui um efeito momentâneo de elevação da singularidade do indivíduo, isto, é, esse processo “purificador” guarda o potencial de enriquecer a subjetividade” (Assunção; Duarte, 2016, p. 214).

Houaiss, o dicionário de Língua portuguesa, aponta um conceito muito amplo do termo Catarse, uma vez que é utilizado em diversos ramos do conhecimento, como Artes, Psicologia, Medicina, Religião, Educação. Porém, filosoficamente, indica limpeza e purificação. A catarse

nas artes corresponde à sensação de “limpeza, leveza, renovação e purificação” que o ser humano atinge quando entra em contato com alguma obra artística, ou seja, a catarse nas artes representa a liberação da tensão emocional e proporciona fortes emoções além do sentimento de alívio. Nesse sentido, catarse está diretamente relacionado ao contexto desta pesquisa, uma vez que o termo se refere ao efeito emocional que uma obra de arte pode ter sobre o espectador, proporcionando experiência de purificação ou liberação das emoções.

A catarse pode ser entendida como um processo no qual se revela o êxito do efeito do realismo da obra de arte sobre o indivíduo receptor. A catarse é o processo pelo qual o indivíduo receptor é colocado esteticamente em confronto com a essência da realidade, por meio da superação, ainda que momentânea, da heterogeneidade extensiva própria à vida cotidiana (Duarte, 2008, p. 5).

O texto aborda a ideia da catarse como um processo proporcionado pela obra de arte, especialmente pelo realismo nela contido, que leva o receptor a um confronto estético com a essência da realidade. Esse confronto envolve uma superação temporária da fragmentação e da diversidade que caracterizam a vida cotidiana.

A educação estética ajuda as pessoas a desenvolverem habilidade de análise, interpretação, síntese, assim como capacidade de gerar novas ideias e perspectivas criativas. O espaço mais propício para oferecer possibilidades de vivências desta natureza é a escola. Farias (2019, p. 6) destaca que “apesar dos problemas de limitação impostos pelas desigualdades sociais e econômicas no Brasil, [...] a escola continua sendo a principal promessa de vir a ser alguém, especialmente para grupos economicamente vulneráveis”.

Para a maioria da população, ela representa um dos únicos espaços de formação e de acesso aos bens culturais (“bens culturais” compreendidos como a produção humana – científica, artística, religiosa – que organiza, registra, explica e dissemina, de maneiras distintas, quem somos, como vivemos, o que pensamos, como nos relacionamos).

Dentre eles está a literatura, tradicionalmente presente nos currículos escolares em função de sua materialidade, que se confunde com o ensino de língua. Porque agrega diferentes e conflituosas vozes, incontáveis exercícios de relatar existências, muitas e inimagináveis maneiras de usar a língua, a literatura se mostra um espaço privilegiado para o conhecimento do mundo e do humano e, portanto, um instrumento de educação. (Farias, 2019, p. 6- 7).

Assim, a literatura não é apenas uma disciplina acadêmica, mas um meio pelo qual os indivíduos podem explorar, questionar e compreender a complexidade do mundo e das relações humanas. Sua presença nos currículos escolares não apenas acentua sua importância histórica, mas também reconhece seu papel fundamental na formação de uma sociedade que valoriza o conhecimento, a diversidade e a compreensão mútua.

Cabe à escola o apoio e orientação na formação do gosto, determinado, em grande medida, pelas condições que os estudantes têm de conhecer livros, autores,

movimentos literários, bem como de frequentar bibliotecas e livrarias. A escola é fundamental na ampliação de horizontes, na apresentação de autorias, gêneros e experimentações estáticas que não circulam facilmente em ambientes e meios de comunicação nos quais os estudantes participam. Assim, caberia aos educadores a apresentação do novo, o alargamento das fronteiras, para que os adolescentes conheçam o que extrapola o imediato e as listas de livros mais vendidos, os relacionados com séries de televisão e jogos eletrônicos, muito lidos e socializados nessa faixa-etária (Farias; Britto; Santos, 2019, p. 170).

Farias, Britto e Santos (2019) destacam o papel fundamental da escola na formação do gosto literário dos estudantes. O gosto pela leitura é, em grande medida, moldado pelas oportunidades que os estudantes têm de conhecer livros, autores, movimentos literários, bem como de explorar bibliotecas e livrarias. A escola, portanto, desempenha um papel crucial na ampliação dos horizontes literários dos alunos, introduzindo-os a autorias, gêneros e experimentações que podem não ser facilmente acessíveis em outros ambientes e meios de comunicação com os quais os estudantes estão familiarizados.

Sendo assim, a escola deve ser vista como um agente de apresentação do novo e de alargamento de fronteiras literárias. Isso implica não apenas oferecer familiaridade com os clássicos, mas também introduzir obras e estilos que vão além do imediato e das listas populares. Os professores desempenham um papel crucial nesse processo, fornecendo aos adolescentes acesso a uma variedade de literatura que transcende às escolhas mais comuns associadas às séries de televisão e jogos eletrônicos.

Para a formação estética na educação, é fundamental proporcionar aos alunos exposição à ampla variedade de formas de arte, como pinturas, esculturas, música, dança, teatro, cinema, literatura e outras formas de arte.

Para Assumpção e Duarte (2016, p. 212),

A arte constrói seu reflexo de modo a proporcionar a cada indivíduo uma relação consciente com aquilo que o caracteriza e o faz sentir parte do gênero humano. Mesmo quando a arte retrata o mundo das coisas, o mostra como coisas humanas. Nesse sentido a arte por um lado desfeticiza a realidade, tirando das coisas a aparência de vida própria e, por outro, dá à vida humana a forma de objetos, os objetos estéticos, possibilitando aos indivíduos se apropriarem artisticamente de uma vida que não é sua, experimentarem, emoções que provavelmente não seriam disponibilizadas em seu cotidiano.

O papel transformador da arte vai além de simplesmente reproduzir a realidade, mas a reconfigura de maneira a oferecer novas perspectivas e significados. A arte, ao criar objetos estéticos, proporciona uma plataforma para a expressão, a contemplação e a apropriação emocional de experiências humanas diversas.

Ao expormos os alunos à arte, é importante fornecer-lhes oportunidades para analisar e refletir sobre as obras de arte, incluindo a análise de elementos estéticos, como forma, cor, linha,

textura e movimento, bem como a reflexão sobre os temas, mensagens e significados mais amplos das obras de arte. Estes elementos estão diretamente relacionados com nossas atividades, uma vez que a dissertação é resultado da pesquisa que teve como proposta norteadora a observação do desenvolvimento das estratégias usadas pela professora para oferecer experiência estética por meio da literatura em suas aulas de língua portuguesa.

No ambiente escolar, principal possibilidade de convivência com materiais de interlocução literária para a grande maioria dos infantes, o contato com a literatura de maneira mais consistente, acontece principalmente, ou somente, nas aulas de língua portuguesa. Desta forma, Farias (2019, p. 18) afirma

[...] a tarefa da educação literária se funde com a do trabalho educativo, tornando a leitura, especialmente a de literatura, como exercício de natureza intelectual que possibilita aos sujeitos, a partir de sua experiência e conhecimentos prévios e se valendo de habilidades linguísticas, a participação na cultura, compreendida como produto, com seu lugar, tempo e condições de produção, com suas marcas objetivas e, principalmente, com as possibilidades oferecidas para a apropriação subjetiva.

A citação destaca a literatura como um meio essencial para a formação intelectual e cultural, capacitando os sujeitos não apenas a compreenderem o mundo ao seu redor, mas também a participarem ativamente na construção e interpretação da cultura. Ao se envolverem com a literatura, os indivíduos têm a oportunidade de explorar, questionar e apropriar-se subjetivamente dos elementos culturais, contribuindo para um processo educativo que transcende a mera transmissão de conhecimento para abraçar a formação integral e participativa dos sujeitos na cultura.

A educação escolar é um espaço privilegiado para se provocar nos sujeitos essa carência, essa necessidade de selecionar com os produtos materiais e não materiais, que a humanidade já disponibilizou, ocasionando cada vez mais e a ampliação da visão de mundo dos alunos. Percebe-se aí a dialética entre objetivo e subjetivo. A apropriação da riqueza objetiva produzida pela atividade humana por meio da transmissão dos conteúdos artísticos e filosóficos na escola, proporciona o enriquecimento das subjetividades (Assumpção; Duarte, 2016, p. 219).

Por isso, o interesse em oportunizar à criança e ao adolescente o acesso a ela e seus elementos constituintes, através da leitura dos textos do gênero literário, mediado pela escola na figura do professor, pois sabemos da importante função que este, como mediador, pode exercer na oferta de diversas experiências, inclusive as experiências estéticas, ajudando no estreitamento da relação entre os estudantes e as leituras, sendo, assim, necessário um mediador para o aluno ler além do óbvio.

A atividade educativa requer a mediação do professor na relação entre o aluno e o conhecimento, seja a ciência, a arte ou a filosofia. O ensino é indispensável em se tratando da relação escolar entre o indivíduo e o conhecimento. O professor age

deliberadamente visando alcançar objetivos previamente estabelecidos em termos da aquisição de conhecimentos pelos alunos (Duarte, 2008, p. 7-8).

Importante ressaltar que é fundamental também que o professor seja leitor, tenha um bom e amplo repertório para incentivar e desenvolver o processo da conquista, já que lendo também se ensina a ler. Como mediadores, aprendemos e ensinamos, mas, principalmente, compartilhamos experiências, podendo construir alianças rumo à consolidação e à sustentação de experiências que talvez somente dentro da escola possam ser vivenciadas. Como esta, a qual nos propomos a oferecer, a experiência estética literária.

É preciso pensar como nossa sociedade está organizada e engajada nesse processo de viabilização e acesso à leitura, mais precisamente acesso ao livro, pois, muitas vezes, essa relação se apresenta de forma restrita quando se trata, não só do acesso, mas também da mediação. A relação entre Família e escola, que são as principais personagens na fomentação da aproximação entre crianças, adolescentes e leituras literárias, nem sempre acontece de forma suficiente para que o texto e o leitor se encontrem.

As famílias esbarram, principalmente, na falta de uma estrutura financeira que possibilite a aquisição desses objetos, já que, como se sabe, ler é caro; a falta de formação leitora também pode interferir, uma vez que o exemplo de familiares que leem também pode incentivar, inspirar os filhos à busca do exercício diário da leitura, e é claro, junto a essa prática da leitura, a vivência do universo da estética a partir da qual, principalmente, o estímulo ao desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da criatividade possam ser desenvolvidos; as escolas também nem sempre conseguem, de maneira satisfatória, oferecer experiências com a literatura, tão necessárias à nossa vida, sendo esta uma grande fonte fornecedora de conhecimento, fruição e construção pessoal.

Geralmente, a literatura se apresenta na existência dos homens apenas como forma de conhecimento que deveria ser adquirida e expandida, pouco se refletindo sobre sua estrutura física (parte material do objeto de arte) que materializa as verdades interiores do limbo da humanidade. Na verdade, quando falamos de literatura, estamos falando dessa tríade que expande as possibilidades da existência humana, abrindo o espírito para a reflexão, indicando caminhos para a aquisição de novos conhecimentos, instalando uma alma provocadora que parece em constante descontentamento com a ordem alienada, formando um sujeito sensível às emoções, um sujeito que experimenta a existência pelo fruir estético, além disso, a frequência aos textos de literatura desenvolve a capacidade de se importar com o outro, instigando a ética e a cidadania, alicerçadas no caráter humanizador e civilizatório. Então, a literatura é essencialmente um elemento produtor de ética e cidadania (Santos, 2016, p. 24).

Para tanto, entendemos que a Literatura é relevante em nossa vida, pois amplia nossa concepção de universo e refina nossos conhecimentos acerca de nossa cotidianidade, além de nos permitir nos constituir como povo representado. Segundo Britto (1997), aprender a ler e a

escrever significa dispor do conhecimento elaborado e poder usá-lo para participar e intervir na sociedade. Nesse sentido, entendemos que o processo de aprender a ler e a escrever na escola vai além de aprender normas ou desenvolver habilidades sobre alguma tecnologia para usá-la em determinadas situações em que ela possa se manifestar em seu cotidiano.

Aprendemos na escola coisas importantes para serem vividas e pensadas fora dela; o que aprendemos na escola usamos para participar da sociedade, para compreender e indagar as formas de realização e de compreensão da vida, as formas como se produz, se transforma, se distribui. E isso significa sobretudo um processo de intensa interação entre as aprendizagens escolares e as que se adquirem pela ação direta no “mundo lá fora”. O que sustento é que a escola tem de ser percebida e realizada como um espaço privilegiado de reflexão e organização de conhecimentos e aprendizagens, de aprofundamentos e sistematizações do conhecimento; e tem de ser o lugar do pensamento desimpedido, descontextualizado, livre das determinações e demandas imediatas da vida comezinha; o lugar, enfim, em que a pessoa reconhecendo-se no mundo e olhando para o que a cerca, imagine o que está para além daqui e do agora (Britto, 2015, p. 35-36).

Segundo Silva (2009), a escola certamente não é mais aquele estabelecimento sombrio e opressivo, com professores severos infundindo terror nos alunos. Ela se abriu ao diálogo, à liberdade, às novas metodologias. Deixou de insistir apenas no estímulo a uma realidade. A leitura, a produção de textos, as diversas possibilidades que as disciplinas e outras atividades promovidas pela escola dão ao aluno para exercer sua imaginação e sua criatividade fazem com que, dentro do espaço escolar, ele possa alcançar um desenvolvimento harmônico entre ciência e arte, razão e intuição e, na construção desses caminhos, entendemos que a literatura pode ser um elemento fundamental para a consolidação desse processo.

As objetivações artísticas contribuem para o desenvolvimento sensível e intelectual de cada sujeito a partir da apropriação, em um nível mais elevado, das contradições da história humana e por consequência, favorece as condições para a tomada de consciência da possibilidade de modificação de si mesmo e da realidade (Assumpção; Duarte, 2016, p. 215).

Arte, literatura e estética literária desempenham um papel crucial na educação escolar, pois são áreas que promovem o desenvolvimento intelectual, emocional e criativo dos estudantes. Ao introduzir esses temas no currículo escolar, oferecemos aos alunos a oportunidade de explorar sua imaginação, expressar-se de maneiras diversas e desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor.

A arte é uma forma de expressão que transcende barreiras linguísticas e culturais, permitindo que os alunos se expressem visualmente, explorando ideias, emoções e perspectivas pessoais. Ao estudar arte, os alunos são expostos a diferentes estilos, movimentos e artistas, o que os ajuda a desenvolver um senso de apreciação estética e a entender a importância da arte na sociedade. Além disso, a prática artística incentiva a criatividade, o pensamento crítico e a

resolução de problemas, habilidades essenciais em qualquer área de estudo.

A literatura, por sua vez, oferece aos estudantes a oportunidade de mergulhar em mundos imaginários, vivenciar diferentes culturas e explorar temas complexos. Através da leitura de obras literárias, os alunos desenvolvem habilidades de compreensão de texto, vocabulário e capacidade de análise. Além disso, a literatura promove empatia e entendimento, ao apresentar personagens com experiências e perspectivas diversas. Ao discutir essas histórias e debater ideias, os alunos aprendem a articular seus pensamentos, a respeitar opiniões divergentes e a desenvolver pensamento crítico.

A estética literária complementa a experiência literária, ao investigar as diferentes formas de expressão e elementos estéticos presentes nas obras. Isso envolve analisar aspectos, como estrutura narrativa, uso da linguagem, simbolismo e estilos de escrita. Ao explorar a estética literária, os alunos aprimoram sua capacidade de interpretar e apreciar os recursos estilísticos utilizados pelos autores. Além disso, eles podem expressar suas próprias ideias e emoções de maneira mais consciente e habilidosa, ao escreverem seus próprios textos.

Integrar arte, literatura e estética literária na educação escolar oferece uma abordagem holística e enriquecedora para o aprendizado. Essas disciplinas não apenas enriquecem a experiência educacional dos alunos, mas também fornecem ferramentas valiosas para a vida, permitindo que os estudantes se expressem, entendam o mundo de maneira mais profunda e cultivem sua criatividade.

Além disso, a apreciação pela arte e pela literatura pode inspirar paixões duradouras, nutrir a curiosidade intelectual e abrir portas para uma variedade de oportunidades educacionais e profissionais no futuro.

Portanto, é fundamental que as instituições de ensino valorizem a presença da arte, da literatura e da estética literária no currículo escolar, fornecendo oportunidades para os alunos explorarem, experimentarem e se envolverem ativamente com essas formas de expressão.

4.1 Por que precisamos experimentar Arte e Literatura?

A arte sempre esteve presente na vida do homem desde o início dos primeiros registros da história, no período paleolítico, momento marcado pelo desenvolvimento da comunicação oral e escrita. A comunicação era feita por pinturas rupestres e desenhos nas paredes de cavernas, que serviam como forma de registro visual de eventos importantes, como caçadas e outras atividades significativas; a arte caminha lado a lado com o desenvolvimento da

comunicação humana.

A arte é o resultado de um longo processo de desenvolvimento da humanidade, [...] é produto humano e nela está concretizada a característica essencial do ser humano, a qual seja: a capacidade de transformar intencionalmente a natureza e a si mesmo, de produzir ao longo do processo histórico um mundo social (Assumpção; Duarte, 2016, p. 211).

O texto acima aborda a arte como uma expressão fundamental do ser humano, intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da humanidade. Ela reflete a capacidade única que temos de transformar a natureza e a nós mesmos de forma intencional, criando e recriando um mundo social ao longo do processo histórico, assim como a ciência e a tecnologia.

Ao longo da história, a arte tem desempenhado papéis diversos e significativos, desde a comunicação de ideias e emoções até a preservação da cultura e da identidade de uma sociedade. Ela não apenas reflete as condições e valores de uma época, mas também pode desafiar a transformar essas realidades, modificando-as.

Vygotsky (1999, p. 310) afirma que a arte surge como o mais forte instrumento na luta pela existência, não podendo admitir a ideia de que o seu papel se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esse sentimento. Reafirmando a importância do papel da arte na sociedade, Lukács (1970, p. 274) diz:

A arte opera diretamente sobre o sujeito humano; o reflexo da realidade objetiva, o reflexo dos homens sociais em suas relações recíprocas, no seu intercâmbio social com a natureza, é um elemento de mediação, ainda que dispensável; é simplesmente um meio para provocar este crescimento do sujeito.

Assim, podemos considerar a arte como mais do que simplesmente produtos estéticos ou entretenimento; ela ressignifica uma manifestação de nossa capacidade de criar, inovar e nos expressarmos. Através da arte, moldamos nossa percepção do mundo, contribuindo para a evolução contínua da sociedade. Portanto, ao reconhecer o papel central da arte no desenvolvimento humano, também reconhecemos a importância de nutrir e valorizar essa expressão criativa em todas as suas formas.

Além disso, é resultado da inspiração, da criatividade; através dela, as pessoas podem explorar novas formas de pensar, de sentir e de expressar suas ideias; vivenciar diferentes culturas, épocas e visões de mundo; ampliando, assim, sua compreensão do mundo tanto quanto sua sensibilidade em relação a si mesmas como ao mundo ao seu redor.

De acordo com Britto (2015, p. 25), “a arte de certa forma, alivia o espírito, sublima a falta em emoção e conduz ao júbilo. Perco-me em transcendência, torno-me múltiplo, ocupo-me com o inusitado e eternizo-me na fantasia de ser também em outros mundos”; e, para Duarte

(2001.), “o conhecimento da arte é importante porque a arte é uma forma de expressão humana que permite a exploração de diferentes dimensões do mundo e da vida, abrindo caminhos para o desenvolvimento de um olhar mais atento, sensível e crítico sobre a realidade”.

Ambas as perspectivas reiteram os múltiplos papéis que a arte desempenha na vida humana, indo além do simples entretenimento. Ela serve como um canal para a expressão, um refúgio para as emoções, uma porta para a transcendência e uma ferramenta para desenvolver uma apreciação mais profunda e crítica da realidade. Essas reflexões destacam a riqueza e a complexidade da experiência artística na contribuição para o enriquecimento da vida humana em suas várias dimensões.

Duarte (2022) afirma que a arte é uma forma de conhecimento que se manifesta na experiência sensorial, sendo capaz de instigar reflexões críticas e promover potenciais transformações sociais, e, para Vygotsky (2003), a arte é uma técnica social que influencia os sentimentos, tendo o poder de influenciar a formação da personalidade humana. Essa mudança leva à criação de um indivíduo com uma personalidade humanizada, capaz de assimilar elementos cruciais da história da sociedade em diferentes cenários. Vygotsky destaca a relevância da arte no amplo domínio dos afetos e emoções, diretamente ligados ao âmbito estético. “Não é por acaso que, desde a remota Antiguidade, a arte tem sido considerada como um meio e um recurso da educação, isto é, como certa modificação duradora do nosso comportamento e do nosso organismo” (Vygotsky, 1999, p. 321).

A consideração da arte como um meio educacional sugere que sua influência vai muito além do conhecimento formal, posto que alcança uma esfera mais ampla de transformação e enriquecimento pessoal. Ao entender a arte como uma modificação duradoura, reconhecemos sua capacidade única de deixar uma marca profunda no nosso comportamento e na nossa compreensão do mundo.

A arte move a subjetividade individual em direção às formas mais ricas de subjetividade já desenvolvidas pelo gênero humano, poderia ser objetado, com razão, que esse efeito educativo também pode ser alcançado pela ciência e pela filosofia e que, portanto, ele não caracterizaria algo específico à arte. A maneira, porém, como a arte faz isso é que assinala sua especificidade perante as demais objetivações humanas. Por meio da obra de arte, o indivíduo pode reviver, como se fossem parte de sua própria vida, tramas humanas que se apresentam em formas muito distantes, no tempo e no espaço, daquilo que lhe é familiar (Duarte; Ferreira; Saccomani; Assumpção, 2012, p. 35).

Nesse sentido, a arte transcende as barreiras temporais e geográficas, proporcionando uma conexão íntima entre o indivíduo e as experiências humanas que podem ser muito diferentes de sua realidade imediata. Ao permitir que as pessoas se identifiquem e se envolvam emocionalmente com narrativas distantes, a arte enriquece a subjetividade, proporcionando uma

compreensão mais profunda e empática da diversidade humana. A especificidade da arte reside, portanto, na sua capacidade única de criar uma ponte emocional entre o indivíduo e a ampla gama de experiências que constituem a riqueza da condição humana.

A literatura é a forma de arte que está diretamente relacionada à estética. Antônio Candido coloca a arte e a literatura no grupo dos bens essenciais indispensáveis à vida humana, assim como a alimentação, a saúde, a opinião individual, a crença, a moradia, o vestuário, bens que não podem ser negados a ninguém.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos pensamentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (Candido, 1970, p. 188).

Candido ressalta a importância fundamental da literatura como uma necessidade universal que, quando negligenciada, pode resultar na mutilação da personalidade, destacando a literatura como um elemento vital na formação da personalidade e na luta pela justiça social, demonstrando como a fruição literária vai além do prazer estético, abrangendo aspectos essenciais da condição humana.

A arte e a literatura são imprescindíveis em nossas vidas. São formas de conhecer e compreender outras culturas, épocas e modos de pensar que ampliam a visão de mundo e a capacidade de entender e respeitar as diferenças; estimular a imaginação e a criatividade, permitindo que as pessoas explorem ideias, perspectivas e possibilidades.

É ferramenta para o aprendizado da linguagem, possibilitando às pessoas o desenvolvimento da capacidade de expressar suas ideias de forma clara, precisa e elegante. Uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades, em todos os níveis. É um direito inalienável (Candido, 2011, p. 188).

Acreditamos que a literatura detém um potencial inigualável de memória linguística e cultural; sabemos que a partir do seu estudo, desde a primeira infância, se podem desenvolver as capacidades intelectuais e emocionais do ser humano; sabemos que o estudo dos textos (dos “grandes” textos, sobretudo) proporciona benefícios indispensáveis à civilidade democrática (Bernardes; Mateus, 2013, p. 27).

Ao afirmar que o estudo dos textos, especialmente os considerados “grandes”, contribui para benefícios indispensáveis à civilidade democrática, os autores ressaltam a importância da literatura no desenvolvimento de uma sociedade que valoriza a diversidade de vozes e perspectivas. Os “grandes” textos, ao serem estudados, proporcionam uma compreensão mais

profunda da condição humana e dos valores fundamentais que sustentam uma democracia saudável.

A literatura pode ser estudada e analisada sob diferentes perspectivas. A análise literária pode se concentrar em questões, como a forma, o estilo, a linguagem, a estrutura narrativa, a relação entre o texto e o contexto histórico-cultural, entre outras. A partir dessas análises, é possível compreender como a literatura funciona como uma forma de arte que se utiliza de recursos estéticos para criar e transmitir significados, podendo ser vista como uma forma de expressão artística que contribui para a renovação e ampliação do campo da estética.

A arte e a literatura têm relação próxima. Ambas são formas de expressão e buscam transmitir ideias, sentimentos e emoções através de recursos estéticos, tais como a linguagem, as imagens e as emoções. A relação entre arte, literatura e estética literária é complexa e interdependente; a arte e a literatura se alimentam mutuamente, enquanto a estética literária fornece um arcabouço teórico para a análise e a compreensão das obras literárias e da cultura literária.

4.2 Por que oferecer Experiência Estética por meio da Literatura?

A arte da literatura desempenha papel fundamental no cotidiano das pessoas, influencia a maneira como pensamos, sentimos e nos relacionamos com o mundo. Ela está presente em várias formas, como livros e mídias sociais, e pode ser apreciada de várias maneiras. Sendo uma forma de comunicação poderosa, nos permite compartilhar histórias, experiências, ideias e emoções; têm o poder de transmitir pensamentos complexos e nuances de sentimentos, de maneira que outras formas de comunicação não conseguem.

A leitura regular de literatura proporciona reflexão sobre nossas vidas ao nos identificarmos com personagens e situações, oferecendo-nos percepções sobre nós mesmos e sobre o mundo. Ao colocar-nos no lugar de personagens com perspectivas diversas, a literatura promove a empatia, ampliando a compreensão das vidas e lutas alheias. A imersão em histórias envolventes oferece escape valioso do estresse diário, transportando-nos para mundos distintos e proporcionando-nos momentos de prazer e relaxamento.

A literatura é uma valiosa fonte de conhecimento, abrangendo história, ciência, filosofia e cultura. A escrita literária não é exclusiva de profissionais; a expressão criativa, por meio de diários, poesias ou histórias curtas, proporciona satisfação pessoal e permite explorar a criatividade e expressar sentimentos, desempenhando papel crucial na formação da identidade individual e cultural, conectando-nos às tradições literárias passadas, contribuindo para

compreensão profunda da história e da evolução.

Ela está intrinsecamente ligada ao cotidiano, influenciando nossa comunicação, compreensão do mundo e conexão com os outros. Desempenha papel vital na forma como exploramos, expressamos e compreendemos a experiência humana. Segundo Vigotski (2003, p. 239), “a arte transforma a realidade não só em construções da fantasia, mas também na elaboração real das coisas, dos objetos e das situações”. Para Duarte (2008, p. 2), “a obra de arte reelabora os conteúdos extraídos da vida, dando-lhes uma configuração que supera o imediatismo e o pragmatismo da cotidianidade. A obra de arte é mediadora entre o indivíduo e a vida”.

Refletindo sobre as falas dos estudiosos, observamos que Vigotski enfatiza como a arte não apenas cria construções imaginativas, mas também influencia a maneira como percebemos e interagimos com o mundo real. Ele sugere que a arte não é apenas uma expressão subjetiva, mas também uma forma de dar forma e significado à realidade objetiva. Isso implica que a arte tem o poder de nos fazer ver o mundo de maneiras novas e mais profundas, permitindo-nos reinterpretar e reconfigurar nossa compreensão da realidade.

Por sua vez, Duarte (2008) ressalta que a arte reelabora os aspectos da vida cotidiana, transcendendo o pragmatismo e o imediatismo da existência diária. Ao criar uma obra de arte, os artistas transformam elementos da vida em formas estéticas que proporcionam uma nova perspectiva sobre o mundo. A obra de arte atua como mediadora entre o indivíduo e a vida, oferecendo um espaço para reflexão, contemplação e conexão emocional com as experiências humanas.

Uma das primeiras escritoras negras e periféricas do Brasil, Carolina Maria de Jesus, conhecida principalmente pelo seu livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, publicado em 1960, viveu em condições precárias na favela do Canindé, em São Paulo, e trabalhou como catadora de papel. Durante seu tempo na favela, manteve um diário no qual registrava suas experiências cotidianas, suas reflexões, seus pensamentos e as observações sobre a vida na pobreza.

O livro, construído a partir dessas anotações retrata a dura realidade da vida na favela, a pobreza, a discriminação racial e as dificuldades enfrentadas pelas comunidades marginalizadas. Por meio de sua escrita, trouxe à tona a perspectiva das classes sociais marginalizadas, abordando questões sociais e raciais de forma contundente.

A forma como a literatura chega e marca seu espaço na obra *Quarto de Despejo* é significativa, pois a autora, cidadã comum e com olhar perspicaz de dentro para fora da situação, escreve sobre a vida que levava na favela.

Carolina, sensivelmente, dizia que quando eu não tinha nada para comer, em vez de xingar, ela escrevia. Têm pessoas que quando estão nervosas, xingam e pensam na morte como solução. Ela escrevia o seu diário (Jesus, 1960).

As emoções não realizadas na vida se exprimem por meio da arbitrária combinação dos elementos da realidade e, sobretudo, da arte. Devemos recordar ao mesmo tempo que a arte não só exprime as emoções, mas sempre as resolve, livrando a psique de sua obscura influência (Vygotsky, 2003, p. 243).

Assim, entendemos que é especialmente na arte que as emoções não vivenciadas ao longo da vida encontram expressão. Além disso, Evaristo (2021) defende que a literatura é uma arma na luta contra o silêncio. Ela tem o poder de dar voz aos oprimidos, revelar verdades escondidas e nos fazer questionar o mundo em que vivemos.

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são pessoas que vivenciaram a arte da literatura, porém com derivações diferenciadas. Essas mulheres veem e mostram como a literatura se apresenta na vida de qualquer pessoa.

É possível o desenvolvimento da linguagem através da literatura. As pessoas podem ampliar seu vocabulário, aprimorar sua gramática e desenvolver sua capacidade de comunicação; a literatura é uma forma de reflexão crítica, a qual permite que as pessoas questionem e debatam questões sociais, políticas, culturais e existenciais.

A literatura pode ser uma forma de entretenimento e lazer, proporcionando momentos de relaxamento e prazer, pois, através da leitura de romances, contos, poesias e outras obras literárias, a literatura pode tornar-se também uma leitura recreativa.

As bibliotecas comunitárias são espaços onde a literatura se faz presente na vida de muitas pessoas, permitindo que compartilhem experiências, debatam ideias, perspectivas e ampliem a compreensão e a apreciação da literatura. No entanto, no Brasil, a escassez ou inexistência de bibliotecas comunitárias é um problema que afeta diversas regiões do país.

Muitas comunidades enfrentam dificuldades para ter acesso a esses espaços devido à falta de investimento público, à ausência de políticas eficazes de incentivo à leitura e à cultura, bem como à falta de infraestrutura adequada. Isso resulta em um cenário no qual muitas comunidades ficam privadas do acesso a livros, computadores, internet e outras ferramentas essenciais para o desenvolvimento educacional e social.

As bibliotecas comunitárias são espaços importantes para promover o acesso à informação, à educação e à cultura em áreas onde esses recursos são limitados; a ausência delas contribui para a perpetuação da desigualdade social e do acesso desigual à educação e à cultura no Brasil.

A literatura se apresenta na vida das pessoas cotidianamente, permitindo que desenvolvam suas capacidades pessoais, sociais e culturais; enriqueçam sua vida emocional, intelectual e se conectem com outras pessoas através da leitura e discussão de obras literárias. “A literatura pode ser impiedosa, sinistra, implacável, mas a sua grandeza reside na forma como o escritor reconta a realidade, reinventa outro mundo, devassa todas as vilanias, misérias e grandezas do homem” (Cordeiro, 2021, p. 320).

Reconhecendo que o mundo é complexo e repleto de contradições e em constante mudança, Candido (2011, p. 177) afirma: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Assim, vivendo dialeticamente, devemos estar abertos ao diálogo, ao confronto de diferentes perspectivas, ao aprendizado contínuo e à reflexão, buscando constantemente um entendimento amplo e complexo do mundo. A literatura contribui significativamente para a construção e desenvolvimento destas vivências.

Portanto, entende-se que a literatura é um espaço privilegiado para o conhecimento do mundo e do humano e, portanto, um instrumento de educação.

A literatura se apresenta como instrumento de formação de adolescentes e jovens. Em exercícios de identidade e de alargamento de fronteiras, a leitura literária permite experimentação de vidas, sentimentos, espaços e tempos alheios, que promovem tanto empatia no reconhecimento de uma humanidade comum, quanto o estranhamento que impõe deslocamento e a percepção do outro, em uma experiência de alteridade. (Farias; Britto; Santos, 2019, p. 163).

Assim, a literatura emerge como mais do que uma simples forma de entretenimento; ela se configura como um meio educacional rico que, por meio da vivência ficcional, permite que adolescentes e jovens se conectem de maneira mais profunda com a complexidade do mundo e desenvolvam uma apreciação mais sutil da diversidade e da riqueza das experiências humanas.

Segundo Bernardes e Mateus (2013, p. 83), “é na literatura e na sua matéria ficcional e artística que a língua mais simplesmente revela a sua capacidade de construir universos onde estão representados os valores, os comportamentos sociais e as mais diversificada realidades humanas”. O ensino da estética, por meio das leituras literárias, pode ser compreendido como uma maneira de explorar e compreender os elementos estéticos presentes na literatura, como forma, estilo, linguagem, imagens e temas. Através da análise e interpretação de obras literárias, os estudantes desenvolvem apreciação profunda da estética literária e do papel da arte na sociedade.

Lendo-os, tentando compreendê-los, falando e escrevendo a partir deles, os alunos devem aperceber-se de que podem descobrir o que não é visível, experimentar sensações que de outro modo não alcançariam, conhecer mundos construídos que

alargam horizontes e servem de compensação para a estreiteza de outras realidades. Através da literatura, os alunos (passiva e ativamente) aprendem, enfim, a usar a língua nos seus diferentes matizes e não apenas a servir-se dela como instrumento de comunicação imediata e funcional (Bernardes; Mateus, 2013, p. 17).

Percebemos que uma forma de ensinar estética através das leituras literárias é a possibilidade que os alunos têm de, através de diversas obras literárias, comparar e contrastar diferentes estilos, analisando como diferentes autores abordam a estética literária, os elementos estilísticos comuns ou distintos e como as escolhas afetam a experiência do leitor.

A vivência com a estética pode incentivar a reflexão crítica sobre o papel da literatura e da arte na sociedade, permitindo aos estudantes discutirem questões, como o poder da literatura de evocar emoções, desafiar normas sociais, transmitir perspectivas diversas e promover mudanças sociais. “A leitura literária coloca em movimento a matéria do pensamento, isto é, a língua, as palavras, oferecendo ao leitor maior repertório para significar o mundo” (Farias; Britto; Santos, 2019, p. 164).

A estética literária é um campo de estudo que se dedica a analisar, ao longo do tempo, em diferentes contextos culturais, as características estéticas das obras literárias, incluindo a forma como a linguagem é utilizada, a estrutura da narrativa, as técnicas literárias empregadas, os temas, as formas como as obras literárias são recebidas e interpretadas pelos leitores e como essas interpretações podem variar. Ela pode oferecer experiências estéticas que contribuem para o desenvolvimento dos estudantes, assim, tanto a arte quanto a literatura são instrumentos de grande relevância no processo de construção do homem moderno.

Portanto, ao combinar leitura literária com a exploração estética, os alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades de análise crítica, apreciação artística e melhor compreensão da literatura como forma de arte, ampliando sua compreensão estética, enriquecendo sua experiência como leitores e cidadãos engajados na sociedade.

4.3 Como o Campo Artístico-Literário da BNCC participa?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento educacional fundamental no contexto da educação no Brasil e foi criada com o objetivo de estabelecer diretrizes claras e unificadas para o currículo da Educação Básica em todo o país. Ela é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e foi homologada em 2017, representando um avanço significativo no sistema educacional brasileiro.

A BNCC define as competências e habilidades que todos os estudantes brasileiros devem adquirir ao longo de sua trajetória na Educação Básica, que compreende a Educação

Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O documento se aplica a todas as redes de ensino, sejam elas públicas ou privadas, e estabelece um conjunto mínimo de conhecimentos essenciais que devem ser abordados nas escolas.

A área de Linguagem do Ensino Fundamental – Anos Finais – engloba os componentes curriculares: Língua portuguesa, Arte, Educação física e Língua inglesa. Esta área, assim como a Língua portuguesa, tem como objetivo principal aprofundar o desenvolvimento da competência linguística e comunicativa dos estudantes.

O componente curricular de Língua Portuguesa deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências específicas. Vale ainda destacar que tais competências perpassam todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental e são essenciais para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania (Brasil, 2017, p. 86).

O texto destaca a importância de considerar a Língua Portuguesa não apenas como uma disciplina isolada, mas como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios e contribuir de maneira significativa em diversas esferas da vida. Essa abordagem ressalta a interconexão entre os diversos componentes curriculares e destaca a língua como uma habilidade central para a participação ativa e informada na sociedade.

A BNCC enfatiza o desenvolvimento das habilidades de escrita, incentivando os estudantes a produzirem textos em diferentes gêneros e contextos, de forma autônoma e criativa. Neste documento, a literatura é abordada como ferramenta de ampliação do repertório cultural dos estudantes, estimulando-os a refletirem sobre temas literários e a apreciar a estética das obras; nela, constam ainda a presença dos gêneros textuais; da Educação Literária, do desenvolvimento de competência e da valorização da diversidade.

A área de Linguagens, assim como a língua portuguesa, busca aprofundar o desenvolvimento linguístico, priorizando a leitura crítica, a produção textual e cultural dos estudantes, preparando-os para uma comunicação eficaz, apreciação das artes e a compreensão crítica da sociedade contemporânea.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o campo artístico-literário é abordado no âmbito das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, principalmente. Tem como objetivo principal explorar a relação entre a literatura e demais expressões artísticas, como a música, as artes visuais, o teatro e a dança. Neste campo, a BNCC estabelece diretrizes e competências que os estudantes devem desenvolver ao longo de sua trajetória na Educação Básica, incluindo a apreciação e a produção de textos literários.

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO – O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica [...] (Brasil, 2017, p. 156).

O campo artístico-literário busca integrar as diferentes formas de expressão, permitindo que os estudantes explorem as relações entre a literatura e as demais linguagens artísticas, reconhecendo as influências mútuas, enfatizando a apreciação estética como parte essencial da experiência artística e literária, incentivando os estudantes a refletirem sobre as escolhas estilísticas e as características das obras.

É neste campo que é oferecida aos estudantes a Leitura Literária; são estimulados a ler e apreciar obras literárias de autores nacionais e estrangeiros, explorando diferentes gêneros e estilos literários. Uma das competências da Língua Portuguesa afirma que o aluno deve:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2017, p. 87).

O texto ressalta a importância de se envolver ativamente na leitura literária como uma prática que não apenas enriquece intelectualmente, mas também alimenta a alma, abrindo caminhos para o encantamento, para a imaginação e para compreensão mais profunda do mundo. A habilidade *EF69LP44* recomenda que o aluno deve:

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (Brasil, 2017, p. 157).

Além da leitura, os estudantes são convidados a produzir obras artísticas, como contos, poemas, pinturas, peças teatrais e coreografias, estimulando a criatividade e a expressão pessoal, levando em consideração a contextualização cultural.

A interdisciplinaridade, a fruição estética, a mediação do professor e uma avaliação reflexiva também são diretrizes que compõem o campo artístico-literário, o qual busca enriquecer a experiência dos estudantes com a linguagem, a literatura e as artes, promovendo a integração entre diferentes formas de expressão, a apreciação estética, a criatividade e a compreensão cultural, contribuindo para uma formação mais completa e sensível dos alunos em relação à cultura e à expressão artística.

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. [...] Por fim, destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (Brasil, 2017, p. 138-139).

O texto enfatiza a importância do Campo artístico-literário como um espaço crucial para o desenvolvimento do leitor literário. Além de possibilitar o contato com manifestações artísticas em geral, destaca a necessidade de cultivar a apreciação estética da arte literária, promovendo a fruição como um elemento central nesse processo. O objetivo é evidenciar a condição estética da leitura e escrita literárias, indo além da função utilitária da literatura para alcançar sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora. A ênfase recai não apenas na compreensão, mas na experiência estética, enfatizando a importância de se implicar emocionalmente com as obras literárias.

A arte e a literatura são consideradas ferramentas poderosas para o contato com uma variedade de valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, contribuindo para o reconhecimento e compreensão de modos distintos de ser e estar no mundo. Esse reconhecimento da diversidade, por sua vez, promove uma atitude de respeito e valorização do que é diferente, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e compreensiva.

O documento não prescreve uma lista de autores ou obras que devem ser estudados, mas fornece diretrizes gerais para o ensino da literatura, dando flexibilidade às escolas e aos professores para selecionar textos adequados às necessidades e interesses de seus estudantes. É possível oportunizar aos alunos o contato com a literatura na intenção de participar, adquirir uma formação a partir da qual se possa aprender a apreciar o que há de peculiar em cada texto literário, pois a Base Nacional Comum Curricular (2017) diz que, para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los.

4.4 Como ocorre a Leitura e a Literatura nas aulas de Língua Portuguesa?

A leitura na escola desempenha papel fundamental no processo educacional e no desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais dos estudantes. É a base da aquisição de conhecimento, do desenvolvimento da compreensão, do estímulo à criatividade e do aprimoramento da habilidade de comunicação. Para Jouve (2022), a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções; é o alicerce para que os alunos tenham sucesso em todas as áreas do currículo escolar. Nesse sentido, Amorim assevera que

a leitura, principalmente enquanto escolha motivada pela necessidade de aprendizagem sistemática, é uma atitude de conhecimento que vamos formando, e que se vai incorporando à nossa experiência vivida, como todas as outras coisas que precisamos aprender para viver (2011, p. 60).

Através da leitura, os alunos acessam informações, conceitos e conhecimentos, podendo compreender mais e melhor os conteúdos em diversas disciplinas e ter aprendido com maior eficácia; esta não apenas fornece informações, mas também coloca os alunos à frente de diferentes perspectivas e pontos de vista, incentivando-os a pensar criticamente, avaliar informações e formar opiniões embasadas. A prática regular dessa atividade expõe os estudantes a uma variedade de palavras e contextos, o que ajuda a expandir o vocabulário e a aprimorar a escrita. Se a leitura for de obras literárias, permite que os alunos explorem mundos imaginários, desenvolvam empatia por personagens fictícios e estimulem sua própria criatividade, ao imaginar cenários e situações.

O texto e a leitura literária também se supõem irresponsável, mas não no sentido do esquecimento de si e dos problemas da vida para poder continuar vivendo-os naturalmente, mas no sentido de pensar para nada, pensar para ser, ler para ser, inventar para viver, ler para inventar, num movimento contínuo, sempre a estimular e a incomodar (Britto, 2015, p. 57).

Os alunos podem realizar a leitura de forma independente, o que promove a autonomia e a capacidade de aprender por conta própria, habilidade essencial, em praticamente todas as profissões e áreas da vida. As escolas podem criar um ambiente que valorize a leitura, promovendo bibliotecas bem equipadas, clubes de leitura, eventos literários, colocando os alunos em contato com variedade de gêneros e autores.

Mesmo o acesso a livros de qualidade não sendo tão fácil em algumas regiões do nosso país, por diversas questões, inclusive a geográfica, ainda assim a leitura é uma das formas de arte mais acessível à sociedade, já que livros, revistas, poesias e outras formas de escrita podem ser encontradas mais facilmente, oferecendo a muitos de nós, uma oportunidade de escapar da realidade, aprender, refletir e se inspirar.

A leitura na escola e, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, não é, e não pode ser uma atividade isolada, mas uma habilidade essencial que permeia todas as áreas do currículo e desempenha papel vital no desenvolvimento pessoal, acadêmico e cidadão dos alunos. É ferramenta poderosa para aprimorar a compreensão do mundo e das palavras, bem como para fomentar a capacidade de comunicação e pensamento crítico.

Em relação ao ensino da literatura em sala de aula, apontando a relação entre a leitura e a literatura docente, Bernardes e Mateus (2013, p. 39) afirmam: “A leitura é uma das vertentes centrais da disciplina de português, dela estando dependente a maioria das tarefas incluídas na sequência de atividades que compõem o trabalho letivo”.

Muitos estudos têm sido realizados em torno desse tema; é inegável a existência das conexões entre leitura e literatura ancoradas nos discursos teóricos, responsáveis por investigar a inter-relação entre as concepções de leitura, texto e literatura em sala de aula. Entendemos que essa relação deve ser cada vez mais estreita, pois há uma série de razões para isso, entre elas, a própria natureza interdisciplinar do ato de leitura. Segundo Cosson (2021, p. 29), o sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro.

Autor e leitor, em muitos casos, são separados no espaço e no tempo, não vivenciam o mesmo espaço, mas o texto literário sendo plurissignificativo e que, de alguma forma, age sobre o leitor, faz com que a leitura se concretize como uma experiência contínua. Como afirma Jouve, é precisamente a característica diferida da comunicação literária que, de certa forma, faz a riqueza dos textos. Compartilhando da mesma ideia, Cordeiro afirma:

A interação texto-leitor é o exercício de interpretabilidade do significado mais profundo da literatura, na medida em que revela a forma como cada autor, em sua escrita lacunar e polissêmica, instiga o leitor a adentrar os mistérios da condição humana. Seguir as pistas deixada pelo autor, experimentando sua virtualidade estética, é uma forma de transgredir o tipo de leitura mediada comumente pela escola (2001, p. 29).

É na relação interna do texto que o leitor busca a reconstrução do contexto necessário para a compreensão da obra e, nesse ato, um possível encontro entre remetente e receptor, portanto é nessa relação entre texto e leitor que a leitura realmente acontece, pois, de fato, todo o trabalho com suas peculiaridades precisa da participação de um terceiro elemento, o destinatário.

A escola é fundamental no ato de oferecer leitura aos infantes, porém esse processo deve levar em consideração alguns fatores, como reflexão e criticidade, para que possam atuar no ambiente em que vivem, como cidadãos mais críticos, reflexivos e responsivos. Porém, na

maioria das vezes, essa leitura é superficial, rasa, com atividades voltadas apenas para exercícios gramaticais. Geraldi (2011, p. 7) defende um modelo de escola que centre seu ensino nas práticas, aberto a aprendizagens, sem definição prévia de pontos de chegada, valorizando muito mais o processo do que o produto; trata de forma diferente a presença do texto na sala de aula.

O apreço pela literatura começa e acaba nas salas de aula: [...]. Em função do que tiver decorrido nas salas nestas etapas, esse gosto amplifica-se na vida corrente ou perde-se sem remédio. Isto, significa, na prática que, se a literatura não for cultivada na escola de forma sensata e eficaz, a sua implantação na sociedade tenderá a desvanecer-se: em primeiro lugar como atividade viva e, logo depois, como base patrimonial e identitária. Este juízo encontra fundamento em dois motivos: é necessário, em primeiro lugar, não esquecer que a escola, dignifica as práticas de leitura, conferindo-lhes importância social e cívica; em segundo lugar, importa reconhecer que os tempos da escola (que são tempos de infância e adolescência) correspondem a fixação de hábitos e de gostos, abrindo caminhos que perduram pela vida afora, em condições irrepetíveis (Bernardes; Matheus, 2013, p. 23).

Defendendo a necessidade do leitor “experenciar” a obra literária, Matos (1987, p. 20) afirma: “o ensino da literatura é, em rigor, impossível, pela simples razão de que experiência não se ensina, para tanto, cabe a escola propiciar ou criar atividades que permitam ao aluno o desenvolvimento dessa experiência estética”.

Bértolo (2014) aborda quatro níveis de leitura: o textual, o autobiográfico, o metaliterário e o ideológico – que vai além da simples compreensão superficial de um texto, explorando diferentes dimensões que influenciam a interpretação. Ele destaca a progressão natural, começando com a compreensão básica e evoluindo para uma leitura mais crítica e reflexiva. Essa abordagem permite que os leitores aprofundem sua compreensão dos textos, desenvolvendo uma relação mais rica e significativa com o material que estão estudando, ou seja, permitindo uma apreciação mais completa da complexidade e da riqueza dos textos literários.

Ler narrativas é um processo que incorpora a leitura simultânea desses quatro planos e seu resultado depende do jogo de relações que o sujeito leitor mantenha com eles. [...]. o leitor, antes do ato concreto de ler um texto, está individualizado – como leitor em potencial – pela sua destreza com relação as suas competências para cifrar ou decifrar a linguagem e a sintaxe dos textos narrativos; pelos seus conhecimentos literários nos quais esses textos se integram; pelo conteúdo de sua narração autobiográfica e pelos traços que caracterizam sua ideologia ou maneira de compreender do mundo (Bértolo, 2014, p. 58-59).

É nessa perspectiva que propomos nossa ação, objetivando proporcionar experiências com as leituras literárias aos nossos alunos em estudo. Importante salientar que, segundo Britto (2017, p. 19), “processos semelhantes ao que Bértolo destaca na atividade leitora [...] não são exclusivos da leitura (e, menos ainda, da leitura literária), e sim uma forma de caracterizar e

compreender a produção humana”. Nessa pesquisa, podendo ocorrer na audição de uma música e/ou de um áudio, na assistência de um vídeo, na observação de uma imagem e/ou em muitas outras situações nas quais o sujeito pode atuar como mediador do seu próprio conhecimento. De acordo com Zilberman:

O novo panorama escolar, vigente até os dias de hoje, caracteriza-se pela ruptura com a história do ensino da literatura, porque se dirige a uma clientela para a qual a tradição representa pouco, já que aquela provém de grupos aos quais não pertence e com os quais não se identifica. A nova clientela precisa ser apresentada à literatura, que lhe aparece de modo diversificado e não modulado, tipificado ou categorizado; ao mesmo tempo, porém, fica privada da tradição, à qual continua sem ter acesso, alargando a clivagem entre os segmentos que chegam à escola e a história dessa instituição (2009, p. 16).

Predomina na execução da atividade de leitura nas escolas a formação de um “leitor reproduzidor”; há limitações na exploração didática da leitura com predomínio de perguntas que inculcem, no aluno, a noção de leitura como “constatação” e não como construção ou negociação de sentidos. Reafirmando tal citação, Silvia (1998, p. 11) fala que a escola forma “letores”, mas não consegue promover o desenvolvimento de leitores críticos, uma vez que, no contexto da sala de aula, a leitura é trabalhada como uma prática rotineira e mecânica e em relação especificamente à leitura literária.

Na escola, a leitura literária serve, precipuamente, para o atendimento de tarefas escolares solicitadas pelo professor (preencher fichas de leitura, fazer resumos da história, fazer provas de leitura etc). Entretanto, as práticas de leitura e mesmo de produção de textos literários podem estar ligadas a outros objetivos como o prazer, o conhecimento, a aquisição de um status de leitor diante de um grupo, já que a leitura constitui, para algumas classes sociais um critério de distinção cultural, evasão etc. (Zappone, 2008, p. 53).

É preciso repensar a concepção de leitura norteadora de prática pedagógica e reavaliar a própria noção de literatura apresentada para os alunos a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula, pois “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor” (Cosson, 2021, p. 61).

Maria Verbena Cordeiro (2012, p. 26), no texto *Cenas da leitura*, diz que “a leitura remete ao texto e à sua rede de significações. O texto remete a ideias, valores, crenças, ideologias, sentimento, emoções e afetos. Um ato de vida, de relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo”. O leitor, no ato da leitura, certamente consolida sentidos ao texto, pois é na interação entre texto e leitor que a leitura acontece. Enveredando por este caminho, Geraldi (2002, p. 3) menciona a “ideia de pensar a leitura como uma oferta de contrapalavras do leitor que, acompanhando os traços deixados no texto pelo autor, faz estes traços renascem pelas significações que o encontro das palavras produz”, e Britto (2017, p. 20) afirma também que

“Nenhum leitor é senhor de si, nenhuma leitura é única ou original, ainda que se realize na singularidade do sujeito”.

Beach e Marshall (1991) nos chamam a atenção para a distinção entre a leitura da literatura e o Ensino da literatura. Dizem que a Leitura da Literatura tem uma relação direta com a compreensão do texto, ou seja, está relacionada com a experiência literária vivenciada pelo leitor durante o processo de realização da leitura, já o Ensino da Literatura refere-se ao estudo literário, observando a sua organização estética.

“A escola é a instituição em que as práticas de leitura são mais sistematizadas, não devem apenas se pautar pelo caráter didático”, desta forma Maciel (2010, p. 10) propõe uma prática de leitura em consonância com aquelas práticas desenvolvidas na vida social, tornando mais significativa e dinâmica a ação pedagógica. Embora já muito discutido, o ensino da literatura ainda é um desafio para professores e alunos que precisam compreender a literatura como fenômeno cultural, histórico e social; um instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade.

Estudar literatura vai além de uma grande formação de repertório de textos e autores classificados em um determinado período literário, é também revelar para o aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária. Diante disso, Bernardes e Mateus (2013) destacam que a literatura detém potencial inigualável de memória linguística e cultural; sabemos que a partir do seu estudo, desde a primeira infância, se podem desenvolver as capacidades intelectuais e emocionais do ser humano.

A literatura funciona como instrumento de exploração dos limites de funcionamento comunicativo da língua, como o terreno em que a língua, mais do que em qualquer outra forma de expressão, é forçada à produção de sentido mediante intensiva dos seus recursos fônicos, lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos. [...].

Esta relação de verdadeira interdependência que a língua e a literatura entre si estabelecem não pode deixar de ser tida em conta quando essas duas realidades são pensadas como matéria de investigação, mas também, sobretudo, como conteúdos de aprendizagem. Língua e literatura ganhem, portanto, em ser ensinadas e aprendidas à imagem do modo como se aglutinam enquanto práticas sociais e culturais das comunidades humanas. Realizada em regime de mútuo esclarecimento, a aprendizagem da língua e da literatura apresenta vantagens pedagógicas inestimáveis, visto que potencia o entendimento do poder comunicativo atingível numa língua, ao mesmo tempo que permite o reconhecimento da especificidade estética do fenômeno literário, que reside, em grande parte, na matéria linguística que o suporta, projeta e reproduz (Bernardes; Mateus, 2013, p. 34).

Para tanto, é necessário que haja uma articulação entre leitura, ensino da língua e literatura, na busca da construção de saberes e formação social do cidadão, de modo que se complementem, se completem, visando também a meios para convencer o aluno a encontrar, na leitura do texto literário, um espaço de construção e reconstrução de sentidos, em que a

compreensão do leitor seja guiada pelos indícios textuais no ato dinâmico da leitura.

Desse modo, percebemos que a leitura literária nas aulas de língua portuguesa apresenta avanços significativos, mas ainda enfrenta desafios, como a formação continuada de professores; o interesse dos alunos e tempo disponível para dedicar a esta leitura em sala de aula, fazendo com que esta atividade aconteça de forma despressada, o que certamente afeta a sua eficácia.

Fato é que precisamos e devemos proporcionar aos estudantes a possibilidade de experimentar, conhecer, experienciar o ato de ler, direcionando o olhar desse leitor rumo à compreensão de uma leitura vivenciada. É necessário um esforço contínuo para disseminar e ampliar os benefícios dessa prática social e, dentro das aulas de Língua portuguesa, pode ser o melhor espaço para que isso aconteça de maneira mais satisfatória.

4.5 Como o Material Didático participa?

O livro didático é um guia, um recurso que auxilia o professor no ensino dos conteúdos das disciplinas. No caso da Língua Portuguesa, ou simplesmente português enquanto disciplina, ajuda tanto nos conteúdos gramaticais quanto no estudo dos textos, apoiando o ensino da língua, ou seja, o livro didático é um norteador do ensino dentro da sala de aula.

Um dos eixos da BNCC (2017), Educação Literária, traz como objetivos predominantes a formação para conhecer e apreciar textos literários escritos e orais, de autores de língua portuguesa e de traduções de autores de clássicos da Literatura, mas a literatura de modo geral não é apresentada de forma abrangente no livro didático, seja ela nacional ou não. Bernardes e Mateus (2013, p. 15) afirmam que: “[...] os conteúdos literários estão a diminuir nos programas de português em proveitos de outros tipos de texto; e que mesmo aqueles que permanecem são esteticamente neutralizados, propondo-se, algumas vezes, o seu estudo como se fossem textos não-literários”. Segundo Zappone,

O que se observa nos livros didáticos é uma profusão de textos como bulas, cartas, receitas, cartazes e outros já que o objetivo é aproximar, cada vez mais, as práticas de leitura da escola das práticas de leitura efetuadas fora da escola, propósito absolutamente pertinente (2008, p. 55).

Conexão e Uso, do 6º ano do Ensino Fundamental, de Delmanto e Carvalho, é o livro didático de Língua Portuguesa que, pelo segundo ano consecutivo, está sendo usado na escola de realização desta pesquisa. É claro que o professor faz uso de vários, mas o que a escola disponibiliza para as aulas dos alunos na escola diariamente é esse, o qual traz em seu sumário a organização do conteúdo que o constitui. Divide-se em oito unidades e cada uma delas contém

duas leituras bases para o estudo dos conteúdos correspondentes ao ano/série dos alunos e desenvolvimento das atividades na construção do ensino e aprendizagem.

Um dos dados observados que chama bastante atenção é o fato de este livro não abordar tantos gêneros literários e sim nos trazer gêneros textuais: jornalísticos, como notícias, reportagens, carta de reclamação, relatos pessoais e de viagens, blogs, vlogs, trechos de artigos científicos e tirinhas.

O trecho do conto de fadas “Cinderela”, que o livro traz, aborda a intertextualidade em uma única questão, com o conto da unidade “O beijo da palavrinha”, de Mia Couto; este conto possui, no livro, ilustrações de Cris Eich, as quais dialogam com texto e vão um pouco além do escrito, colaborando para o entendimento. Há um texto de Bartolomeu Campos de Queiroz que é classificado no livro como relato pessoal, mas tal texto, até pelo seu autor, é inundado de literatura e poesia. Um dos textos de autoria do angolano Ndalú de Almeida Ondjaki, um trecho minúsculo, na verdade, é usado como pretexto para explorar o assunto de concordância nominal ou questões interpretativas simples que não levam o aluno a pensar além do óbvio.

É certo que a literatura está presente sim no livro didático, porém não vem cumprindo seu papel de fato. Martins e Revoredo destacam que a literatura só cumprirá sua função de humanização quando não for distorcida pela educação formal, o que, lamentavelmente, ocorre em escolas, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. Neste sentido, os estudiosos afirmam:

O texto nos remete ao fato de que a literatura só cumprirá seu papel humanizador quando não for mais distorcida pela escolarização; o que infelizmente, acontece em nossas escolas tanto no ensino fundamental (presente nos livros didáticos em fragmentos de textos literários que são sucedidos de simples atividade de interpretação e. às vezes, produção de texto) como no ensino médio (tendo a literatura relegada à história da literatura brasileira, exigindo apenas a memorização de datas, autores e estilos, sem o uso e leitura do texto literário propriamente dito); evidenciando a falência do ensino da literatura, exemplificada pelo fato mais simples: a ausência da leitura efetiva de textos literários nas escolas (Martins; Revoredo, 2009, p. 207).

Por outro lado, Zilberman nos chama atenção em relação à possível sobrevivência da literatura na escola, pois, segundo ela, o ensino da literatura na escola atual precisa assumir um propósito pragmático e profissional e que deve ser direcionado para alunos de origens menos privilegiadas, enfatizando a importância de adquirir o conhecimento das camadas dominantes para competir em igualdade de condições.

Na escola de hoje, o ensino da literatura sobreviverá somente se assumir sentido pragmático e profissional. Ao dirigir-se ao aluno originário dos grupos menos favorecidos da sociedade, deve deixar claro que lhe cabe absorver o conhecimento das camadas dominantes para disputar seus lugares em condições de igualdade. A literatura apresenta-se como um desses saberes práticos que o habilita ao ingresso

qualificado nas melhores universidades, nos melhores empregos, nos melhores segmentos da sociedade. Com isso, abre mão da aura que lhe legou a tradição; porém, recupera a posição que já deteve, dirigindo-se agora às classes populares, não aos núcleos ligados ao poder (Zilberman, 2009, p. 19).

Essa abordagem pragmática da literatura destaca a importância de sua utilidade prática no contexto atual, enfatizando sua capacidade de fornecer habilidades e conhecimentos relevantes para o sucesso acadêmico e profissional. Ao invés de ser tratada como uma disciplina distante e elitista, a literatura é apresentada como um meio pelo qual os alunos podem adquirir competências necessárias para ascender socialmente, o que de certa forma nos incomoda, pois vai de encontro à proposta de estudo da pesquisa, porém não podemos descartá-la totalmente dentro do campo de pesquisa, estudo e ensino da literatura.

Voltando às observações referentes à presença e estudo da literatura no livro didático, consideramos importante destacar também o fato de as atividades se apresentarem, em sua maioria, de forma fechada, pronta e acabada ou enfatizando os conteúdos didáticos. Notamos, por exemplo, que os poemas são apresentados e utilizados como recurso para ensinar, enfaticamente figuras de linguagem e verbos; assim como os contos que apontam o ensino dos elementos da narrativa, deixando as possibilidades de reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico bem restritas.

Os textos literários expostos neste livro didático vêm cumprindo, de forma evidente, a função de um instrumento pedagógico, prática esta que nos provoca certo incômodo, pois pressupomos e propomos que os gêneros textuais literários podem ser mais bem estudados, usufruídos, proporcionando aos estudantes oportunidades de apreciá-los, de compartilhar e relacionar cada leitura realizada buscando a construção de outros sentidos.

Entretanto, é preciso considerar que o livro didático é um instrumento para fins pedagógicos, disponibilizado ao professor para desenvolver atividades voltadas para o ensino da Língua portuguesa; cumpre seu papel através de tudo o que é proposto em sua construção para o processo de ensino e aprendizagem de muitos alunos e professor. Seria impossível o livro didático ser suporte para obras completas e diversas de literatura, então cabe ao professor, com seu repertório, a partir dos trechos literários entregues no livro, extensionar, “lançar mão” do seu repertório e acervo para mostrar que as obras e autores vão além do que está presente ali, no suporte didático, como proposta de estudo.

O livro didático carrega um status de “voz da verdade”, que lhe é conferido por muitos de seus usuários, que muitas vezes estão no meio da Amazônia – ribeirinhos, quilombolas ou em periferias longes de outras possibilidades de acesso a outros veículos de leituras. De acordo com Silva (2005), para crianças empobrecidas, esse livro é, talvez, o único recurso de leitura na

sua casa, onde não se compram jornais e revistas.

Apontamos como ação necessária dar maior liberdade de leitura aos estudantes, pois “o ato da leitura na escola silencia também a voz do escritor, ao aprisionar o seu texto em perguntas fechadas ou fichas de leituras” (Cordeiro, 2021, p. 30). Assim, é grande a necessidade da formação contínua do professor para que ele possa fazer uso de textos e atividades, de forma mais significativa, possibilitando ao público, sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, ir além do livro didático, ampliando seus repertórios e, conseqüentemente, contribuindo diretamente para uma educação literária mais interessante e satisfatória.

PARTE 2 – A PESQUISA EM AÇÃO

5 SITUANDO A METODOLOGIA DESTA PESQUISA

Reflexões sobre a pesquisa participante nos mostram que a metodologia é um dos fatores mais importantes na realização de uma pesquisa, pois é através dela que colocamos em prática nossas atividades propostas na construção do projeto de intervenção. Minayo (2007, p. 14) cita alguns elementos que constituem a metodologia, são eles: o método, as técnicas, a experiência, capacidade pessoal e a sensibilidade do pesquisador. Para a estudiosa,

a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, ou seja, a metodologia, inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (Minayo, 2007, p. 14).

Seguimos este caminho na intenção de alcançar o nosso objetivo maior dentro da pesquisa participante, caracterizada como um tipo de pesquisa na qual há a interação do investigador com a comunidade ou grupo que o investigador está pesquisando. É uma pesquisa baseada na máxima integração do participante natural que envolve seu objeto de estudo para uma melhor absorção dos conhecimentos de maneira mais complexa e profunda sobre o assunto pesquisado.

Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (Minayo, 2009, p. 16).

“A pesquisa participante rompe com a paradigma do não envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa” (Fonseca, 2002, p. 34). Assim sendo, esta pesquisa segue tais critérios caracterizando-se, assim, como uma pesquisa de inteiro envolvimento entre todos os sujeitos participantes do processo, com foco de observação, principalmente, do modo de ensinar, das estratégias de ensino da professora durante o processo de oferta das experiências estéticas aos alunos do 6º ano, dentro de suas aulas de língua portuguesa.

Tudo ocorreu normalmente durante as aulas, ou seja, nenhuma alteração nas aulas foi realizada no decorrer do processo de investigação, o qual teve aluna-mestranda como investigadora e a professora como mediadora, já que se entende “mediação tanto como o envolvimento afetivo do professor com a obra literária, como a realização de práticas de leitura para/com a criança, em que o diálogo entre texto e leitor, mesmo iniciante, seja incentivado

(Maia, 2007, p. 19).

A pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar; sendo um processo permanentemente inacabado. Processa-se, através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real (Fonseca, 2002). Ressaltamos que este trabalho envolve uma série de atividades com os alunos do 6º ano do Ensino fundamental, num ciclo de aplicar e observar a aplicabilidade, o envolvimento, o desenvolvimento, os desafios, as dificuldades e os resultados de cada uma delas, focando também no trabalho docente, em um campo maior de estudo, o modo de ensinar, de oferecer educação estética nas aulas de Língua portuguesa.

Esta pesquisa foi norteada pelas considerações de Minayo (2009). Dessa forma, na 1ª etapa, a chamada fase exploratória, foram feitas as pesquisas bibliográficas, estudos conceituais e construção do projeto que serviu de norte para a elaboração de um segundo projeto, do qual a característica principal é organização e sistematização das atividades de intervenção, incluindo todos os procedimentos necessários para a execução dele. A proposta de intervenção, denominada: “Uma leitura para cada Dia”, traz consigo inúmeras atividades pautadas na leitura e estudo de textos literários, entre eles a poesia. Neusa Sorrenti (2003, p. 19) diz que:

A poesia pode estabelecer uma ponte estabelecer uma ponte entre a criança e o mundo. Ela também constitui uma maneira de ensinar a dominar certos ritmos fundamentais do ser, como respirar. Pela expressão da fala, a criança se apropria de suas possibilidades, adquirindo o domínio de sua palavra. Durante muito tempo, acreditou-se, que para aproximar a criança da poesia, bastava apresentar-lhe textos de qualidade. Sabe-se hoje que é preciso somar outros elementos a essa aproximação, entre os quais o entusiasmo do professor e ou mediador. Um mediador sensível ao texto poético torna-se um grande iluminador do encontro texto-leitor. Ele é peça importante na formação do gosto pela poesia.

O primeiro passo foi selecionarmos, para compor nosso projeto de intervenção, uma série de textos e obras literárias de diversos gêneros, levando em consideração as dicas de Maia (2007), em relação a algumas características, principalmente, da poesia infantil, como a temática (natureza, animais), os sentimentos, a oralidade, os recursos sonoros, a musicalidade, as ilustrações, além do próprio texto e a indicação da idade para a leitura; considerando também as recomendações de especialistas de destaques nacional e também algumas obras regionais, por entendermos que é de suma importância que os alunos tenham conhecimento, acesso às produções literárias do seu meio, além de terem contato com escritores do lugar onde vivem.

Depois do material separado, fizemos a divisão em 20 blocos e 40 encontros. Cada encontro de três aulas de, aproximadamente, quarenta e cinco minutos cada, o que corresponde à carga horária semanal da disciplina Língua portuguesa, assim a rotina dos infantes não foi alterada, e a proposta de intervenção foi inserida no plano de curso da professora, com

adaptações necessárias, de modo a não desprezar ou prejudicar o cumprimento dos conteúdos indicados no Documento curricular Municipal, norte do desenvolvimento do currículo anual dos alunos dentro da escola.

A metodologia para coleta e análise de dados se deu através da observação de alguns elementos, como: a capacidade mobilizadora, propositiva, explicadora da professora; o efeito da atividade em si; o efeito do tipo de texto escolhido e oferecido aos alunos, o engajamento e o envolvimento com as atividades desenvolvidas, assim como a leitura e estudo dos registros escritos em um caderno, classificado como diário de bordo, construído a partir das observações feitas durante o desenvolvimento das atividades propostas no projeto de intervenção, um projeto de leitura com foco na literatura como um todo.

Optamos por oferecer experiências estéticas literárias nas aulas de língua portuguesa durante um semestre, por entendermos que se faz necessário um espaço mínimo de tempo para que o desenvolvimento do trabalho possibilite maiores e melhores vivências de cada atividade realizada e para que estas se consolidem na conclusão do processo desenvolvido.

A coleta de dados foi feita minuciosamente, principalmente no diário de bordo, pois disso dependeria a construção do resultado final da pesquisa, ou seja, a 3ª e última etapa do trabalho de pesquisa. Neste momento, realizamos o tratamento do material empírico e documental, no intuito de compreender e interpretar os dados empíricos, dialogando com as leituras teóricas que fundamentam o projeto de pesquisa ou que se fizessem necessárias.

6 CONHECENDO AS TURMAS

A pesquisa foi realizada na escola Dr. Ulysses Guimarães, situada na rua Anfrísio Nunes, no bairro Independente I, em Altamira, uma cidade localizada no estado do Pará, cravada às margens do rio Xingu. Altamira possui uma área de 159 695,938km², o que a torna o maior município do Brasil e o terceiro maior do mundo em extensão territorial e população, avaliada, de acordo com o Censo 2022, como contendo 126.279 habitantes.

A rodovia Transamazônica atravessa o município no sentido Leste-Oeste, numa extensão de 60km, ligando Altamira a Belém, capital do estado, a 800km, e Santarém (500km), onde está localizada a sede do ProFLeTRAS, ofertado pela Universidade Federal do Oeste do Pará, instituição a que se vincula a presente pesquisadora e a presente pesquisa. Vale ressaltar que boa parte desse trecho que liga Altamira, município onde resido, até Santarém, onde curso o mestrado, ainda se encontra sem asfalto, dificultando o acesso, principalmente no período de chuvas.

A escola, onde desenvolvemos a pesquisa, é considerada uma instituição de grande porte e oferece o Ensino infantil e fundamental a, aproximadamente, mil crianças e adolescentes. O bairro apresenta diversos problemas socioambientais, como: infraestrutura precária, falta de saneamento básico, violência, tráfico de drogas e outros problemas socioeconômicos.

Os alunos da nossa comunidade escolar vêm de família de classes socioeconômicas média e baixa, que geralmente trabalham com serviços gerais, ou como pedreiros, comerciantes, balconistas, vendedores, autônomos e servidores públicos. A escolaridade dos pais varia de Ensino Fundamental e Médio; há poucos com nível superior. No geral, são bem informados, atualizados e ativos na busca dos seus direitos; os principais meios de transporte da comunidade são carros, motocicletas, coletivos e bicicletas.

Importante destacar que esta escola recebe muitos alunos de origem indígena, pois há um número bem significativo de famílias indígenas no bairro, principalmente das etnias Xipaiá, Xikrin, Kayapó e Curuaia, fluxo que aumentou com a construção da Hidrelétrica de Belo Monte e seu impacto sob a moradia destes situadas às margens do rio Xingu.

De acordo com o Plano Político Pedagógico 2023 desta instituição, a Escola Municipal de ensino Fundamental Dr. Ulysses Guimarães tem como função principal:

respeitar e valorizar as experiências de vida dos educandos e de suas famílias. Temos como propósito fortalecer nos educandos, a postura humana e os valores aprendidos como, por exemplo, a criticidade e a sensibilidade. A escola prima pela formação de seres humanos com dignidade, identidade e projetos de futuro, tendo em vista que nossa comunidade escolar é afetada por vários fatores externos: violência doméstica, violência na comunidade, indisciplina, abandono familiar, baixo poder

aquisitivo entre outros, no entanto esta Instituição de Ensino procura interferir, buscando soluções e passando valores morais e Éticos ao alunado. A E.M.E. I.F. Dr. Ulysses Guimarães se destina a oferecer aos educandos uma formação humana e intelectual de qualidade, para o desenvolvimento integral de cidadãos críticos, cooperativos e atuantes na transformação da sociedade. Pretendendo ser reconhecida também pelo compromisso, competência, união e criatividade de todos que participam da comunidade escolar (PPP, 2023, p. 3).

A escola traz, em sua proposta pedagógica, a seguinte missão:

Oportunizar uma educação alicerçada na conservação de valores humanísticos e éticos em um ambiente dinâmico e integrador, para formar alunos com autonomia intelectual e condições de prosseguir na vida acadêmica os levando a construir sua história com responsabilidade, dignidade e autonomia, contribuindo para uma sociedade mais justa, fraterna e feliz (PPP, 2023, p. 5).

Nesse sentido, busca também “a construção do conhecimento, desenvolvendo habilidades, para que descubram valores inerentes à pessoa humana e à sua capacidade intelectual” (PPP, 2023, p. 6). Nessa perspectiva, ministramos aula de Língua portuguesa para o 6º e o 9º ano desde 2012 nessa escola, e o público escolhido para participar da pesquisa através do projeto “Uma Leitura para cada Dia” foram as crianças e os adolescentes que formam as duas turmas de 6º ano do período matutino.

No primeiro semestre, por ser também a professora das turmas em estudo, tive a oportunidade de fazer uma diagnose para conhecer um pouco de cada aluno, suas peculiaridades e tentar identificar a relação que cada um deles já tinha com a leitura. Foi assim que descobri que muitos nunca tinham lido nenhum livro, por outro lado, outros eram alunos com o hábito da leitura desde muito cedo.

Alguns desses alunos, que se mostraram já possíveis leitores, relataram que os grandes incentivadores das suas primeiras leituras foram seus pais, mais especificamente a mãe, e outros apontaram os professores. Desta maneira, pude ter um breve diagnóstico dos alunos que tinham, em relação aos seus níveis, contatos com as leituras, especialmente as literárias. Isso foi muito importante na construção do acervo, composto por obras recomendadas por professores, especialistas, leitores e escritores, o qual foi o cerne do desenvolvimento do projeto. Segundo a perspectiva de Candido (2011, p. 184),

Isso não quer dizer que só serve a obra perfeita. A obra de menor qualidade. A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos.

Nosso acervo, denominado “Caixa Literária”, foi formado com grandes variedades de obras, temáticas e gêneros; priorizando as obras em seu suporte original e respeitando a integralidade delas. Importante ressaltar que a formação desse acervo foi necessária, devido à

falta de disponibilidade de quantidade e diversidade de obras referenciadas por estudiosos, assim como o atendimento. Nossa sala de leitura possui um cronograma de atendimento que consideramos insuficiente para a realização da atividade de intervenção, já que esta traz uma proposta de leituras literárias diárias. Diante disso, o recrutamento das obras e a construção da caixa literária foi uma ação assertiva para a aplicação das atividades em sala de aula.

Abrindo aqui um parêntese para dizer que, no ano seguinte à realização da pesquisa, as salas de leitura do município foram fechadas em praticamente todas as escolas, deixando nosso público estudantil com acesso ainda mais restrito aos livros literários, já que a cidade também não dispõe de livrarias.

No acervo, pudemos encontrar aquelas que os escritores brincam, através de narrativas, piadas, adivinhas, música e poesia, ressaltando animais, elementos da natureza e cenas do cotidiano do universo infantil, como: *Um passarinho me contou* – José Paulo Paes / *Poemas miudinhos* – Neusa Sorrenti / *Da minha Janela* – Otávio Júnior / *Lukinha – o Maestro Sabiá* – Jairo Sousa / *Aves do sertão* – Istevão Majos / *O menino do dinheiro em cordel* – Reinaldo Domingos / *Jardim dos Versos* – Robert Louis / *Abraço de pelúcia e outros poemas* – Mara Lagarta / *Chuva Choveu* – Maria Rios / *Arco-íris* – Elizabeth Hazim / *Festa no meu Jardim* – Marco Bagno / *Mamão, Melancia, tecido e poesia* – Fábio Sobra / *Árvore* – João Proteti / *Maluquices musicais* – José Santos / *Tantos Barulhos* – Caio Riter / *Cadê o juízo do menino* – Tino Freitas / *Poemas e outros bichos* – Cíntia Alves / e *Leão Leão* – Vinícius de Moraes.

Algumas obras, construídas a partir da brincadeira com a própria linguagem poética, destacam além de bichos e diversidades da natureza, abordam também sentimentos e curiosidades do dia a dia das crianças. Entre elas, temos: *Coisa que chegam, coisa que partem* – Ninfas Parreira / *O velho que trazia a noite* – Sérgio Caparelli / *De bichos e não só* – Bartolomeu Campos / *Travatrovas* – Ciça e Gato, *Castelo, Elefante?* – Suryara Bernardi.

Em outras, são tratados temas diversos em narrativas e haicais, nas quais a própria poesia é o elemento principal. Assim, temos: *Poesia fora da estante* – Vera Aguiar / *Poemas empoleirados no fio do tempo* – Neusa Sorrenti / *O Xale azul da sereia e Crianças e bichos* – Roseana Murray / *Pluft – o fantasminha* – Ana Maria Machado / *O tempo escapou do relógio* – Marcos Bagno / *Ou isto ou Aquilo* – Cecília Meireles / *Estação dos Bichos* – Alice Ruiz / *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* – Ricardo Aguiar / *Dezenove poemas desengonçados e Materiais escolares* – Ricardo Azevedo / *Diga em verso bem bonito* – José e Rosana / *Cores em cordel* – Maria Augusta / *Poesia na varanda* – Sônia Junqueira / *Poetas na escola* – Coletânea OLP / *Quando a primavera chegar e A cidade dos cinco cipreste* – Marina Colasanti.

Temos textos voltados para a cultura indígena e outros que fazem referência à história

dos negros, suas vivências, lutas, memórias históricas, principalmente das mulheres negras: *Poeminhas da Terra* – Márcia Leite / Algumas poesias – *Meia Lágrima De Mãe / Da calma e do silêncio / Vozes-mulheres e Recordar é preciso* – Conceição Evaristo / *Minha família Enauenê* – Rita Carelli / *Os Poemas Índio eu não sou / Território ancestral e Os filhos das águas dos Solimões* – Márcia Kambeba / *O barqueiro e o canoeiro* – Fernando Vilela.

Narrativas que ressaltam a própria criança como protagonista de sua história também fazem parte do nosso acervo, como o encantador livro *A cruzada das crianças* – Bertold / *Crianças* – Maria José Ferrada / *Poesias do Nilo* – Gilles Eduar / *Limeriques de bípede apaixonado* – Tatiana Belinky / o poema – *Os direitos da criança* – Ruth Rocha / *Direitos das Crianças* – *Onde estão meus pais?* – Aleix Cabrera.

Obras memorialistas que apontam para uma poesia social ou fazem referência à nossa própria história, como o marcante poema *Rosa de Hiroshima* – Vinícius de Moraes / *Se os tubarões fossem homens* – Bertold Brechet / *O mosquito que engoliu o boi e Baú de Bem-querer* – Paulo Nunes / *Anamã* – *Fogo nas águas do Amazonas* – Sônia Portugal / *Poemas escolhidos* – Ferreira Gullar.

E por fim, obras que se referem à tradição cultural, com foco na culinária e no artesanato do nosso país. Elencamos: *Banho de chuva* – Paulo Nunes / *A menina dos sonhos de renda* – Marília Lovatel / *Mês de Junho tem São João* – Fábio Sobra / *Poesia quando nasce* – Sérgio Penna / *Delícias e gostosura* – Ana Maria Machado e aqueles que contam suas histórias a partir do seu ritmo ou de sua própria imagem, os poemas concretos, *Pássaro em vertical* – Libério Neves / *A primavera endoideceu* – Sérgio Capparelli / *Vem navio* – Haroldo Campos / *Trem de ferro* – Manuel Bandeira.

A estética de uma obra literária se refere à sua beleza e expressão artística, sendo assim, ao selecionarmos as obras para a montagem da “caixa literária” vários aspectos e critérios foram necessariamente observados e considerados, mesmo sabendo que avaliar a estética de uma obra pode ser subjetivo, pois diferentes pessoas têm diferentes preferências. Foram levados em consideração elementos, como Estilo de Escrita; Imagética e Descrição; Estrutura e Organização; Originalidade e Criatividade; Tema e Significado; Intertextualidade e Referências Culturais; Tom e Atmosfera; Ponto de Vista Narrativo; Simbolismo; Metáforas e Impacto Emocional. Devemos observar como esses elementos se combinam para criar uma experiência estética única. Lembrando que a interpretação estética pode variar de pessoa para pessoa, já que a apreciação da arte é, em grande parte, uma experiência subjetiva.

A escolha dos livros foi feita a partir daqueles que trazem finais abertos, que apresentam personagens mais complexos, muitas vezes personagens contraditórios; livros pouco

previsíveis; livros que dialogam com outras histórias, que remetem a outras histórias que trazem, em trechos, elementos de outras histórias conhecidas ou livros que trazem versões diferentes de uma mesma história, além dos que apresentam ilustrações que desafiam os leitores; livros, em geral, que deixam mais espaço para o leitor trabalhar e livros que tem a capacidade de provocar mais conversa do que aqueles que não tem essas características. Então, olhar cuidadosamente a escolha do livro é um aspecto fundamental que favorece participação ativa do leitor na realização da leitura, pois é a partir dele que temos a possibilidade de desenvolvermos atividades mais significativas com nossos alunos.

A Caixa Literária, com sua grande diversidade de obras, proporcionou a cada aluno inúmeras possibilidades de leitura. Aquela criança que já tem uma relação mais estreita poderia escolher uma narrativa mais densa, maior ou mais complexa, assim como aquela que ainda engatinhava com as frases e versos poderia ler um texto menor, mais simples. Dessa forma, todos tiveram oportunidades de escolher livremente o que gostariam e conseguiriam ler com mais facilidade.

Muitas obras e personagens ganharam a simpatia dos estudantes. Alguns desses livros, preciso citar aqui, porque realmente foram muito disputados, dificilmente eles ficavam disponíveis na caixa, geralmente estavam nas mãos de alguém: *Poemas miudinhos*, de Neusa Sorrenti; *O xale azul da sereia*, de Roseana Murray; *Poeminhas da terra*, de Márcia Leite; *Crianças*, de Maria José Ferrada; *Jardim dos versos*, de Robert Louis e *Festa no meu jardim*, de Marcos Bagno.

Nossas turmas são compostas por 35 alunos, cada, oriundos, em sua maioria, da própria escola. Importante ressaltar que temos apenas um aluno repetente em cada turma, assim como um aluno PcD (pessoa com deficiência). Ambos possuem professores auxiliares que os acompanham diariamente em suas atividades dentro da sala de aula.

Nossos alunos pertencem, em média, a uma faixa etária de 11 a 12 anos, ou seja, estão enfrentando a fase de transição da infância para a adolescência e é nessa mudança que “o desenho é deixado para trás como etapa vivida, e seu lugar começa a ser ocupado pela nova criação, verbal ou literária, que predomina, principalmente, no período de amadurecimento sexual do adolescente” Vigotski (2009, p. 63).

É muito fácil compreender a relação que existe entre o desenvolvimento da criação literária e a idade de transição. O fato principal dessa idade é o amadurecimento sexual. Com base nesse fato central, graças ao qual, na vida da criança, tal idade torna-se crítica, podem ser explicadas todas as outras especificidades relacionadas a ela.

[...]

Nessa idade abre-se um mundo inteiro de vivências internas, de impulsos, de anseios; a vida inferior fica infinitamente mais complexa em comparação com a idade

precedente. As relações com o meio e com as pessoas tornam-se bem mais complexas; as impressões que chegam do mundo externo são submetidas a um tratamento mais profundo. Existe um traço do comportamento dos adolescentes que salta aos olhos e tem uma relação direta com o despertar da criação literária nessa época – é a emotividade aguçada, a excitabilidade elevada do sentimento, no período de transição. (Vigotski, 2009, p. 75-76).

Ele sugere que o período da adolescência, marcado por mudanças físicas e emocionais significativas, é uma época propícia para o surgimento da criatividade literária. Ao entrar na adolescência, os jovens experimentam um aumento na complexidade de suas experiências internas e externas. As relações interpessoais se tornam mais intrincadas, as emoções se intensificam e as percepções do mundo se tornam mais profundas. Nesse contexto, a literatura pode servir como uma forma de expressão e processamento dessas experiências complexas.

A emotividade elevada e a excitabilidade dos sentimentos durante a adolescência podem ser canalizadas de maneira criativa na escrita literária. A literatura oferece um meio de explorar e dar sentido às emoções intensas e às experiências turbulentas típicas desse período da vida.

Esclarecemos aqui o porquê da relevância de oferecermos experiência estética durante um semestre. O projeto de intervenção é constituído por uma grande diversidade de atividades, logo precisamos de um tempo apropriado para que os estudantes consigam, de maneira tranquila, vivenciar a realização de cada uma delas, conhecendo os escritores, vários gêneros, exercitando e compartilhando as leituras e várias interpretações. Em relação ao tempo, é algo parecido com o que acontece em uma formação literária, como afirma Farias (2019, p. 19):

A educação literária se faz lentamente e exige tempo, em um exercício de identidade, em que cada pessoa se reconhece na experiência narrada e no alargamento de fronteiras, quando convidada ao deslocamento e convocada a experimentar e a pensar o que lhe parece alheio e estranho.

A citação destaca a educação literária como um processo gradual que demanda tempo e dedicação, sendo um exercício de construção de identidade. O professor Hélder Pinheiro (2011) também chama a atenção para essa questão do tempo de estudo de obras literárias; para ele, além na necessidade de esse estudo ser constante, todos os professores e em todas as disciplinas deveríamos estimular os alunos a pesquisarem, a estudarem, a apreciarem mais as obras literárias.

7 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO DA SALA DE AULA

Nossa proposta de intervenção está diretamente relacionada ao ato de oferecer à crianças e adolescentes, de forma sistematizada, possibilidades de conhecimento, experiências estéticas na vivência com a literatura, por meio de diversas atividades, como assistência de vídeos e estratégias de leituras, entre elas as que Baldi (2009) chama de “biblioteca todos os dias”, segundo a qual o aluno pode levar para casa livros de sua livre escolha; leitura socializada, momento em que a professora lê um capítulo a cada aula; leitura individualizada, aquela que os alunos, além de lerem na própria sala de aula, na escola, também levam textos ou livros para realizarem as leituras em casa, e unidade de leitura ou leitura mediada, quando a professora propõe a leitura e estudo de um ou mais texto focando na linguagem, ampliando a capacidade de estabelecimento de relações e construção de sentidos.

Entende-se por estratégias de leitura, os mecanismos individuais que o leitor desenvolve ao longo da sua vida, para obter uma informação, por meio do ato de ler. Dessa forma, essas estratégias podem ser entendidas como meios utilizados pelos leitores para compreenderem o que leem e de conhecerem a maneira como formulam seus pensamentos, descobrindo os processos mentais de entendimento de um texto (Aves; Souza; García, 2011, p. 59).

A leitura é muito mais do que simplesmente decodificar palavras em uma página. É um processo ativo e complexo que envolve a interação entre o texto, o leitor e o contexto. As estratégias de leitura são as ferramentas que os leitores desenvolvem ao longo de suas vidas para navegar nesse processo de compreensão. Elas são como um conjunto de chaves que nos permitem desbloquear o significado de um texto e acessar o conhecimento nele contido.

Assim, ao reconhecer a importância das estratégias de leitura, nos tornamos mais conscientes de como nos engajamos com os textos e como construímos nosso entendimento do mundo ao nosso redor. Isso nos convida a refletir não apenas sobre o que lemos, mas também sobre como lemos, e nos incentiva a cultivar e aprimorar nossas habilidades de leitura ao longo da vida. É interessante perceber como essas estratégias não são apenas ferramentas passivas, mas sim ativas e dinâmicas, moldadas pela interação do leitor com diferentes tipos de textos, contextos e experiências de vida.

Portanto, ao refletir sobre as estratégias de leitura, somos convidados a considerar não apenas o que está sendo lido, mas também o como e o porquê estamos compreendendo de determinada maneira. Essa consciência dos processos mentais envolvidos na leitura não apenas enriquece a nossa compreensão dos textos, mas também nos ajuda a nos conhecermos melhor como leitores e como seres pensantes.

Os registros nos diários de bordo reverberam a funcionalidade e o efeito de cada texto exposto, cada vídeo apresentado aos alunos. Cada leitura oferecida e realizada durante o desenvolvimento do projeto de intervenção teve seu momento de contemplação, releitura e reflexão, para que cada aluno tivesse a chance de perceber e construir relações e sentidos presentes no conjunto das palavras que o compõe.

A seguir, temos a descrição minuciosa de todo o desenvolvimento do Projeto de Intervenção durante o segundo semestre de 2023. Os registros trazem o que e como foram trabalhadas as atividades em cada encontro, nos 20 blocos que formam a proposta de intervenção.

Destacamos alguns livros e textos que mais se sobressaíram, atraíram o interesse dos alunos, assim como a aplicabilidade de cinco vídeos – *Leilão de Jardim*, de Cecília Meireles, *A Quase Morte de Zé Malandro*, de Ricardo Azevedo, *A Rosa de Hiroshima*, escrito pelo cantor e compositor Vinicius de Moraes, *Da minha janela*, de Otávio Júnior e *A bailarina*, de Cecília Meireles – todos os produtos audiovisuais foram elaborados intencionalmente para este projeto, pela mestrandia Tânia Serique.

7.1 Bloco 1

No primeiro encontro deste bloco, fizemos, oficialmente, através de slides, a apresentação do projeto de intervenção “Uma Leitura para cada Dia” para o grupo envolvido no estudo. Vale lembrar que, antes desse momento, já havia acontecido uma longa conversa com os alunos inseridos na pesquisa, ou seja, das turmas dos 6º anos A e B, e seus responsáveis. Esclarecemos sobre a temática da pesquisa, seus objetivos e estratégias de trabalho, destacando o desenvolvimento de cada etapa do projeto de intervenção. Agora, no intuito de sanar qualquer dúvida em relação à participação dos alunos e da aplicabilidade do projeto de intervenção, mostramos minuciosamente cada passo da proposta de trabalho, cujo cerne é a leitura com foco na literatura, ressaltando que algumas das obras seriam apresentadas, além do texto escrito, em forma de vídeos para melhor observação e contemplação da estética literária presente nos elementos que constituem cada obra.

Depois de tudo explicado minuciosamente, passamos à apresentação do acervo, a “Caixa Literária”. Explicamos como foi formado o acervo e mostramos cada obra literária individualmente, destacando escritor, ilustrador, gênero textual, temática, formato, título, papel, algumas ilustrações e as cores. A partir desse momento, já começamos a instigar a participação do público, pois, à medida que apresentávamos um livro, perguntávamos se alguém conhecia, se já tinha lido ou ouvido falar do título ou do autor.

Durante a explanação, a professora sempre deixava uma fala na intenção de despertar a curiosidade dos alunos, como, por exemplo, quando falou da obra *Poesia do Nilo*, de Gilles Eduar, perguntei: “quem ou o que seria Nilo? Uma pessoa? Um rio? Um animal? Um lugar?” E, assim, passava para a próxima obra, deixando as respostas a serem descobertas no decorrer das leituras nas aulas seguintes.

Em seguida, encerramos a exposição do projeto com a apresentação, em vídeo do poema *A poesia na Varanda*, de Sônia Junqueira, ilustrado por Flavia Fargo e publicado em 2011, em um livro que traz uma coleção de poemas que retratam a presença da poesia em todos os lugares e momentos, incluindo a varanda. A partir desse momento, a poesia toma conta de nós: brota, passa, entra, grita, brilha... e vai embora. Para onde? Será que ela volta? Quando? E por onde vai passar? Questões importantes ressaltadas, ao final da apresentação.

Para finalizar, construímos uma roda de conversa, a partir da qual discutimos um pouquinho mais sobre a importância da temática do projeto, os livros, os elementos presentes e observados durante a assistência do vídeo. A seguir, entregamos para cada aluno uma cópia do poema apresentado anteriormente para lermos juntos, observando a estrutura do texto poético e identificando versos e estrofes; salientamos as diversas formas que a poesia pode expressar e se apresentar em nossas vidas, assim como onde e como podemos percebê-la; a aula foi encerrada com a cópia do poema no caderno, uma leitura compartilhada, anotação no diário, abordando as percepções do primeiro encontro, principalmente sobre a poesia compartilhada. Os alunos foram orientados a trazerem de casa para a próxima aula um poema de seu agrado.

No segundo encontro, já iniciamos com o compartilhamento da atividade anterior, ou seja, a leitura dos textos, alguns poéticos e outros com pequenas narrativas em prosa poética, que os alunos trouxeram, como solicitado no final do primeiro encontro. Cada aluno lia e comentava, mediado pela professora, a respeito do porquê da escolha daquela leitura e, ao final da atividade, montamos um grande mural com os textos trabalhados.

Em seguida, compartilhamos a leitura do poema *Convite*, de José Paulo Paes, o qual sugere que a poesia é uma forma lúdica de manipular e explorar a linguagem, semelhante a brincar com objetos, como bola, papagaio e pião. Nele, o autor destaca a diferença entre esses objetos físicos, que se desgastam com o uso, e as palavras, que permanecem sempre novas, independentemente de quantas vezes são usadas. A analogia é estendida à natureza, comparando as palavras à água do rio, que é constantemente renovada, e aos dias, que são sempre novos.

Lemos, ainda, *Moda da Menina Trombuda*, de Cecília Meireles, que descreve uma transformação na personalidade de uma menina ao longo do tempo. Inicialmente, a menina é retratada como “muda” e “trombuda”, o que causa medo nos outros. Contudo, a segunda parte

do poema indica uma mudança na menina. Ela passa por uma transição em seus modos, deixando de ser trombuda. A narrativa destaca a fluidez das emoções e comportamentos, enfatizando que as mudanças são parte natural do crescimento e desenvolvimento da personalidade. Muitos alunos se identificaram com a personagem do segundo poema, em relação ao comportamento dela. Depois dessa atividade de interação e compartilhamento de falas, os alunos copiaram os textos, destacaram algumas rimas e criaram outras juntamente com a professora.

O próximo momento foi dedicado às anotações no diário de bordo, na caderneta que cada aluno recebeu para registrar suas percepções em relação às atividades desenvolvidas diariamente a cada encontro e, para finalizar a aula do dia, os alunos escolheram obras na caixa literária para realizarem as leituras em casa com a ajuda da família.

7.2 Bloco 2

Iniciamos o segundo bloco com a distribuição aos alunos do poema *Diretos da criança*, de Ruth Rocha, que destaca a importância de garantir os direitos fundamentais e o bem-estar das crianças. O poema enfatiza que todas as crianças no mundo merecem ser protegidas dos desafios impostos pelo tempo e pela vida. Elas têm direito a um nome, a um lar, à saúde, à alimentação, à segurança e à educação. A autora ressalta que o respeito pelos direitos das crianças não é uma questão de escolha ou concordância, mas uma obrigação de todos. Além dos aspectos básicos, o poema destaca a importância de permitir que as crianças desfrutem de momentos de alegria e diversão. Elas têm direito à atenção, a não ter medo, a ter acesso a livros, alimentos, brinquedos, e também têm o direito de sorrir, brincar e experimentar a felicidade em diversas formas, desde correr na beira do mar até lambe o fundo da panela.

Em seguida, assistimos a um vídeo construído também a partir do texto poético *Direitos da criança*, já lido anteriormente. Com a assistência do vídeo, as crianças puderam apreciar mais uma vez, através dos versos de Ruth Rocha, a riqueza e a diversidade das experiências que fazem parte da infância, reforçando a ideia de que respeitar os direitos das crianças é essencial para o seu desenvolvimento pleno e saudável.

Convidamos uma conselheira tutelar para falar um pouco mais sobre a temática do dia, os direitos das crianças. Dialogando com os infantes, a convidada apresentou esses direitos inseridos no dia a dia das crianças, mostrando que ter uma infância feliz está em pequenos detalhes que nem sempre são valorizados. Ela aproveitou o momento para apresentar, de forma sucinta, uma edição especial do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Em meio à

apresentação, um aluno levantou a mão e disse: “Acho muito importante saber que temos direitos e quais são eles”.

O vídeo foi repetido várias vezes, e, a cada repetição, abordávamos um aspecto diferente, muitas vezes apontadas pelos próprios alunos, inclusive observando a possibilidade de a temática ser tratada em outros gêneros textuais diferentes do poema, como em histórias em quadrinhos e documentos, como a carta de Declaração dos direitos das crianças e adolescentes; em seguida, fizemos uma leitura voluntária e a cópia do poema no caderno.

Para finalizar este momento, a professora formou dois grandes grupos na sala de aula. Para um grupo, ela distribuiu cópias do poema *Meus oito anos*, um dos textos poéticos mais conhecidos e queridos de Casimiro de Abreu. O poema retrata a inocência e a pureza da infância, por meio do qual o eu lírico recorda, com nostalgia e saudade, dos tempos de brincadeiras e sonhos de sua infância aos oito anos. Ao falar da obra, a professora destaca a linguagem simples e emotiva, que ressalta a sensibilidade do autor ao abordar temas como a passagem do tempo e a perda da ingenuidade infantil.

O outro grupo recebeu o poema *Tem tudo a ver*, de Elias José. O texto traz como tema central a universalidade da poesia, mostrando que ela está presente em todos os aspectos da vida, desde alegrias até tristezas, da natureza à experiência humana. A professora enfatizou que o poeta destaca que a poesia abrange tudo: emoções, sensações, cores, sons e até mesmo os elementos naturais.

A atividade desenvolvida foi o estudo dos textos, observando a temática, a linguagem, além da musicalidade presente no verso livre e as possíveis imagens representadas em cada verso; os alunos leram, conversaram, fizeram anotações e, em seguida, alguns alunos compartilharam a leitura do poema do seu grupo e as anotações feitas sobre ele.

No segundo encontro, iniciamos com a leitura externa nas turmas de 3º, 4º e 5º anos dos textos *Meus oito anos* e *Tem tudo a ver*, estudados no encontro anterior; outros alunos optaram pelas leituras das obras *Um passarinho me contou*, de José Paes Loureiro, ilustrado por Kiko Farkas e publicado em 1996, por meio do qual o poeta brinca com o nome dos bichos, faz adivinhas, prega peças e também conta histórias e diverte com piadas em 16 poemas; *Crianças e bichos*, escrito por Roseana Murray, ilustrado por Dani Keiko e publicado em 2023; nesta coletânea de poemas, Roseana faz uma mistura interessante, Crianças e bichos.

No retorno para a sala de aula, individualmente, os alunos anotaram suas experiências no diário de bordo. Finalizando o último encontro deste bloco, foi solicitada uma observação sobre a classe gramatical adjetivo, a fim de identificar a presença e qual o efeito deste nos textos em estudo; a última atividade do dia foi a escolha de obras na caixa literária para levar para casa

para realizar leituras-deleite, se possível com a família ou amigos.

7.3 Bloco 3

Este foi um encontro muito interessante. Tivemos, para iniciar a aula, a apresentação do livro *Poemas Miudinhos*, de Neusa Sorrenti, ilustrado por Gabriela Gil e publicado em 2019; nele, a música e a poesia estão em toda parte. Elementos da natureza, cenas do cotidiano e mesmo situações absurdas vêm à tona com os versos líricos e singelos da escritora. São textos breves e bem-humorados para cantar e musicar, mas, acima de tudo, para se divertir e emocionar. Cada poema traz uma sugestão de acompanhamento musical, com instruções passo a passo e ilustrações detalhadas para a confecção de instrumentos a partir de sucata ou materiais fáceis de serem encontrados.

Nesta obra, a professora destacou, em slides, os poemas *Diferenças*, *Exigente ou Moderninha?* e *Recados de Longe*. Os três foram impressos e distribuídos para a leitura individual, leitura externa, em outros ambientes da escola, como pátio, sala da coordenação, sala de leitura, outras salas de aula, e leitura voluntária, dentro da própria sala de aula. Em seguida, fizemos uma roda de conversa sobre a temática tratada em cada um deles; momento de grande interação, principalmente quando discutimos o texto *Diferença*, pois este descreve as estrelas como se fossem meninas, destacando suas semelhanças e diferenças. Algumas estrelas são descritas como previsíveis, precavidas e previdentes, enquanto outras são caracterizadas como precipitadas, preocupadas e prepotentes.

Para complementar esta leitura e encerrar esse encontro, a professora fez uma exposição oral sobre a obra *Maluquices musicais*, de José Santos, publicado em 2009, destacando a linguagem, as rimas, a estrutura e acompanhando toda a parte escrita e as ilustrações que fizeram toda a diferença na apresentação e apreciação de cada texto. Em *Maluquices Musicais*, José Santos apresenta rimas e adivinhas sobre o mundo da música. Nas páginas ilustradas pelo artista Guazzelli, surgem músicos muito originais tocando incríveis instrumentos, tudo embalado em versos e histórias que encantam e divertem.

No segundo encontro, ainda deste bloco, começamos o dia com a apresentação do vídeo do texto poético *Leilão de Jardim*. O poema faz parte da obra *Ou isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles, publicado em 1964; nele, a autora fala sobre a dificuldade de escolhermos entre duas (ou mais) opções. A assistência do vídeo foi um momento de grande descontração, pois a música de Sebastião Tabajós, as imagens de Van Gogh e Henri Matisse, escolhidos pela produtora do vídeo, prenderam, de maneira notória, os olhares da turma. É claro que sempre

tem um ou outro aluno que apresenta certa dificuldade para se concentrar, mas nada que prejudicasse o fluxo do desenrolar da atividade.

Depois de apresentar o vídeo por diversas vezes, parte por parte, para que pudéssemos conversar minuciosamente sobre cada elemento que o compunha, fizemos um momento de reflexão e anotações nos diários de bordo sobre as percepções que cada um teve sobre tudo o que foi exposto. No momento dos registros nos diários, um ou outro com mais dificuldade sempre pedia ajuda da professora ou dos outros colegas para conseguir organizar e escrever o que pensava, sentia.

Em seguida, conhecemos alguns textos do livro *O tempo escapou do relógio*, de Marcos Bagno, ilustrado por Marilda Castanha, que foi publicado em 2011; este livro apresenta uma coletânea de textos primorosos em que se mesclam a sensibilidade, a reflexão, o humor e a exploração criativa da linguagem. São poemas que nos desafiam, nos convidam a novos olhares e nos provocam para muitas descobertas; além da leitura de poemas do livro *Coisas que chegam e coisas que partem*, de Ninfas Parreiras, publicado em 2008. O livro, ilustrado por Claudia Ramos, traz poemas que remetem ao universo infantil: às coisas que chegam: o presente, o colega, o Natal, a chuva; às coisas que partem: o sol, o amigo, o dente-de-leite, os pais. As ilustrações conferem lirismo e reforçam que o texto poético pode estimular crianças e adolescentes a compartilharem suas alegrias e tristezas.

Alguns textos foram apresentados com auxílio do retroprojetor para que os estudantes tivessem acesso não só aos próprios textos escritos, mas também à beleza, ao colorido das ilustrações que acompanha cada poema. No final deste bloco, grupos foram formados e, juntos, professora e alunos criaram algumas rimas, como: “flor/amor/dor; alegria/companhia/Maria; pão/melão/João; e até pequenos versos: “João é meu irmão que gosta de pão e melão”; “Maria ganhou uma flor com muito amor”; “A companhia de Maria me traz muita alegria”. Os versos foram registrados em um pequeno painel feito de cartolina e depois fixado na sala.

7.4 Bloco 4

No quarto encontro, tivemos a participação de um convidado externo para realizar a leitura do dia. A professora responsável pela sala de leitura foi convidada a se juntar à turma para ler e comentar o poema *Leão*, de Vinícius de Moraes. O texto faz parte da Coletânea da Olimpíada de língua portuguesa – *Poetas na escola*.

Depois da leitura e de um pequeno diálogo entre alunos e a convidada, a professora da turma fez observações sobre a exibição que o escritor faz da força do leão, além da representação da força física; o poema também sugere uma reflexão sobre a posição do leão na

hierarquia da natureza. Ao chamá-lo de “rei da criação”, o poeta destaca a supremacia do leão como uma figura majestosa e poderosa no reino animal, frequentemente considerado o “rei da floresta”.

Foi ressaltada também, pela professora, a presença e efeitos das figuras de linguagens que compõem cada verso e estrofes do poema. Em seguida, os alunos foram orientados a formarem duplas para reflexões e anotações no diário de bordo. Para encerrar o primeiro encontro, todos os estudantes escolheram textos na Caixa Literária para leitura nas turmas do ensino fundamental – anos iniciais –, no próximo encontro.

No encontro seguinte, a aula foi iniciada com a apresentação, em vídeo, do conto *A Quase Morte de Zé Malandro*, escrito por Ricardo Azevedo; a narrativa faz parte da coletânea “Contos de Enganar a Morte”, publicado em 2003. Nela, o autor explora a relação entre a literatura popular e a ficção. Por ser um texto com maior extensão, em relação aos que os alunos estavam acostumados, a apresentação foi repetida diversas vezes para que eles compreendessem a narrativa de forma proveitosa e significativa, apreciando melhor o efeito de sentido de cada trecho.

O vídeo traz imagens de xilogravuras diversas (em preto e branco), ao som de *Chorinhos diversos no violão*, com Marcos Kaiser, que, de forma geral, não agradou os alunos. Segundo eles, deixava o texto triste, causando um pouco de medo, mesmo alguns falando que estava acompanhando o tema morte. “A morte é triste, por isso a cor preta das imagens também é triste”. A professora aproveitou o momento para falar um pouco sobre a técnica usada na ilustração da obra, xilogravura.

Em seguida, os alunos realizaram a leitura externa das obras *Poeminhas da Terra*, de Márcia Leite, ilustrado por Tatiane Mões e publicado em 2016. Nele, a escritora destaca a hora de comer, hora de brincar, hora de colher, hora de pescar, hora de festejar, hora de contemplar, hora de compartilhar; são alguns dos temas explorados nestes singelos poemas sobre o cotidiano da vida na aldeia daqueles que são os primeiros habitantes do Brasil; e do livro *Abraço de pelúcia e outros poemas*, de Mara Lagarta, ilustrado por Mariângela Haddad e publicado em 2010. Marta faz, nessa obra, o uso de uma linguagem ideal para atingir a criança-leitora e a criança-ouvinte. As experiências comuns do território infantil, como brincar, imaginar, comer, dormir, aprender são incrementadas com o tempero da poesia e do humor, através das palavras que se arrumam numa grande e feliz brincadeira, em que entram naturalmente o jogo e a rima.

No final, todos voltaram à sua sala para as anotações no diário de bordo. Para o encerramento deste bloco, a professora pediu aos alunos que fizessem uma atividade em casa com a ajuda dos pais. Uma produção textual com tema livre deveria ser feita e compartilhada

na aula seguinte.

7.5 Bloco 5

Chegamos ao quinto bloco com um pouquinho mais de fluidez no trabalho com as atividades propostas no projeto de intervenção, pois os alunos já demonstravam mais intimidade com as estratégias de estudo e, principalmente, com as obras que estavam sendo estudadas.

No primeiro momento, a professora distribuiu aos alunos cópias do poema *A Rosa de Hiroshima*, escrito pelo cantor e compositor Vinícius de Moraes. Todos juntos, leram:

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

A produção, criada em 1946, recebeu esse nome como um protesto sobre as explosões de bombas atômicas ocorridas na cidade de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Em seguida, ela fez uma leitura em voz alta e bem lenta, enfatizando intencionalmente cada palavra, cada verso ali disposto no papel.

Depois, todos leram novamente, em conjunto, e alguns, voluntariamente, fizeram a leitura em grupo. A seguir, a professora apresentou o contexto histórico no qual o poema foi inspirado e ofereceu aos alunos um vídeo do poema produzido especialmente para ser exibido nesse momento. O produto audiovisual, construído com imagens de Sebastião Salgado e música de Albinoni – *Concerto em Si bemol para cordas*, deixou muitos alunos claramente abalados, assustados. O próximo passo foi conversar sobre tudo que conseguiram perceber diante da leitura e da assistência do vídeo.

A professora pediu que todos copiassem o poema no caderno para avaliarem melhor os

elementos linguísticos e visuais que foram usados na construção do texto e do vídeo; pesquisaram no dicionário algumas palavras que lhes pareciam mais incomum e levaram como tarefa de casa buscar saber com os pais se eles, os pais, sabiam de algo a respeito do contexto histórico estudado durante a apreciação do poema do dia.

No segundo encontro deste bloco, os alunos fizeram a devolutiva das pesquisas realizadas em casa, como tarefa da aula anterior, compartilhando, através de leituras e pequenos comentários, a temática em estudo. A seguir, a professora ofereceu-lhes, com o auxílio de um Datashow, uma reportagem sobre o momento que inspirou a produção do poema estudado no encontro anterior, a segunda guerra mundial, e, para finalizar este bloco, foi sugerido aos alunos que registrassem em seus diários de bordo o que sentiram ao conhecer o poema *A Rosa de Hiroshima* e seu contexto histórico.

7.6 Bloco 6

Este bloco foi dedicado ao conhecimento e à apreciação dos poemas concretos ou poemas visuais. Estes são uma forma de expressão artística que vai além das palavras no papel. Sua importância reside na maneira como desafiam e expandem as convenções tradicionais da poesia, incorporando elementos visuais e espaciais para transmitir significados.

Então, para iniciar a manhã, a professora mostrou, através do Datashow, e entregou vários poemas à turma, entre eles *Pássaro em vertical*, de Libério Neves, publicado em 1965; nele, o poeta descreve a execução de uma ave canora com um tiro. Com sua visualidade, põe em prática a influência da poesia concreta.

vem navio
vai navio
vir navio
ver navio
ver não ver
vir não vir
vir não ver
ver não vir
ver navios

Nessa poesia, a professora ressalta a decomposição da expressão “ver navios”, produzindo novas significações, além das oscilações produzidas pela repetição do fonema /v/, o que nos remete ao balanço do mar. Depois, a professora organizou uma roda de conversa, releitura. Finalizando este encontro, pediu que anotassem em seus diários de bordo suas percepções sobre os poemas apreciados e, como tarefa de casa, deveriam pesquisar, recortar ou imprimir outros poemas visuais para compartilhar na próxima aula.

No encontro seguinte, os alunos foram chamados, um de cada vez, para mostrar e afixar seu poema concreto, solicitados na aula anterior, na parte externa da porta da sala de aula. Depois, a Caixa Literária foi disponibilizada aos alunos para que escolhessem, entre os títulos, obras para realização de leituras em outros ambientes da escola.

Todos escolheram, treinaram as leituras com o acompanhamento da professora e alguns se voluntariaram à realização da leitura externa. Dessa vez, a visita foi ao refeitório, onde se encontrava uma turma de alunos do AEE (Atendimento Educacional Especializado). As obras apresentadas foram *Trem de ferro*, de Manoel Bandeira, que, com ritmo acelerado, o poema mimetiza o barulho de um trem; a professora destaca que Bandeira registra uma cena de uma viagem do coletivo, e *Quando a primavera chegar*, de Marina Colasanti, com ilustrações da própria autora; a obra traz dezessete contos inéditos.

Ao retornarem à sala de aula, os alunos descreveram oralmente e fizeram anotações sobre a experiência vivenciada naquele dia. Em seguida, a professora sugeriu que, individualmente, produzissem um pequeno texto poético, ou não, para compor uma futura antologia que iriam organizar de forma artesanal.

7.7 Bloco 7

O Bloco sete foi pensado para apresentar aos alunos os poemas de origem japonesa, os famosos Haicais, pequenos poemas compostos de três versos, especialmente os de Roseana Murray, da obra *O Xale Azul da Sereia*, ilustrado por Edith Derdyk e publicado em 2006:

Pássaros e ninhos
entre o ramo das árvores,
tesouro da mata.

Coqueiros dançam,
fazem música de folhas:
Manhã de verão.

Sobre os telhados,
a primavera desliza,
seus ramos são flores.

Durante a apresentação, a professora leu em voz alta as delicadas poesias, nas quais a autora destaca o tempo, os ciclos e a saudade; destaca também os belos e coloridos traços de cada imagem que compõem a obra. Os textos foram apresentados em seu suporte original, ou seja, no próprio livro e depois, através de slide, a obra foi novamente apresentada.

Logo depois, algumas cópias coloridas foram distribuídas na turma para que todos os alunos fizessem uma leitura silenciosa, estimulando assim a aproximação do que Solé (1998) chama de leitura independente. Para a estudiosa, as situações de leitura independente devem ser incentivadas na escola. No final, a professora propôs uma leitura oral; vários alunos, de forma voluntária, leram em voz alta para os demais colegas da turma.

No segundo encontro, como os alunos já conheciam o poema *Direitos da Criança*, de Ruth Rocha, a professora apresentou o documento da Declaração Universal dos direitos da criança e mediou uma leitura compartilhada e uma roda de conversa em relação aos textos em estudo, comparando a temática, a estrutura e a linguagem entre ambos os textos; seguindo a aula, os alunos foram orientados a anotar suas reflexões sobre a aula do dia em seus diários de bordo.

Neste encontro, foi dado início à construção da antologia, denominada “Minha Antologia”, a qual foi constituída dos elementos pré-textuais, como capa, ficha técnica, sumário e apresentação, assim como inúmeras produções textuais, inclusive da autoria dos alunos. A professora explicou cada detalhe da elaboração do trabalho, que foi organizado minuciosamente pelos alunos, auxiliado pela professora.

7.8 Bloco 8

Iniciando o primeiro encontro desse bloco, foi compartilhado com os alunos, através de slides, o poema *Índio eu não sou*, de Márcia Kambeba, publicado em 2018. Depois, os alunos foram convidados a dar sua opinião sobre o texto, construindo assim uma roda de conversa. Em seguida, a professora retoma a fala fazendo uma reflexão sobre a identidade indígena e a carga histórica associada ao termo “índio”; destacou que a autora rejeita a designação imprecisa imposta por Colombo, criticando o equívoco de rotular os povos originários das Américas como “índios” devido a um erro de navegação.

A narrativa destaca a dor causada pela colonização, simbolizada pela bala que transpassa o peito e evoca a resistência dos povos indígenas diante da chegada dos colonizadores. A referência à caravela representa a invasão europeia, enquanto a reação de se esconder na “Uka” (casa) ilustra a tentativa de preservar a própria cultura e identidade diante da iminente ameaça.

Ao rejeitar a generalização do termo “índio”, Márcia Kambeba afirma as diversas etnias indígenas presentes no continente, ressaltando sua rica diversidade cultural. Ela conclui enfatizando a resistência, identidade e orgulho de ser Kambeba, Tembê, kokama, Sataré, Guarani, Arawaté, tikuna, Suruí, Tupinambá, Pataxó, Terena, Tukano, entre outros.

Por fim, a professora aponta a mensagem central de resistência, afirmação de identidade e a persistência na preservação das tradições culturais frente à adversidade histórica; ressaltando que narrativas, rituais sagrados, costumes e a própria língua geralmente eram transmitidos a partir da conversa e da contação de histórias. Mas, atualmente já podemos contar com a presença fundamental de autores indígenas para multiplicar ainda mais seu alcance, e Márcia Wayna Kambeba é uma dessas vozes, que se firma percorrendo o Brasil com sua poesia.

O texto foi impresso e entregue aos alunos para que lessem, no primeiro momento sozinhos, silenciosamente, e, em seguida, com a professora. No momento seguinte, copiaram em seus cadernos e registraram suas impressões nos diários de bordo.

O poema *De mãe*, de Conceição Evaristo, foi o segundo texto apresentado no dia; a coordenadora foi convidada a ler oralmente o poema para a turma. No momento seguinte, a professora construiu um bate-papo sobre as leituras realizadas; reflexões e anotações foram registradas no diário de bordo. Depois, os alunos foram convidados a irem até a Caixa literária e escolherem uma obra de seu agrado para a leitura-deleite.

No segundo encontro, os alunos receberam poemas da obra *Poesia fora da estante*, organizado por Vera Aguiar, ilustrado por Laura Castilho e publicado em 199. Leram silenciosamente, depois em voz alta sob o olhar atento da professora, que, durante a leitura,

chamava atenção em relação à entonação e à pronúncia das palavras. Em seguida, foram convidados a lerem para as crianças do ensino fundamental – anos iniciais. No retorno para a sala de aula, todos foram orientados a fazerem suas reflexões sobre os textos e o ato de ler para outras pessoas fora da sua sala de aula.

7.9 Bloco 9

Nesse encontro, a professora falou sobre a história da escritora Rita Carelli, que passou parte de sua infância na aldeia indígena dos Enauenê-Nauê, no estado do Mato Grosso. De todas as descobertas que Rita faz entre os indígenas cujos costumes e cultura são bem diferentes daqueles a que estava habituada, uma, em especial, chama a sua atenção: os papéis sociais rígidos estabelecidos para homens e mulheres.

Logo depois, a beleza da obra *Minha família Enaunê*, de Rita Carelli, ilustrado por Anabella López e publicado em 2018, foi apresentada aos alunos em seu suporte original; em voz alta e intencional. A professora fez minuciosa leitura, destacando os principais elementos que juntos constituíam a narrativa, o texto e as ilustrações. Depois, alunos e professora fizeram uma roda de conversa apreciativa da obra, e alguns alunos destacaram suas vivências em suas comunidades indígenas também, já que nasceram e/ou viveram grande parte de sua infância lá.

No último encontro deste bloco, os alunos conheceram, através do livro e de vídeo, a obra *Da minha janela*, de Otávio Júnior, ilustração de Vanina Starkoff e publicado em 2019. A professora apresentou primeiro o livro, ressaltando que o narrador aponta, de maneira minuciosa, cada coisa, pessoa, animal, enfim, tudo que observa diariamente da sua janela, em uma favela do Rio de Janeiro; dela, ele vê cores, traços, gestos, objetos e bichos. Depois, fez a apresentação do mesmo livro, em vídeo, com imagens do próprio livro e a música *infância – O Charme do Choro*, os quais ajudaram, alunos e professora, a contemplarem melhor toda a narrativa enfatizando a intensidade das cores, o movimento das ilustrações e a imaginação do narrador. Alguns alunos se identificaram com ações do dia a dia, captadas pelo olhar do menino disposto na janela.

No momento seguinte, a professora mostrou a obra do encontro anterior, *Minha família Enaunê* e do encontro atual, *Da minha janela*, para que juntos pudessem observar novamente os traços, as cores, os desenhos, a construção de cada uma delas; depois das observações cuidadosamente feitas, a professora deixou aos alunos um tempo livre para fazerem as reflexões e anotações em suas cadernetas.

Finalizando este bloco, os alunos foram orientados a escolherem, dentre as obras já

estudadas, um poema ou narrativa para lerem em casa com a família e no encontro seguinte apresentar, da maneira que preferissem, aos alunos do 1º ao 5º ano.

7.10 Bloco 10

Neste bloco, que marca a metade dos encontros propostos no projeto de intervenção, optamos por fazer um momento de socialização entre as turmas envolvidas na pesquisa e os alunos do fundamental – anos iniciais. Então, para iniciar a aula, a professora lembrou a turma da programação do dia e pediu que cada um, na ordem que fossem chamados, lessem em voz alta a leitura escolhida no encontro anterior.

Em seguida, todos foram direcionados ao pátio da escola, onde os alunos menores já estavam à espera das apresentações, pois, anteriormente, a professora, juntamente com a coordenadora e os demais professores das turmas do público selecionado, já haviam planejado tudo. Segundo Gregorin (2009), quando feita no pátio da escola ou em seus jardins, esta atividade estabelece contato com os livros de literatura de maneira diferenciada, em que o aluno vivencia formas de convívio tradicional da nossa sociedade.

Já com a plateia toda na expectativa, a professora falou brevemente sobre a programação. A partir de então, cada aluno ou dupla, trio, na sequência organizada anteriormente, foram se apresentando. Alguns deles entregaram ao público cópias de pequenos textos poéticos para que acompanhassem as leituras, declamações, como o poema *Casa pra morar*, presente no livro *Poeminhas da terra*, de Márcia Leite, produzidos com versos curtos e sonoros, compostos por palavras de origem tupi; associados às poéticas ilustrações, evocam uma profunda harmonia entre os seres e a natureza, fazendo com que “Poeminhas da terra” aproxime o leitor da cultura dos povos indígenas, por meio do olhar infantil presente no texto e nas imagens.

Casa pra morar

junta sapé,
 junta taquara,
 junta vara,
 junta graveto.
 junta barro,
 junta cipó,
 junta piaçava,
 oca oca oca.

O texto poético de Márcia descreve, de maneira simples e direta, o processo de

construção de uma casa utilizando materiais naturais. A autora destaca a união de elementos, como sapé, taquara, vara, graveto, barro, cipó e piaçava para formar a estrutura da habitação. A repetição da palavra “Junta” enfatiza a colaboração e o esforço coletivo na edificação do lar. O poema termina com a repetição da palavra “OCA”, sugerindo uma conexão com a autenticidade e a simplicidade da vida, especialmente vinculada à cultura indígena. O conjunto da obra evoca uma reflexão sobre a importância da simplicidade, da união e da autenticidade na construção do lar e na vida em geral.

Ao final das apresentações, todos os participantes retornaram às suas salas de origem. Dando continuidade à construção da antologia, quando a turma se reorganizou novamente, a professora pediu que cada aluno(a) escrevesse em sua antologia os textos que apresentaram aos demais durante a realização da atividade coletiva.

No segundo encontro, a professora compartilhou a leitura em voz alta da obra *A menina dos sonhos de renda*, escrito por Marília Lovatel, ilustrado por Marcella Riani e publicado em 2016. Em seguida, ressaltou que *A menina dos sonhos de renda* é uma narrativa em versos que apresenta ao leitor uma antiga e delicada tradição do Nordeste brasileiro, o trabalho com as rendas, repassada de mães para filhas, desde o “Descobrimento do Brasil”; chamou a atenção também para a linguagem peculiar do Nordeste.

Depois, com auxílio da professora, os alunos continuaram com a elaboração das antologias, produzindo os elementos pré-textuais, capa, sumário, ficha técnica e apresentação. Nesse momento, os alunos formaram grupos para compartilhar ideias e os materiais escolares.

Encerrando este bloco e este encontro, os alunos deixaram suas percepções sobre as narrativas estudadas, em suas cadernetas de anotações, e, como tarefa para próxima aula, deveriam fazer uma produção textual, em casa, com ajuda de familiares, para compor a sua antologia.

7.11 Bloco 11

Iniciando este bloco, a professora recebeu os alunos com a leitura do poema *Cidadezinha*, de Mário Quintana, presente na coletânea *Poetas na escola*, da Olimpíada de Língua Portuguesa. Depois da leitura, os alunos receberam, de forma aleatória, os versos que compõem o texto lido; a atividade era reconstruir o poema em um cartaz organizando os versos na ordem correta.

O próximo momento foi dedicado ao compartilhamento das produções que os alunos fizeram em casa; alguns alunos leram em voz alta seus poemas e/ou narrativas e comentaram

brevemente sobre os textos. Em seguida, a professora recebeu os trabalhos para algumas observações, com o compromisso de devolver em breve para a reescrita, se necessário, e, posteriormente, agregar aos demais na construção da antologia.

No segundo momento, a professora fez outra leitura-deleite; ela aproveitou para ler o conto “Noite de outono”, de sua própria autoria, já que todos tinham realizado leitura de produções próprias. Continuando as atividades, foi apresentada aos alunos a obra *Lukinha, o maestro sabiá*, de Jairo Sousa, ilustrado por Igor Tabosa e publicado em 2018. Durante a leitura, foi observado que a narrativa é um texto memorialista construído em torno da região do Xingu. A turma ficou bem animada com o reconhecimento dos principais elementos, a arara, o tucano, a juriti, e as águas do Xingu, que compõem as ilustrações da obra e estão presentes na cotidianidade; isso gerou uma rica e divertida roda de conversa.

Depois de apresentado e comentado, a professora mostrou aos alunos o próprio livro por meio do qual a história foi contada e juntos leram em voz alta, lentamente, enfatizando novamente as ilustrações, a cores, os versos, a rima, as expressões dos animais e muitos outros elementos que fazem parte da narrativa infantojuvenil.

No segundo encontro deste bloco, a obra *Lukinha – o maestro sabiá* foi retomada, agora um grupo de alunos fez a leitura em voz alta para toda a turma; assim como a obra de Otávio Júnior, *Da minha janela*, já apresentada no bloco anterior foi lida por um outro grupo.

Depois das leituras, todos formaram uma roda de conversa sobre os livros e suas respectivas narrativas; fazendo anotações em seus diários de bordo, e, para finalizar as atividades deste dia, individualmente, todos os alunos foram orientados a construir um pequeno texto, respondendo à pergunta: *E você, o que vê da sua janela?*, feita pelo personagem na última parte na história “Da minha janela”.

7.12 Bloco 12

Neste bloco, a primeira obra estudada é *De bicho não só*, de Bartolomeu Campos de Queiroz. Neste livro divertido e poético, existe espaço para bichos, frutas, flores, legumes, lua, mar, música, nomes, penas, silêncio e muito mais. Por meio da poesia, arte de instigar a inteligência e a imaginação, Bartolomeu manipula trocadilhos e faz com que a criança perceba os sentidos ocultos sob cada palavra, pela relação de sons existente entre elas. Assim, a professora apresentou a obra, destacando tais elementos, enquanto os alunos observavam tudo com atenção; em seguida, cada aluno recebeu da professora poemas do livro apresentados no início da aula, para copiar no caderno, entre eles:

A onça e o Jabuti

(Em homenagem a Edward Lear)

A onça e o jabuti foram nadar
 Em uma lagoa longe do mar
 A onça levou uma cesta de piquenique
 E o jabuti, um chapéu muito chique
 A onça resmungou que a água estava fria
 E o jabuti fez a maior estripulia
 Eles comeram sanduíches de amendoim
 A onça contou tudo tim-tim por tim-tim
 Iam organizar uma festa
 Com os animais da floresta:
 Uma homenagem ao mico-leão
 Que terminou sua graduação.

Esse poema, aparentemente simples, que narra a divertida jornada da onça e do jabuti, traz consigo uma mensagem que vai além do enredo, aparentemente descompromissado. Ele nos convida a refletir sobre a convivência e a celebração da diversidade. Ao final do poema, a proposta de organizar uma festa para homenagear o mico-leão, que concluiu sua graduação, amplia o horizonte da narrativa, sugerindo uma comunidade de animais na floresta que se unem para celebrar as conquistas individuais, independentemente das diferenças entre eles.

Como última atividade, foram distribuídas imagens diversas para apreciação e, a partir delas, foi solicitada a produção de um pequeno texto, em casa, preferencialmente com ajuda de familiares, o qual deveria ser entregue na aula seguinte.

No segundo encontro, houve o recebimento das produções, algumas leituras e comentários da professora sobre algumas questões relacionadas à organização dos textos. Logo em seguida, a turma assistiu ao vídeo produzido com o texto *A bailarina*, de Cecília Meireles, música de Tchaikovski – *Lago dos Cisnes* e as imagens de Edgar Degas, o qual arrancou suspiros da garotada, principalmente das meninas.

A seguir, a turma foi dividida em grupos de, aproximadamente, seis alunos, formados a partir de um sorteio, que escolheram obras da caixa literária para realização de leitura externa.

A atividade de leitura coletiva do dia foi realizada nas turmas de 3º e 4º anos; de volta à sala de aula, foi sugerido aos alunos que fizessem os registros em seus diários de bordo em relação à experiência vivida no momento da realização das leituras.

7.13 Bloco 13

Neste encontro, a professora distribuiu cópias de textos das obras: *Arco-íris*, de Elizabeth Hazim, ilustrado por Fernando Leite e publicado em 2009, que mostra Íris, uma menina curiosa que desliza do céu para brincar com as cores do arco-íris e, dessa maneira, aprende a observar os encantos e a diversidade da natureza; *Cores em cordel*, de Maria Augusta, ilustrado por Gilberto Tomé e publicado em 2019, e *Estação dos Bichos*, haicais que surgiram da parceria entre Alice Ruiz e Camila Jabur, publicado em 2000. Em uma roda de leitura, os alunos realizaram, primeiramente uma leitura silenciosa, depois compartilharam oralmente cada um dos textos recebidos; em seguida, alguns comentaram sobre o que lhes chamou a atenção durante a leitura.

No momento seguinte, a professora pediu que copiassem em seus cadernos os respectivos textos, para que vivenciassem um pouco mais as produções; ao final das cópias, os estudantes a apresentaram à professora, que fez as devidas observações em relação a aspectos, como: estrutura do texto, organização dos versos, ortografia, margens e outros. A tarefa seguinte era reescrever os textos e fazer anotações em seus diários de bordo sobre a atividade realizada e suas percepções sobre os textos lidos por ele e pelos colegas.

No segundo encontro deste bloco, a professora apresentou aos alunos a obra *Travatrovás*, escrito por Ciça, ilustrado por Ziraldo e publicado em 2007. Enquanto fazia a apresentação oralmente, ressaltava a presença da sonoridade e do ritmo nas estruturas poéticas. Trava-línguas são expressões linguísticas compostas por sequências de palavras difíceis de serem pronunciadas rapidamente e de forma correta. Geralmente, essas construções linguísticas contêm combinações de sons semelhantes ou sequências de sílabas que desafiam a articulação, tornando-se um exercício divertido para a prática da dicção e da habilidade na língua falada, como: “Três pratos de trigo para três tigres tristes”; “O rato roeu a roupa do rei de Roma”; e “A aranha arranha o jarro, o jarro arranha a aranha”. Essas construções desafiam a habilidade de pronúncia devido à repetição de sons semelhantes, uso de aliterações e combinações de sílabas que exigem uma articulação cuidadosa para serem proferidas de forma rápida e clara.

Um dos textos do livro de Ciça que mais despertou a interação e muita diversão na turma foi *Lá vem o trem*, que descreve a passagem de três trens pelos trilhos durante a noite. Os trens são caracterizados pelos sons troantes, trepidantes e trovejantes que produzem. Eles transportam uma variedade de objetos e mercadorias, representados por palavras que começam com a letra “T”, como tranqueiras, trastes, trecos, trempes, troços, trambolhos, trombetas, fretes, frutas, breques, trutas, tropas, trapos, trovas e tripas. O texto evoca uma atmosfera ruidosa e

tumultuada, com a imagem dos trens desaparecendo na escuridão da noite e sendo engolidos pela treva.

Lá vem o trem
Dois trens
Três trens
Um trem trilhando nos trilhos
Dois trens troando nas trevas
Três trens trepidam troantes
Três trens transitam tremendos
Três trens trovejam nos trilhos
Os três transportam tranqueiras
Tantos trastes, trecos, trempes,
Troços, trambolhos, trombetas
Fretes, frutas, breques, trutas,
Tropas, trapos, trovas, tripas,
Trio de trens em trovoada
Truculenta tropelia
Trens trens trilhando trovejam
Trompões, trombaços, trombudos
Uma trica triunfante,
Um triplo nó de barulho
Três trens sumindo no escuro,
Trêns trens sumindo na curva,
A treva da noite tragando
Trens e trilhos, trovoada.

Depois de muitas repetições da atividade de leitura, a partir dos trava-línguas, a professora pediu que os alunos formassem duplas para um desafio de pronúncia correta e rápida de trava-línguas; a atividade lúdica e desafiadora, ao explorar a sonoridade e a musicalidade da língua, proporcionou, além do exercício linguístico, muita diversão.

Em seguida, a turma recebeu cópias coloridas dos textos da obra apresentada para colarem em suas antologias e, para finalizar o encontro, todos foram orientados a refletirem sobre as atividades do dia e registrarem em suas cadernetas.

7.14 Bloco 14

No primeiro encontro deste bloco, a professora, lendo em voz alta, apresentou aos alunos *Gato, Castelo, Elefante?*, de Maxs Portes, ilustrado por Suryara Bernardi e publicado em 2011. Um texto divertido e poético, em que o autor provoca no leitor – pelo exercício da imaginação – à possibilidade de construção de hipóteses sobre o tema, o que contribuiu para uma melhor interação entre a leitura e os alunos. O desejo de desvendar o final da mensagem, pontuado pela estrutura de charada do início ao fim do livro, foi fundamental para prender a atenção e aguçar a curiosidade de todos até o final da leitura. Um bate-papo sobre toda a obra encerrou este momento.

Em seguida, a professora apresentou, através de imagens em slides, a obra *Limeriques do bípede apaixonado*, de Tatiana Belinky, ilustrado por Andrés Sandoval e publicado em 2001. No ato da sua fala, ressaltou que Limeriques são formas poéticas curtas e humorísticas, geralmente compostas por cinco linhas. Essa forma de poesia é conhecida por seu ritmo peculiar e seu tom leve e divertido.

Durante a apresentação destes limeriques, a professora destaca o fato de a personagem ser uma menina que só gosta de bichos e que ao menino que é apaixonado por essa menina, só lhe resta mesmo sonhar em ser cão, peixe, macaco ou dromedário, para assim chamar a atenção de sua amada.

Quisera eu ser um grande cão
Só para lamber tua mão!
Na tua companhia
Latir de alegria!
Quisera eu ser um grande cão!

Depois, os textos foram espalhados sobre a mesa da professora para os alunos escolherem um para lerem em voz alta. A leitura foi realizada em rodadas; a cada rodada, um grupo lia novamente os limeriques, dessa forma todos participaram da atividade. Em seguida, a professora pediu que copiassem em seu caderno um dos limeriques que mais lhe agradou.

Para finalizar a aula, os alunos também receberam cópias de textos da obra *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*, escrito por Ricardo Aguiar, ilustrado por Luyse Costa e publicado em 2013, para levarem para casa e lerem com seus familiares. Antes de fazer a entrega dos textos, a professora esclareceu que a obra se trata de um conjunto de marotos minicontos de terror.

No segundo encontro, os alunos compartilharam comentários sobre as leituras realizadas em casa e suas percepções sobre os textos; registraram os comentários em seus diários de bordo; a seguir, fizeram cópia dos textos em seus cadernos.

Em seguida, a obra apresentada foi *Festa no meu Jardim*, de Marco Bagno, ilustrado por Lucia Hiratsuka, e publicado em 2015; a professora mostrou aos alunos que, nestes poemas singelos e delicados, Marcos Bagno nos apresenta vários bichos que habitam no jardim, compondo um cenário familiar às crianças.

Depois, o tempo foi para os estudantes produzirem pequenos textos com o tema animais, de preferência aqueles que tinham contato ou vontade de possuir; a produção deveria ser feita em folha separada e entregue à professora para observações, devolvida na aula seguinte, e reescrita na antologia.

Finalizando este bloco, a atividade foi com uma obra que trazia a união das técnicas do trava-línguas e limeriques, textos estudados nos encontros anteriores. O livro foi mais uma das obras inseridas durante o desenvolvimento do projeto. *Limerique Trava-línguas*, escrito por Viviane Veiga Távora, ilustração de Larissa Ribeiro, é constituído de textos, como os citados abaixo e que foram lidos em grupo através de Datashow.

Rã e aranha dentro da jarra	A mãe do sabiá não sabia
Nem a jarra arranha a aranha	Se o sabiá sabia assobiar
Nem a rã arranha	Sabiá não sabia
A jarra e a aranha	Soprar sabiazinha
Nem a aranha arranha a jarra	Sabia assobiar o sabiá?

A aula foi uma das mais divertidas entre tantas outras, pois, ao mesmo tempo em que os alunos liam, se divertiam com as dificuldades de pronunciar cada palavra, até a coordenadora que visitara a turma na hora foi convidada e entrou na brincadeira. Este livro foi um achado maravilhoso que aconteceu em uma das visitas rotineiras da professora à sala de leitura.

Por fim, cada aluno foi chamado para escolher, na Caixa Literária, uma obra de seu agrado para levar para casa e realizar a leitura, se possível com familiares ou amigos; inclusive, se quisessem poderiam levar as obras estudadas no dia, para assimilar melhor o que fora apresentado.

7.15 Bloco 15

Logo na chegada, foi feita a devolutiva das atividades da aula anterior e, como combinado, a professora recebeu todas e guardou para fazer suas observações e devolver no próximo encontro. Lembrou aos alunos que tais produções também deveriam fazer parte da antologia.

Diga em verso bem bonito, de José e Rosana, com ilustração de Marcelo Cipis e publicado em 2005, foi o livro apresentado oralmente à turma no início do primeiro encontro do 15º bloco, pela coordenadora, convidada para contribuir com a aula do dia.

Quando a coordenadora finalizou a apresentação, juntamente com a professora, fizeram uma roda de conversa com os alunos, ressaltando que a obra *Diga um verso bem bonito!* é uma antologia de quadras e trovas, que são pequenos poemas compostos por quatro versos com sete sílabas poéticas; destacaram que as trovas são uma forma simples e acessível de poesia, não restrita a eruditos, mas aberta para expressar sentimentos e percepções de forma singela.

Os temas abordados nas trovas são universais; tratam de assuntos, como amor, casamento, saudade, ciúmes, tristeza e perda. O tom das trovas varia entre cômico, lírico e comovente, proporcionando diversas reações; apontaram também a leveza e a sinceridade evidente nos versos, que abordam questões complicadas e doloridas da vida cotidiana, incluindo a vida familiar e social.

A seguir, os alunos foram orientados a produzir versos, de preferência quadras, de tema livre para compor sua antologia, que estava em construção. A professora acompanhou atentamente o trabalho da turma que, ao final, entregou as produções para que a professora fizesse as devidas observações e devolvesse no encontro seguinte para os ajustes finais, se necessário, e reescrita na antologia. Para casa, a missão era cada aluno pesquisar um texto do seu agrado para fazer parte da antologia.

O segundo encontro deste bloco foi destinado somente para a escrita e a reescrita de textos na antologia. Então, depois que se organizaram em sala, a professora fez logo as orientações sobre como seria a atividade do dia; devolveu todos os textos e pediu para que cada um fizesse os devidos ajustes, alterações e reescrevessem na antologia.

Ao final de sua fala, um aluno pediu para que a professora lesse uma história de um livro que já conhecia do 5º ano e mostrou o livro que, segundo ele, era muito engraçado, *Malasartes*, sobre o qual ela demonstrou conhecimento, falando um pouco sobre o personagem Pedro Malasartes, uma figura lendária da cultura popular brasileira, conhecido por sua esperteza e habilidade de driblar situações complicadas com sagacidade e astúcia; acrescentou ainda que

há diversas histórias folclóricas e populares que envolvem as artimanhas de Malasartes, tornando-o uma figura icônica na tradição oral do Brasil.

A professora leu a história e prometeu continuar a leitura da obra na próxima aula. Gregorin (2009) classifica esse tipo de atividade como *Hora da Novela*. Para ele, essa atividade pode despertar a curiosidade nas crianças de procurar o livro, de tentar descobrir o que acontece depois, além de o professor trazer para o aluno um gênero literário bastante antigo: a novela. Fala essa confirmada na prática, pois os alunos, ao final da leitura de um capítulo, sempre pediam para a professora ler mais um pouquinho, demonstrando curiosidade em saber mais sobre a história.

7.16 Bloco 16

Para iniciar este bloco, a professora trouxe da Caixa Literária, a obra *Poemas empoleirados no fio do tempo*, de Neusa Sorrenti, ilustrado por Marta Neves e publicado em 2013. Ela mostrou aos alunos minuciosamente o livro, que é construído a partir de um conjunto de poemas inspirados nas estações do ano e em diversas datas comemorativas. Durante a apresentação, a professora vai destacando alguns dos 50 poemas, ora ternos, ora bem-humorados, sobre datas importantes, a maioria delas celebradas nas escolas. Depois, distribuiu cópias para a leitura silenciosa na sala de aula e leitura em voz alta, como treino para uma leitura pública em outros ambientes da escola, como refeitório e sala de leitura.

Logo após este momento oferecido para o treino das leituras, todos os alunos, organizados em pequenos grupos, acompanharam a professora para a realização da atividade externa; ao finalizarem o percurso de leituras, voltaram para a sala de aula e foram orientados a fazerem anotações sobre a experiência vivenciada na aula do dia.

No segundo encontro, foi dia de os alunos escolherem obras na Caixa Literária para uma roda de leitura no pátio da escola. Os alunos fizeram suas escolhas e ficaram treinando na sala de aula com a professora por, aproximadamente, uma hora. Depois, a professora fez orientações, tirou dúvidas e, em seguida, os convidou para irem até o pátio, formarem um grande círculo e, com a ajuda de um microfone e uma caixa de som, todos, em dupla ou individualmente, realizaram breves apresentações das obras escolhidas.

Um grande grupo dividiu a obra *Poemas miudinhos – para brincar e rimar*, de Neusa Sorrenti; leram em cartazes com ilustrações feitas pelo próprio grupo, poemas muito divertidos, entre eles:

Vaidade

Para acabar com as rugas
 O azedo maracujá
 E a doce tartaruga
 Fizeram um alvoroço
 Na escolha da cirurgia:
 Ele – na cara toda.
 Ela – só no pescoço.

Baratice

A barata hoje inventou
 De exercitar a autocrítica.
 Olhou-se no espelho e disse
 À vizinha carrapata:
 - Quando me encontro comigo,
 Eu me acho muito chata.

Ao finalizarem as atividades, todos voltaram para a sala e registram em seus diários de bordo uma pequena avaliação da atividade realizada externamente e, voluntariamente, alguns alunos comentaram sobre a experiência do trabalho em público e fora do seu espaço de estudo diário.

7.17 Bloco 17

Neste encontro, a turma foi recepcionada com a leitura de uma obra bem divertida de ler e ouvir, com uma construção toda rimada e cheia de repetições, *Cadê o juízo do menino*, de Tino Freitas, ilustração de Mariana Massarani e publicado em 2018. No momento seguinte, foram distribuídos aos alunos poemas do livro *Poemas e outros bichos*, de Cíntia Alves, ilustrado por André Monteiro e publicado em 2016. Nesta coletânea sonora e bem-humorada, com rimas engraçadas, a autora revisita fábulas populares e homenageia grandes autores, como Jorge Amado; enquanto os alunos recebiam os textos, já formavam duplas para as leituras deles. Cada dupla recebeu dois textos e depois de lerem e os relerem, os alunos foram orientados a copiarem em seus cadernos o que mais chamou a sua atenção, justificando a escolha no diário de bordo.

No segundo encontro, a manhã foi toda especial, pois a turma e a professora receberam a professora e escritora da nossa região, Sônia Portugal, que apresentou a sua obra *Anamã – Fogo nas águas do Amazona*, ilustrado por Taison Cirqueira. A escritora falou um pouco sobre sua história de leitora e escritora e depois apresentou o livro, a partir do qual, partindo do ponto de vista histórico-social, nos permite conhecer a história de 80 pessoas que viajaram em um barco, rumo à transamazônica, com a esperança de ter garantida a terra tanto almejada para cultivar a lavoura e suprir as necessidades de suas famílias.

Em uma narrativa simples e precisa, a vida e a morte e a morte em vida se desdobram em versos constituídos de oitavas, nas quais Sônia Portugal nos conduz numa viagem ao tempo para relatar um cenário de tragédias distintas que vitimou alguns dos colonizadores migrantes do nosso estado e os desafios dessa gente que veio em busca do tão sonhado “PARAÍSO”, assim

a autora definiu a Amazônia. A convidada ainda falou da estratégia para construir a obra.

Para dar continuidade à atividade, a professora abriu espaço para que os alunos fizessem perguntas, demonstrando suas curiosidades e, à medida que iam perguntando, foram construindo uma boa roda de conversa que durou, aproximadamente, uma hora e meia e, para coroar o encontro, a escritora ainda fez sorteios de várias obras suas, narrativas e coletâneas poéticas. A professora Sônia é uma parceira assídua dos projetos da escola, principalmente aqueles que envolvem a leitura e a escrita, então alguns alunos já a conheciam, assim tiveram mais intimidade durante a conversa, tornando a atividade muito proveitosa e significativa.

Ao final do encontro, os alunos foram orientados a refletirem e registrarem suas reflexões em seus diários de bordo.

7.18 Bloco 18

Este encontro foi realizado na sala de leitura, acompanhado pela professora da turma e pela professora responsável pelo espaço. Então, assim que todos se organizaram na sala de aula, a professora explicou como seria a aula do dia e realizou a segunda leitura do livro *Malasartes*, iniciado em um dos encontros anteriores. Desta vez, a turma ouviu a fábula, intitulada *Malasartes a Sopa de Pedra*. Ao final da leitura, a professora chamou todos para refletirem sobre a natureza humana, a solidariedade e a astúcia, pois Malasartes, com sua inteligência e esperteza, manipula a situação para seu próprio benefício, conseguindo uma refeição abundante sem contribuir diretamente. Destacou também a complexidade das relações humanas, focalizando a dualidade entre a astúcia individual e a necessidade de solidariedade coletiva.

Agora, já sentados em círculo na sala de leitura, os alunos foram divididos em grupos e escolheram na Caixa Literária algumas obras, como: *Aves do sertão*, de Istevão Majos, publicado em 2010, na qual o autor apresenta todo o encanto das aves do sertão em belíssimas ilustrações e textos poéticos e informativos; *O menino do dinheiro em cordel*, de Reinaldo Domingos, ilustrado por Luyse Costa e publicado em 2014; *Jardim dos Versos*, publicado em 2021; neste livro, Robert Louis traz uma seleção de 30 poemas, a partir da qual o autor, um adulto, fala com a voz de uma criança sobre seu cotidiano, suas brincadeiras e fantasias, e *Crianças*, de Maria José Ferrada, ilustrado por Maria Elena Maldez, publicado em 2020; um livro que traz um memorial representado por trinta e quatro poemas – um para cada criança perdida; a obra é uma homenagem às vítimas do Chile de Pinochet e a todos aqueles ameaçados pela violência política em todo o mundo.

Depois de escolherem as obras, a professora falou sobre cada uma delas e deixou um

tempo livre para cada grupo ler os textos, organizar sua estratégia de apresentação e tirar dúvidas com a professora, que deixou livre a maneira que preferissem apresentar os textos. Em seguida, as apresentações foram realizadas, e a turma retornou para a sala de aula com a missão de registrar em seus diários de bordo suas percepções e experiências sobre a atividade realizada.

No segundo encontro, a aula foi iniciada com a apresentação de mais uma história de Malasartes, conhecido por sua esperteza e habilidade em enganar as pessoas. Após uma farrá que o deixou sem dinheiro, Malasartes compra uma panela usada e, em sua primeira viagem, decide cozinhar à beira da estrada. Ao perceber a aproximação de um comboio, ele arma uma farsa, fazendo parecer que sua panela é mágica, sem precisar de fogo para ferver.

Os comboieiros ficam impressionados e querem comprar a panela mágica, mas Malasartes inventa uma história emocional, dizendo que a panela foi um presente de sua falecida mãe e se recusa a vendê-la. No entanto, diante da insistência e de uma oferta generosa, ele acaba cedendo e vende a panela. Os comboieiros seguem felizes, acreditando ter adquirido uma panela encantada, enquanto Malasartes parte para novas aventuras.

A professora aponta, mais uma vez na história, o caráter astuto e trapaceiro de Pedro Malasartes, conhecido por suas artimanhas e pela habilidade de sair de situações complicadas. Em seguida, sugeriu aos alunos que registrassem em seus diários de bordo as impressões em relação à história contada.

Depois, o trabalho foi direcionado à continuação da construção da antologia. A professora pediu que escolhessem, entre os textos lidos no encontro anterior, o que mais lhe agradou e escrevesse em sua antologia, fazendo, para acompanhar o texto, sua própria ilustração. Enquanto os alunos faziam suas escolhas e suas escritas, a professora acompanhava tudo de perto, ajudando no esclarecimento das dúvidas que surgiam durante o processo de realização da atividade.

Para finalizar este bloco, os alunos foram orientados a produzirem em casa, com acompanhamento dos familiares, um poema de tema livre para compor a antologia. Lembrou a todos também da necessidade de concluir todo o trabalho de construção dos elementos pré e pós-textuais da antologia, a qual deveria ser entregue no próximo bloco.

7.19 Bloco 19

No início deste bloco, a professora pediu aos alunos que fizessem os últimos ajustes para a entrega da antologia; lembrou-lhes de que deveria conter capa, ficha técnica, sumário,

apresentação, textos diversos, numeração de páginas e biografia do autor. No momento seguinte, a professora atendeu individualmente cada aluno para a entrega oficial do trabalho de produção textual realizado nos encontros anteriores, os orientou a escrever em seus diários de bordo como foi a experiência de produção e organização da antologia.

Depois, foram apresentadas aos alunos recordações guardadas no baú de bem-querer da infância, registrada na obra *Baú de Bem-querer*, de Paulo Nunes, ilustrado por Claudio Martins e publicado em 2006. Um livro com textos de temáticas interessantes, diversas e fartamente ilustradas, como:

Uiara

No bosque
soluçam uirapurus
nos ouvidos
gulosos da cidade.
As águas são chamas
de negros e longos
cabelos-vitórias-régias.

Um moço
escuta o canto
perfumado que sai
no igarapé às seis da tarde:
credo-em-cruz!

As flores da festa
florescem de felicidade
pois a uiara se encantou sereia
pra tchibum...
levar o moço pro reino
das águas claras.

Esse foi um dos textos lidos e distribuídos para a turma copiar em seus cadernos. Em seguida, a professora orientou a todos que deveriam escolher uma obra, de preferência, aquelas que ainda não tinham sido estudadas, para apresentarem no sarau literário, que deveria realizar-se no próximo encontro.

Então, ela explicou um pouco sobre a importância de participar de uma atividade como a proposta. Os saraus literários podem contribuir para promover a leitura, a expressão criativa, o desenvolvimento pessoal, favorecendo a aquisição de uma experiência educacional mais rica e envolvente. Em seguida, de dois em dois, os alunos foram chamados para pegar o livro que desejassem.

Depois das escolhas, a aula continuou com o treinamento das leituras, organização de estratégias e ordem de apresentação. As obras foram levadas para casa, assim os alunos puderam

ter um tempo a mais de interação com os textos, para se sentirem mais seguros para a realização da atividade proposta.

7.20 Bloco 20

Neste bloco, aconteceu a culminância do projeto de intervenção. O encerramento dos muitos encontros dedicados às leituras, assistências de vídeos, produções textuais e muitas conversas com foco direto na literatura. Um momento de muita interação, apresentações e apreciações de obras literárias. Um ENCONTRO muito especial.

Logo ao chegarem à escola, os alunos foram direcionados pela professora e coordenadora a um pequeno pátio preparado para recebê-los com muitos livros, cartazes e produções textuais expostos, deixando o ambiente agradável para a realização da atividade. Depois de todos organizados, a professora falou da satisfação em realizar aquele momento e reiterou a ordem e estratégias de apresentações. A partir daí, os alunos começaram as apresentações, declamando, dramatizando, lendo, narrando ou apenas comentando brevemente as obras escolhidas no encontro anterior. Alguns alunos também trouxeram ilustrações em cartazes que, ao final do evento, expuseram nos corredores da escola.

Tivemos apresentações de narrativas, como: *O barqueiro e o canoeiro*, escrito por Fernando Vilela e publicado em 2008. O livro narra o encontro entre um barqueiro branco e um canoeiro indígena, no rio Amazonas. Com sua pequena canoa prestes a afundar, o indígena é salvo pelo barqueiro. Durante o trajeto pelo rio, os dois contam suas histórias e aventuras; *O velho que trazia a noite*, de Sérgio Caparelli, ilustração de Lelis, publicado em 2007, que conta a história de um menino que busca compreender o mistério do dia e da noite; *A cruzada das crianças*, de Bertold Brechet, ilustrado por Carmem Solé Vandrel e publicado em 2014, um comovente poema narrativo que traz a história da árdua peregrinação de um grupo de crianças órfãs que foge dos horrores provocados pela Segunda Guerra Mundial e que, juntas, enfrentam toda a sorte de dificuldades em busca de um lugar seguro onde se refugiam. Sem perder a esperança e a solidariedade, os pequenos peregrinos lutam contra a fome, o frio, a miséria e o desamparo.

Depois, com uma temática mais leve e bem divertida, tivemos a dramatização da obra *Pluft – o fantasminha*, de Ana Maria Machado, ilustrado por Marcus Moraes e publicado em 2018. A obra mostra que Pluft é um fantasminha tímido que tem medo das pessoas, até que um dia ele conhece Maribel e ajuda a menina a se salvar; *Poesias do Nilo*, de Gilles Eduar, publicado em 2009, que aborda a história de Nilo, um cachorrinho muito especial, que, como

as crianças, é curioso, adora brincar e aprender coisas novas.

Os alunos fizeram uma deliciosa exposição mostrando, na prática, alguma das delícias culinárias que compõem as narrativas *Mês de Junho tem São João*, escrito por Fábio Sobra, ilustrado por Sérgio Penna e publicado em 2012. Esta obra mostra que, quando chega o mês de junho, é hora de a gente começar a preparar uma verdadeira festa junina, afinal, é mês de São João! E *Delícias e gostosura*, de Ana Maria Machado, ilustrado por Denise Fraifeld, publicado em 2006, que conta a história de Isadora e Henrique que, quando vão passar o fim de semana na casa da avó, experimentam receitas de dar água na boca. Além da exposição e degustação de algumas comidas ressaltadas nas histórias, os alunos também comentaram sobre as memórias e semelhanças que as produções têm com a realidade que vivem.

As professoras da sala de leitura participaram, comentando e mostrando, através de ilustrações, a obra *Se os tubarões fossem homens*, do escritor Bertold Brechet, ilustrado por Nelson Cruz, publicado em 2018: uma fábula moderna, com pitadas de ironia e irreverência que nos faz pensar sobre a organização social do mundo, os valores éticos e as relações de poder, e *Poemas escolhidos*, de Ferreira Gullar, obra em que a poesia social de Ferreira Gullar assume uma posição autêntica frente aos aspectos sociais e culturais modernos.

Muitos alunos optaram pelos textos poéticos, como *Banho de chuva*, ilustrado por Tadeu Lobato e publicado, em 1998, e *O mosquito que engoliu o boi*, ilustrado por Emmanuel, ambos escritos por Paulo Nunes. No primeiro, o escritor paraense resalta três elementos culturais marcantes da cidade de Belém: a memória, o tempo e a água, e, no segundo, publicado em 2002, os moradores simples de Belém que, na sua maioria, não têm voz para suas queixas, são a essência do texto; *Tantos Barulhos*, de Caio Riter, ilustrado por Martina Schreiner e publicado em 2011, traz poemas que exploram sons, barulhos e ruídos do cotidiano; *Chuva Choveu*, de Maria Rios, publicado em 2013, uma coletânea de poesias que trabalha as brincadeiras tradicionais com humor retratam o jogo da Amarelinha, da brincadeira de Cabra-Cega, do Iô-iô, o Jogo da Velha e a Corrida dos sacos, entre outras; *Dezenove poemas desengonçados*, publicado em 2019, e *Materiais escolares*, publicado em 2009, ambos do escritor Ricardo Azevedo. No primeiro, o autor traz 19 poemas que estimulam a reflexão e, no segundo, Ricardo Azevedo mostra ao leitor que o seu material escolar é muito mais divertido do que parece e pode até virar poesia, e *Poesia quando nasce*, de Walter Weiszflog, uma coletânea de poesias infantis de renomados escritores, de fácil compreensão.

A obra *Mamão, Melancia, tecido e poesia*, escrito por Fábio Sobra, ilustrado por Sabina Sombra, publicado em 2013, faz uma brincadeira instigando o leitor a adivinhar em forma de poesia. A apresentação foi um momento de grande interação entre todos. É um livro sobre

dezesesseis frutas tropicais. Encerrando o encontro do dia, infantes socializaram com os demais. Também o livro *Árvore*, escrito e ilustrado por João Proteti, publicado em 2014, que convida leitores de todas as idades a embarcar no encanto da natureza: nascer, crescer, florescer, frutificar, revelando todo o ciclo da vida.

Ao final, a professora parabenizou a todos pelo empenho na realização de cada atividade do projeto, em especial aquele momento de compartilhamento de leituras, histórias e suas experiências vivenciadas durante todo o semestre. Encerrando, os alunos foram acariciados com singelo lanche em um momento de descontração e confraternização.

8 DIÁRIO DE BORDO: UM OLHAR SOBRE OS DADOS PRODUZIDOS NA APLICABILIDADE DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Este momento corresponde à terceira e última etapa da nossa pesquisa. Calmamente, tentamos reter o máximo de informações que tanto os alunos quanto a professora deixaram em seus diários de bordo. Lembrando que todos os registros relevantes, sendo positivos ou negativos, que mostre derivações das opiniões, percepções, inferências e sentimentos despertados em todos envolvidos na pesquisa, foram levados em consideração como parte da elaboração e conclusão dos resultados do trabalho desenvolvido com este grupo. Para Brandão e Borges,

a pesquisa serve à criação do saber, e o saber serve à interação entre saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas de conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós mesmos; os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável; a vida que compartilhamos uns com os outros; o mundo e os infinitos círculos de realização do Cosmos de que nós, os seres humanos somos parte e partilha (2007, p. 57).

Os estudiosos afirmam que a pesquisa não é apenas um exercício acadêmico, mas também um meio pelo qual o conhecimento é criado, servindo como base para a interação entre diferentes saberes. Essa interação dialógica entre diferentes campos de conhecimento não apenas enriquece nossa compreensão, mas também nos ajuda a entender melhor a nós mesmos, nossa sociedade, cultura, nosso lugar no mundo e no cosmos. Ao reconhecermos a interconexão entre os diversos domínios do saber, somos capazes de ampliar nossa compreensão, além de encontrar soluções mais abrangentes, holísticas para os desafios que enfrentamos como indivíduos e sociedade.

Durante todo o processo de construção do projeto de pesquisa, houve um aprendizado constante, o que me sustentou e guiou-me na elaboração do segundo projeto, o de intervenção, o qual enriqueceu e ampliou meu repertório literário de maneira surpreendente, única. Como diz Marina Colasanti (2016), um amplo conhecimento de obras literárias é essencial não apenas para o desenvolvimento técnico da escrita, mas também para a expansão da imaginação e da sensibilidade artística.

As leituras bibliográficas me ajudaram a conhecer de vários estudiosos, outras leituras, obras, possibilidades e estratégias para a formação do acervo, que foi nosso suporte maior na sala de aula, uma espécie de “porto seguro” para a realização da pesquisa em questão, a qual teve como objetivo, essencialmente, oferecer aos estudantes do primeiro ano do fundamental – anos finais – experiências estéticas literárias, observando como a professora atua, assim como

o envolvimento e a receptividade dos alunos durante o desenvolvimento das atividades propostas no projeto de intervenção “Uma leitura para cada Dia”.

Às vezes, o desejo e a vontade de tudo dar certo pode nos levar às dificuldades de desenvolver um olhar mais crítico em relação a determinado texto, leitura ou qualquer outra atividade. Britto (2017) afirma que:

Um dos riscos mais perigosos desse fazer comandado pela vontade – por mais bem intencionado que seja – é de a ação e a concepção de ação serem dominadas pelo senso comum, perdendo a capacidade de discernimento e de crítica.

[...]

Assim, ao desejo de fazer, que é positivo e não podemos perder, devemos incorporar a crítica radical, inquieta, impertinente, constantemente nos obrigando a indagar sobre o que estamos fazendo, a desafiar Quimera, mesmo que pareça inoportuno, não aceitando as contradições do mundo e da vida como naturais. [...] nesse processo, supõe-se, haverá sempre superações, renovações e produções inéditas e interessantes tanto no campo da educação como no da formação do leitor (Britto 2017, p. 10 - 11).

Refletindo sobre a fala do autor, preciso reafirmá-la, pois foi exatamente um dos momentos de maior conflito interno que pude perceber durante e depois de vivenciar todo o processo de aplicabilidade e de desenvolvimento de cada atividade do projeto de intervenção, já que muitas vezes ficava difícil distinguir a professora realizadora das ações pedagógicas e a pesquisadora observadora da realização do projeto; estávamos diante da vantagem de ter acesso a todas as informações que a professora planeja e faz; e uma desvantagem: risco de misturar os dois lugares; portanto, perder a capacidade de crítica e de análise por ser a própria executora, sendo esse exatamente o ponto que requeria mais atenção.

Para Nunes (1991), dois são os aspectos de toda experiência estética: um subjetivo (o sujeito sente e julga), e outro objetivo (os objetos que condicionam o que sentimos e o que julgamos). Nesse sentido, afirmamos que as experiências estéticas, oferecidas aos alunos do 6º ano A e B da escola de Ensino Fundamental Dr. Ulysses Guimarães, aconteceram de maneira significativa, conclusão tirada a partir das observações apontadas pelos alunos e registradas pela professora nas rodas de conversa e na apreciação das leituras literárias realizadas continuamente, assim como a receptividade, a participação deles em relação às atividades, ao comportamento, reações e registros apresentados por eles nas vivências de cada encontro.

Sendo a pesquisa o acompanhamento do desenvolvimento das atividades que constituem o projeto de intervenção, vamos às reflexões e aprendizagens derivadas do trabalho realizado dentro e fora da sala de aula com os estudantes, lembrando que “aprender não significa acertar sempre. Aprender é dar sentido e intenção ao que se faz. O erro não é punitivo, mas meio de formação de conhecimento” (Alcântara; Britto, 2018, p. 57).

Importante destacar, de antemão, a experiência relevante com o uso dos produtos

audiovisuais numa perspectiva de intersemiose. A experimentação do uso dos vídeos como material didático, produzidos baseados em textos literários que fazem parte da “Caixa Literária”, teve a intenção de proporcionar maiores possibilidades aos alunos no contato com a arte, indo além da simples leitura pessoal ou auditiva; foi muito significativo. O contato que os alunos tiveram com os elementos semióticos, como o som, a luz, a música, as cores, palavras, presentes nos vídeos, certamente lhes deu a oportunidade de vivenciarem diversas e únicas experiências estéticas.

Pertinente também observar que a professora disponibilizou os vídeos para os alunos por meio do WhatsApp, o que possibilitou maior interesse aos alunos para apreciar mais e melhor as atividades. O fato de os produtos pedagógicos estarem disponíveis para os celulares deixou a turma bem mais envolvida e integrada, pois essa estratégia dialoga diretamente com instrumentos do seu cotidiano.

O projeto desenvolvido com foco na literatura teve contribuição expressiva em relação ao estreitamento da relação dos alunos com obras literárias, principalmente com aquelas que formaram nosso acervo. Com o passar dos dias e do acontecimento dos encontros, percebi que eles já não resistiam às propostas de atividades envolvendo as leituras e assistência de vídeos como no início, pelo contrário já perguntavam se continuaríamos as atividades, as leituras na próxima aula; algumas vezes, a professora foi cobrada para continuar, finalizar ou iniciar a leitura de um livro, principalmente daqueles que tratavam de narrativas de aventuras, como os *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo.

Acompanhando as crianças, fui sentindo certos progressos em diversos aspectos, como a sensibilidade em respeitar o espaço de cada um na hora das leituras e falas nas rodas de conversa; mais propriedade na hora de apresentar, apreciar uma obra; a postura, entonação durante as leituras orais; “intimidade” ao citar autores e ilustradores das obras estudadas, assim como as observações sobre as ilustrações dos livros.

A docente, desde o início do desenvolvimento do projeto de intervenção, se mostrou inteira e segura sobre o acervo literário apresentado aos alunos, assim como das atividades propostas para o alcance do principal objetivo, diretamente relacionado ao ato de proporcionar aos estudantes, experiência estética através dessas leituras literárias, no entanto, por diversos momentos, foi pega de surpresa com questionamentos feitos pelos alunos, reações emocionais e até propostas de leituras.

Com a realização de cada atividade, a professora foi agindo e se adaptando a cada momento em que se fez necessário um ajuste ou mudança na estratégia da aplicabilidade das atividades, a partir de um olhar, um gesto, uma fala ou uma ação observada, pois, como diz

Pinheiro (2011, p. 19), “se o momento da leitura é o do deleite, do encantamento, de descoberta, da perplexidade, da inquietação; o momento posterior é da tentativa da compreensão e de explicação, a partir do texto, da experiência da leitura”.

No início do trabalho com o projeto de intervenção, foram distribuídas 70 cadernetas para serem usadas como diários, porém a devolutiva foi de apenas 56. Dessa forma, analisamos, pacientemente, separando e ordenando elementos que, em determinado texto, mostravam-se relevantes para nossas leituras, registros de um pouco mais da metade dos alunos que participaram da pesquisa.

Por ser um grupo que está inserido em um determinado contexto, mesmo ano de estudo, mesmas turmas, mesma professora fazendo as mesmas orientações, costumam surgir muitos pontos em comum, ao mesmo tempo que podem apresentar singularidades. “O acontecimento é comum, mas a experiência é para qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (Bondía, 2002, p. 27).

Vale ressaltar que muitas falas, talvez de alguns dos alunos que não conseguiram, por diversas razões, devolver o seu diário, foram registradas pela professora e também serviu de dados para nossas reflexões de ensino e aprendizagem em relação a tudo que foi vivenciado pelo grupo diretamente envolvido na pesquisa – alunos e professora-pesquisadora.

Os textos que trago aqui são falas que representam o que cada aluno sentiu, percebeu, vivenciou com determinada atividade. Transcrevo os textos, em sua maioria na íntegra e, como são alunos que ainda estão no processo de conquista da escrita adequada, é possível observar a presença de alguns desvios gráficos, concordância e outros aspectos linguísticos nas construções de frases ou versos.

A partir dessas transcrições e observações dos registros, tentaremos identificar e mostrar quais as contribuições da estética na formação desse alunado, após um semestre de contato com as mais variadas formas de leitura e apreciação literária. Os alunos serão identificados por letras e os textos por número.

O trabalho desenvolvido com os estudantes, através das atividades de cada encontro, teve eficiência notável já ao final dos primeiros blocos, pois durante a leitura do texto poético *Direitos das Crianças*, de Ruth Rocha, alguns alunos já conseguiram fazer um link da temática com outro texto – Declaração Universal dos Direitos das Crianças – presente no livro didático, já trabalhado pela professora no primeiro semestre, em uma das atividades pedagógicas de rotina, contribuindo de forma relevante para a construção de uma boa roda de conversa.

Quando exploramos a Declaração Universal dos Direitos das Crianças e o poema *O*

direito das Crianças, de Ruth Rocha, textos que atraíram muito os olhares das crianças, eles chamaram nossa atenção para dois dos 10 princípios lidos e discutidos em sala de aula: o 6º, que trata da Proteção contra o abandono e exploração, e o 9º, que destaca a Proteção contra a negligência e a crueldade. Observemos:

Princípio 6: Proteção contra abandono e exploração

Este princípio destaca a importância de proteger as crianças contra qualquer forma de abandono, negligência ou exploração. Reflete a necessidade de criar um ambiente seguro e acolhedor para que as crianças possam crescer e se desenvolver plenamente. A proteção contra o abandono e a exploração não se limita apenas à esfera física, mas também abrange aspectos emocionais e psicológicos. Isso implica em garantir que as crianças recebam amor, apoio emocional e educação adequada, e que não sejam exploradas de forma a comprometer seu bem-estar.

Princípio 9: Proteção contra a negligência e a crueldade

O nono princípio destaca a importância de proteger as crianças contra qualquer forma de negligência, crueldade e exploração. Isso significa assegurar que as crianças recebam os cuidados e a atenção adequados para o seu desenvolvimento. Além disso, implica em prevenir a exposição das crianças a situações cruéis ou prejudiciais que possam comprometer sua integridade física, emocional ou psicológico.

Em seu diário, a professora reflete sobre os princípios 6º e 9º da Declaração dos Direitos das Crianças; para ela, a escolha destes princípios, de forma tão significativa, talvez seja algo que está sendo dito pelas crianças; um recado, nos levando a pensar sobre a responsabilidade coletiva de criar um ambiente que promova o pleno desenvolvimento e bem-estar das crianças, protegendo-as contra formas de abandono, exploração, negligência e crueldade.

O fato de os alunos perceberem a relação entre os dois textos é um forte sinal de que um repertório já se encontrava em construção, além de nos apontar a realização da modalidade de leitura que Bértolo (2014) chama de metaliterário, ou seja, nesse tipo de leitura, enquanto lê, cada leitor tende a relacionar o que está lendo com suas experiências passadas de leitura, e isso destaca a natureza interativa e interconectada da experiência de leitura, por meio da qual as obras, no caso os textos, se influenciam mutuamente na mente do leitor, ultrapassando uma barreira, alcançando mais um nível de leitura, o que nos deixou extremamente animados e confiantes na possibilidade de estarmos rumo a uma proposta de trabalho assertiva.

Outro fortíssimo sinal dessa conquista foi o achado do livro *Onde estão os meus pais?*,

escrito por Alex Cabrera e de ilustração de Rosa Curto. Inclusive, a história é inspirada no princípio dos Direitos das Crianças, texto bastante discutido nas rodas de conversa. A professora se surpreendeu quando um aluno trouxe e lhe entregou a obra. A criança encontrou o livro na casa de uma tia e, ao relacionar de imediato já a partir o título com outros já lidos durante nossos estudos em sala de aula, confirmou-se, nesse momento, novamente, a construção do processo metaliterário.

E reafirmando o que já foi citado como sinais do alcance desse nível de leitura, encontramos um registro de um aluno que diz o seguinte:

Aluno A / texto 01

Hoje a professora trouxe uma história muito legal. Gosto de histórias engraçadas. A quase morte de Zé malandro. Ver como ele enganou a morte foi muito engraçado. Ele é muito esperto, parece o Malasartes que sempre dava um jeito de resolver as coisas e se sair bem. Acho até que são irmão na esperteza rsrs.

Aqui, o aluno relaciona duas leituras através de seus personagens principais. O aluno, ao ouvir e ver o vídeo da narrativa de Ricardo Azevedo “A quase morte de Zé malandro”, logo lembrou de Malasartes, uma obra que foi lida pela professora em estilo de novela durante várias aulas.

No estudo dos *Poemas Miudinhos*, de Neusa Sorrenti, constatamos, então, através de seus registros no diário de bordo o quanto algumas leituras realmente foram significativas para elas. Enquanto a professora exibia em slides o texto *Diferenças* desta obra, no qual a autora usa a metáfora das estrelas como meninas, sugere uma variedade de personalidades e comportamentos. A ilustração que acompanha os versos chamou muito a atenção dos alunos, ao perceberem que, olhando de longe, todas as estrelas parecem iguais, mas olhando bem de pertinho cada uma, elas têm diferenças, e, de repente, lá do fundo, soa, baixinho, uma voz que diz: “*as estrelas são como nós, professora, somos todos iguais, mas temos nossas diferenças*” (fala da aluna registrada no diário da professora).

Ainda sobre os *Poemas Miudinhos*, em visitas aos diários de bordo, encontramos o seguinte registro que nos chamou muito a atenção, pois a aluna expõe seus sentimentos ao entrar

em contato com o texto, relacionando o poema com sua realidade familiar.

Segundo Bondía (2002, p. 210), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca”. Com a fala do estudioso, entendemos que a experiência não se limita apenas ao que objetivamente ocorre, mas é profundamente influenciada pela forma como interpretamos e internalizamos esses eventos. Assim, devemos considerar que a essência da experiência não está simplesmente nos eventos externos em si, mas na maneira como os vivenciamos e atribuímos significado a eles.

Portanto, quando um aluno fala de suas tristezas ou alegrias ao ler um determinado texto, dizemos que a experiência aconteceu, de fato, se consolidou, pois algo tocou esta criança, algo aconteceu com ele, pois, de acordo com (Bondía, 2002, p. 25), “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”.

Aluno B / texto 2

Hoje a professora trouxe um texto que é bem pequeno, mas chato. Não gostei do poema Exigente ou moderninha porque a Maria abandonou Joãozinho e foi embora. A minha mãe também foi embora e deixou meu pai, eu e meu irmão. Tenho tristeza e muita saudade. Fiquei com raiva dela. Acho que ela não gosta dele. Também acho que minha mãe não gosta de nós. Não quero mais ler esse tipo de poema. Não gosto de coisas que me deixam triste.

No próximo registro, o aluno descreve um turbilhão de sensações ao participar de uma atividade em grupo fora de sua sala de aula, e o outro aborda suas percepções em relação à obra *Lukinha – o maestro sabiá*; ambos vivenciam uma verdadeira catarse, expressada pelo efeito emocional que a arte desperta sobre o leitor/espectador, proporcionando-lhe liberação de emoções, a partir de um confronto estético com a essência da realidade, como afirma Duarte (2008), já citado na fundamentação teórica desta pesquisa.

Aluno C / texto 03

Gostei muito de ler o livro Lukinha – o maestro sabiá porque este livro tem uma história muito linda. Cheia de versos e cores. Adoro ver os animais e as carinhas deles de alegria quando o sol chega. Também fiquei feliz quando começaram a cantar para comemorar o dia cheio de sol com muita alegria. Até eu senti vontade de cantar e ouvir música. Gosto muito. A música me deixa muito alegre.

Aluno D / texto 04

O medo, o nervosismo, a tensão, o prazer, a alegria, foram coisas que eu senti quando a professora me chamou para ler com outros colegas em outra turma, os alunos menores do 4º ano. Eu sou muito tímida. Tenho muita vergonha até para falar na sala de aula, por isso achei que não iria conseguir. Achei que minha voz não ia sair. Mas eu consegui e agora to me sentindo muito feliz. Me coração ficou acelerado e minhas mãos geladinhas. Eu Consegui. Agora quando a professora me convidar de novo sei que vou ficar nervosa, mas sei que eu consigo ler direitinho e depois vou me sentir feliz e orgulhosa.

Aluno E / texto 05

Hoje lemos para a turma do 4º ano a obra O tempo escapou do relógio. Foi muito legal. Na hora fiquei muito nervosa. Minha barriga ficou gelada e minhas mãos geladas. Achei até que fosse desmaiar. Depois passou e eu me senti muito feliz por ter conseguido ler para outros alunos que eu não conhecia. Eles aplaudiram a minha leitura. Agora já quero ir de novo.

Importante expressar aqui o efeito que a assistência a alguns vídeos, baseados em poemas, causou nos alunos; de forma geral, entre eles, o de maior impacto observado foi o do poema de Vinícius de Moraes, a *Rosa de Hiroshima*. Assim que iniciamos a apresentação, os olhares dos espectadores já se voltaram para as imagens que surgiam, e, a cada cena

apresentada, os pequenos se mostravam cada vez mais emocionados, o que logo nos chamou a atenção.

Destacamos aqui a fala de Cortez e Rodrigues (2003) sobre a dificuldade de entender a linguagem literária; após lermos o texto impresso, a professora percebeu a necessidade de pesquisar os significados de muitas palavras que ainda dificultavam a compreensão de muitos alunos, só depois desse trabalho de descoberta é que a turma reagiu de forma mais participativa.

Vale ressaltar que ficaram quase emudecidos, como se não acreditassem que tudo ali apresentado fez parte de uma história real. Acontecimentos reais, afinal a arte representa o real, então as guerras não vão estar apenas nos livros de história, mas se encontram também em outros elementos, como o quadro *Guernica*, de Pablo Picasso (1937), músicas como o Rap *Segunda Guerra Mundial*, de Luiz e Matheus, filmes, como *A vida é bela*, de Roberto Benini (1997). Segundo Bernardes e Mateus (2013, p. 34), “é na literatura que a língua ultrapassa todos os seus limites de função comunicativa, pois é forçada à produção de sentidos por meio do intenso uso de recursos linguísticos”.

Então, ao assistirem novamente, agora compreendendo o contexto histórico da produção poética, puderam usufruir o melhor da obra, construindo comentários com muita empatia e sensibilidade, e a professora registrou estes elementos, expressados por seus alunos, como funções peculiares da literatura em nossas vidas. Vejamos então uma das falas mais relevantes encontradas no diário de um dos alunos do 6º ano A.

Aluna F /texto 06

A leitura e o vídeo de hoje me deixaram muito triste, porque falava de uma bomba que foi jogada em cima de uma cidade. Destruiu tudo. Tive muita vontade de chorar quando vi as imagens das mães carregando nos braços as crianças bem magrinhas e doentes. Foi muito triste. O poema se chama A Rosa de Hiroshima.

A literatura está, neste contexto, exercendo sua função humanizadora, estimulando a empatia, reflexão, sensibilidade, compaixão, pontuada por Candido (1995), pois, segundo este

estudioso, a literatura contribui para humanizar o homem, num sentido muito profundo, porque, ao contrário da ciência, ela visa à subjetividade, tem como material o sujeito em seu relacionamento com os outros e com o mundo.

Observando, ainda, a partir da fala expressa pelo estudante, através de suas palavras no texto sobre sua tristeza ao ver as imagens das crianças doentes, sentido até vontade de chorar, entendemos que, de acordo com concepção de Assumpção e Duarte (2016, p. 213), sobre catarse, é neste momento que esta “sensação” se mostra acontecendo, “tornando indivíduos educados esteticamente e capazes de atingirem a catarse”.

Aluno G / texto 07

Hoje a aula foi muito legal, mas também muito triste. Legal porque parece que as professoras de história e de português tinham combinado o assunto. As duas falaram da mesma coisa, só que na aula de história a professora falou sobre a segunda guerra mundial e as cidades que foram destruídas com bombas no Japão. E a professora falou também da mesma coisa, só que foi em um poema que no início eu quase num entendi nada por que tinham umas palavras diferentes que eu nem sabia o que significava, mas depois pesquisamos com ajuda da professora que explicou e mostrou um vídeo eu entendi tudo, é muito triste porque muitas pessoas morreram. Muitas famílias se separaram. Até hoje ainda acontecem essas coisas. Não sei por que as pessoas fazem isso. Só traz dor, tristeza e muito sofrimento para o mundo todo.

Assim, mais uma vez percebemos o valor que o contexto histórico impõe sobre o texto, o quanto também a literatura nos transporta no tempo e no espaço nos fazendo conhecer a história da humanidade.

Pertinente citar a contribuição significativa das atividades envolvendo os poemas visuais, os quais são produzidos combinando a linguagem escrita com os elementos visuais, criando assim uma experiência estética única. Nesse caso, destacamos o poema *Ver Navios*, de Haroldo de Campos, por meio do qual conseguimos “sentir”, termo apontado por alguns alunos, o movimento e a imagem do navio nas águas, acompanhando as ondas do mar. “*O poema parece mesmo um navio navegando sobre as águas do mar*” (Aluno A).

Aluno H / texto 08

Fiquei muito triste com a história do passarinho morrendo. Eu vi certim ele caindo. Dava pra ver direitinho na imagem. Foi um poema concreto que a professora trouxe para a aula. Era um poema que se chamava pássaro vertical. Gosto muito de passarinhos, por isso fiquei tão triste. Não gosto que maltratam os animais.

Aluno I / texto 09

Hoje os poemas foram diferentes. Amei os poemas concretos porque é um texto e um desenho ao mesmo tempo, então se a gente não entender as palavras a imagens podem ajudar a gente entender melhor o poema, mas eu fiquei muito triste quando percebi que o pássaro tinha sido atingido com a bala e estava caindo. Até tentei criar um, mas nun deu certo.

Na assistência de vídeo do poema *A Bailarina* do livro *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles, tivemos um momento de grande encantamento com as cores e os movimentos das imagens; algumas alunas relacionaram imediatamente a música, as posições dos corpos e as vestes das bailarinas com suas vivências, pois, em torno de sete meninas, participam do projeto social da Escola de Dança da prefeitura de Altamira, onde participam de aulas de balé por dois dias da semana, durante todo o ano e, ao final, agraciam familiares e amigos com apresentações públicas; outras falaram sobre o desejo de assistir a uma apresentação de um balé e/ou sobre a vontade de estudar, fazer balé, ou seja, ser “uma pequena bailarina” e participar de grandes eventos. Uma das alunas deixou registrado:

Aluno J / texto 10

Os livros me encantam. A mistura das palavras, com as imagens e as cores é maravilhoso. Gostei muito dos vídeos que a professora apresentou. Os mais lindos foram leilão de Jardim e A bailarina. Tinha até música. Ficou maravilhoso. Principalmente o da bailarina porque meu sonho é ser uma bailarina. Não precisa ser muito famosa. Só quero ser uma bailarina e me apresentar pras pessoas.

Aluno K / texto 11

Nossa aula hoje foi muito legal. A professora trouxe um vídeo muito bonito que conta a história de uma pequena bailarina. Diz que a menina rodava e rodava na ponta do pé. O vestido era lindo e o penteado também. A música também era muito bonita. Deixa a gente bem calminha e dava até vontade de sair dançando também como uma bailarina.

Notamos que os infantes demonstram claramente que, em contato com a arte literária, vivenciaram a experiência de libertação das emoções, descarregando seus sentimentos, como diz Moisés (2004), em seu conceito sobre catarse. Esteticamente falando, os vídeos e as apresentações em slides, apresentados à turma, contribuíram de maneira significativa na compreensão e apreciação das obras estudadas.

Uma das atividades que a professora teve mais dificuldade de convencimento, explicação e retorno foi a produção textual. Durante as leituras dos diários de bordo, tivemos a constatação das dificuldades dos alunos de expressarem seus sentimentos e pensamentos, pois poucas e pequenas produções ficaram registradas, porém algumas surpresas. Nossos alunos estudaram e produziram literatura, já que, de acordo com Candido (1970, p. 176-177), “literatura é toda e qualquer produção, inclusive poética”. Um dos participantes fala da sua alegria e orgulho de conseguir fazer um poema com rimas e versos: “*Meu poema é sobre o amor. Fiquei muito feliz quando terminei. Nunca imaginei que eu teria capacidade de produzir um texto tão bonito. To muito, muito, feliz*” (Aluno D). Segue o poema, razão de tanta alegria:

Aluno L / texto 12

O amor

O amor é um sentimento
 Que sinto nesse momento
 Amar alguém é bom
 É como ganhar bombom
 Minha família me ama
 Eu amo eles também.
 Vivemos todos bem
 Amar faz a gente feliz
 Minha mãe que diz.

No texto seguinte, a aluna declara seu amor à sua família, através de belas rimas. Já os versos do poema da aluna M apresentam o lugar onde vive, fazendo nos lembrar da temática tratada nas Olimpíadas de Língua Portuguesa e trabalhado pela professora de geografia, o que revela uma interação entre as temáticas, as aulas e as disciplinas estudadas pela aluna.

Aluna M / texto 13

Minha cidade
 Nasci neste lugar
 Aqui tenho um lar
 Altamira é onde vivo
 Tem história de cobra encantada
 Amo morar neste lugar
 Minha cidade amada

Aluna N / texto 14

Minha família
 Minha família é tudo pra mim
 Sei que eles não vivem sem mim
 Eu amo muito minha família
 Meu pai, minha mãe e minha irmã
 Todos os dias na minha casa
 Tomamos café juntos de manhã.

As produções textuais também nos dão uma sinalização importante em torno da dicotomia – ler e escrever. Britto (1997) fala da importância do desenvolvimento desse processo de aprender a ler e a escrever na escola, pois tais habilidades proporcionam aos indivíduos uma forma de expressão e comunicação fundamental para compartilhar suas ideias, experiências e perspectivas com os outros, bem como acessar e contribuir para o conhecimento coletivo da humanidade.

As leituras menores, com certeza, ganharam a simpatia da maioria dos alunos, portanto os haicais¹ foram os mais lidos pelas turmas. Textos com apenas três versos eram facilmente apresentados, principalmente por aqueles alunos que tinham mais dificuldades para leituras ou que não se identificavam muito com o ato de ler, principalmente as narrativas maiores. Porém, a compreensão era mais difícil, pois, quanto menor o texto, mais esforço para compreensão se exige do leitor, assim podemos dizer que os haicais foram os poemas mais lidos, porém os menos compreendidos.

Em outro momento, o protagonismo fica por conta da obra *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, no qual há uma combinação de vários elementos, o que oferece uma forte e considerável experiência estética, promovida justamente pela construção da narrativa escrita, a qual é claramente ampliada pela presença e pelo modo como o texto e as ilustrações se relacionam.

No contato com esse livro e com o vídeo, os estudantes facilmente destacaram tais elementos, sobretudo a vivacidade das cores na construção de tantas figuras juntas; a quantidade

¹ Um haicai é uma forma de poesia tradicional japonesa, caracterizada por sua concisão e simplicidade. É composto por três versos, geralmente com um padrão de sílabas 5-7-5, totalizando 17 sílabas.

de imagens e semelhança das ações destacadas no cotidiano da vida do narrador, como o banho com a mangueira para refrescar os dias quentes; o jogo de futebol no campinho perto de casa e gente para todo lado, inclusive com livros nas mãos indo para a escola; também foram razões que contribuíram para a ampliação da roda de conversa entre alunos e professora.

A atividade realizada pelo aluno B, após o estudo da obra *Da minha janela*, atende ao que o campo artístico-literário da Base Nacional Comum Curricular (2017) recomenda: o envolvimento dos alunos em práticas de leituras literárias. Os alunos são convidados a produzirem obras literárias, como conto, poemas. O estudante, respondendo a uma indagação feita pelo autor no final da obra, escreve:

Texto O / aluna 15

Da minha janela

A minha janela é bem pequena. Da minha janela que fica no meu quarto dá pra ver o céu azul cheio de nuvens quando eu tô deitada na cama. Gosto também de ficar sentada nela olhando para uma rua que passa bem pertinho dela. Vejo muitas crianças brincando. Animais correndo. Um grande jardim com lindas flores na calçada da casa da minha vizinha. Da minha janela também dá pra ver uma grande área de mata verde onde as guaribas cantam todos os dias de tardezinha. Gosto de ficar na minha janela esperando meu pai chegar do serviço e meu irmão chegar da escola.

Uma das nossas estudantes, garotinha sempre muito concentrada, calma e amante das leituras poéticas, após ler e apreciar a obra *Festa no meu jardim*, de Marcos Bagno, escreve em seu diário de bordo: “*Quando estou lendo os poeminhas e vendo as imagens coloridas, me sinto muito bem. É como quando minha vó ou minha mãe me abraça com seu abraço quentinho. Fico feliz*” (Aluna F). Notamos aqui uma profunda conexão entre a experiência de leitura e o conforto emocional que recebemos dos entes queridos. A analogia entre a sensação de bem-estar, ao ler poesia e o caloroso abraço da avó ou da mãe, é poderosa, pois ressalta como a literatura pode preencher nossas necessidades emocionais de uma maneira única e reconfortante.

Essa interação entre a estudante e o poema destaca a importância do acesso à arte e à literatura na vida de todos, especialmente das crianças, que, muitas vezes, buscam formas de conforto e escapismo. Ao fornecer essa analogia simples, o texto nos lembra que a literatura não é apenas um meio de entretenimento, mas também uma fonte valiosa de bem-estar emocional e conexão humana.

Portanto, reconhecemos que a apreciação estética não é apenas uma atividade intelectual, mas também uma experiência física e sensorial. A estética pode nos tocar

profundamente em um nível visceral, despertando sensações físicas, emoções e até mesmo transformações internas. Segundo Duarte (2001, p. 20), “a experiência estética não é simplesmente uma experiência de beleza, mas uma experiência de sensibilidade e percepção que envolve tanto o corpo quanto a mente”. Ou seja, não se trata apenas de receber estímulos sensoriais, mas também de processá-los, contextualizá-los e atribuir-lhes significado.

Aluno P / texto 16

“O texto que mais gostei foi índio eu não sou. É um texto muito legal que fala contra o preconceito. Entendi que não somos ÍNDIOS, somos, INDÍGENAS. Quem é índio é quem nasce na Índia, eu acho. Me senti muito orgulhoso quando li esse texto e também de saber que tem uma pessoa que é indígena e que escreve assim lutando e defendendo a gente.

Aluno Q / texto 17

O livro que a professora apresentou hoje é bem legal e divertido porque os poemas são bem pequenos e todos vem acompanhados de instruções para tocar em algum instrumento musical. Ainda ensina como tirar o som de outras formas como em caixa, garrafa, lata. Eu gostei muito porque gosto de tocar. Na escola que eu estudava tocava na banda de fanfarra. Também toco na igreja. É muito legal. Adorei os poemas miudinhas da Neusa Sorrenti.

A relação entre encantamento e realidade que a literatura proporciona aos leitores se dá através das leituras dos textos literários, como fala Silva (2011, p. 135), “não se limitando a entreter, mas também atuando como um espelho que reflete e organiza os sentimentos e visões de mundo dos leitores, em diversos momentos os estudantes demonstram essa experiência por meios de suas pequenas produções”. Assim, a literatura não apenas nos permite escapar da realidade, mas também nos ajuda a compreendê-la mais profundamente, ao mesmo tempo em que nos conecta a aspectos universais da experiência humana. Segue algumas das quais julgamos mais relevantes:

Aluno R / texto 18

Hoje a professora deixou a gente escolher livros na caixa literária e eu escolhi vários e o que mais chamou a minha atenção foi BORBOLETA porque me inspirou transformação e liberdade “penso que todos nós deveríamos se transformar todos os dias para ser melhor e ser livre sem se preocupar com que vão falar da gente”. Quando eu crescer quero ser assim, como uma borboleta, charmosa e livre para voar e ir até onde quiser para conquistar meus sonhos, ai que linda.

Aluno S / texto 19

Quando a professora disse que todos nós podia escolher o livro que quisesse para ler em casa e corri e logo peguei um que mais agradou meu coração, o meu preferido foi festa no meu jardim. O livro é liiiindo. Bem colorido e com poemas muito bons de ler. Amei também porque minha casa tem muitas plantas e flores e minha mãe ama muito todas elas e eu amo muito minha mãe. Li o texto e gostei e quando assisti o vídeo fiquei encantada com tantas imagens lindas.

Aluno T / texto 20

Hoje é segunda-feira e a professora apresentou um livro lindo, se chama Crianças. Parece que foi feito pra nós. O livro é lindo. Os poeminhas maravilhosas, mas a história é muito triste. Enquanto a professora estava lendo, era tudo lindo, mas quando ela contou a história da criação do livro, fiquei fortemente triste. Fiquei com pena das crianças e também do sofrimento das mães que devem ter chorado muito com seus filhos desaparecidos. Sei que as mães são as que mais sofrem com tudo que acontecem com seus filhos. Minha mãe vive chorando por causa do meu irmão que é teimoso e responde muito ela. Vive na rua.

Vejamos, então, como o contexto histórico desta obra, assim como seus pequenos poemas despertaram a sensibilidade e a empatia nesta aluna, funções relevantes da literatura. Vale destacar que, a partir da fala da professora em relação à história da homenagem feita na obra às crianças dadas como mortas ou desaparecidas, parece que os poemas ganharam mais importância no ato da leitura, se tornando mais significativos para os alunos.

Falando sobre a importância de saber e aprender a trabalhar em equipe, em um determinado momento, depois de terminarem um trabalho em grupo, a professora pediu que

escrevessem sobre essa experiência de trabalhar juntos com outras pessoas, praticando o ato de ouvir, falar, concordar ou discordar de ideias, opiniões na construção de um trabalho. Um registro interessante diz: *“Amei trabalhar em grupo. Poder compartilhar minhas opiniões e construir ilustrações com meus colegas, usando e despertando minha criatividade nos desenhos e pinturas. Nosso cartaz ficou maravilhoso porque cada um deu uma ideia que juntas deixou nosso trabalho incrível”* (Aluno D).

Perguntando sobre o que pensavam sobre esse processo de leitura constante nas aulas de língua portuguesa, algumas falas foram registradas, entre elas: *“Não sabia que eu gostava de ler. Vi todos meus colegas lendo e fui lendo um pouquinho com eles e também sozinha, aí comecei a sentir que gosto e ler pra conhecer histórias”* (Aluna P).

Aluno V / texto 21

Hoje lemos para a turma do 4º ano a obra O tempo escapou do relógio. Foi muito legal. Na hora fiquei muito nervosa. Minha barriga ficou gelada e minhas mãos geladas. Achei até que fosse desmaiar. Depois passou e eu me senti muito feliz por ter conseguido ler para outros alunos que eu não conhecia. Eles aplaudiram a minha leitura. Agora já quero ir de novo.

Enquanto outra aluna afirma: *“A minha experiência em ler em público foi incrível. A professora organizou um piquenique fantástico. Foi muito emocionante. Todo mundo leu e se apresentou”* (Aluna H); outro continua *“Esse trabalho me fez sentir uma artista. Criei minha própria obra de arte, um poema, agora tenho vontade de ler e criar outros textos”* (Aluno N).

Em um dos últimos encontros, a professora pediu que os alunos falassem um pouquinho sobre as leituras que mais chamaram sua atenção. Depois de muitos compartilharem suas escolhas, eles foram orientados a registrarem em seus diários esses depoimentos e, surpreendentemente, encontramos alguns textos bem significativos, por meio dos quais os alunos demonstram percepções profundas, além da relação que fazem entre três dos principais textos estudados durante o desenvolvimento do projeto de intervenção.

Aluna W / texto 22

Amei conhecer o texto Poesia na varanda da escritora Sônia Junqueira. Entendi com a leitura e o vídeo que a professora apresentou, que a poesia pode estar em qualquer lugar, como nas flores, no amor que sentimos por nosso animalzinho de estimação; na lágrima. Ela pode aparecer numa música e na beleza de uma flor, e entrar em nossas vidas de várias formas também, até no abraço de um amigo. Amo muito ler poesias.

Aluna Y / texto 23

O poema Convite é maravilhoso. Meu preferido. Quem escreveu ele foi José Paulo Paes. Ele convida a gente pra brincar com as palavras porque elas não se gastam como nossos brinquedos. Ele diz que quanto mais a gente brincar com elas, mais elas ficam novas e se renovam, aí entendi que os brinquedos acabam e as palavras não. Nunca se acabam. Não tem fim. E aí quanto mais eu estudar e ler, mais palavras vou conhecer.

Aluno B / 24

A poesia na varanda de Sônia Junqueira e o poema Tem tudo a ver de Elias José são bem interessantes porque os dois se parecem, até se combinam. Os dois falam que a poesia pode estar nem qualquer lugar, pode aparecer de muitas formas. É só prestar atenção e olhar direitinho que a gente ver a poesia, porque ela pode estar pertinho de você.

Aluno R / texto 25

Vocês sabiam que dar para brincar com as palavras? Pois dar. A professora trouxe um poema que o escritor dizia que era bom brincar com as palavras como brincar com papagaio, bola e peão, mas eu num entendi direito, aí depois nós começamos a ler mais e muito mais aí eu descobri que quando eu fico tentando e consigo combinar os sons de uma palavra com de outra era legal e divertido e o texto fica muito bonito. Ainda não consigo fazer um texto grande porque tenho dificuldade de achar as palavras que se combinam.

Importante observarmos o quanto os alunos demonstram, através do despertar da sensibilidade e dos sentimentos, ter conseguido exercer o ato de apreciar a arte das palavras na construção do texto. As falas dos estudantes revelam a realização do processo de resposta ao se relacionar com a obra de arte, o texto literário. Esse contato do aluno com o texto e com o valor

estético que este possui, contribui com a formação holística necessária nesse processo de formação educacional.

É isso o que faz a literatura, a arte de inventar e contar histórias que parecem mais verdadeiras que a verdade contada – não porque absurdas, mas simplesmente porque humanas. A literatura nos traga do torpor do comum do existir, de indolência espiritual, nos tira da ausência que se nos impõe o imediatismo, e nos devolve, inteiros, embora confusos, à vida mesmo (Britto / no prelo).

As vivências estéticas, aparentemente, surtiram um efeito significativo em alguns membros do grupo de pesquisa, pois é notória a resposta emocional que muitos dos alunos conseguiram dar durante a participação nas leituras literárias. A subjetividade, expressa na produção textual dos alunos, destaca uma das principais especificidades da literatura.

Farias, Britto e Santos (2019, p. 164) falam de como as leituras literárias afetam a experiência estética dos leitores: “Lendo-os, tentando compreendê-los, falando e escrevendo a partir deles, os alunos devem aperceber-se de que podem descobrir o que não é visível, experimentar sensações que de outro modo não alcançariam”; como o uso da língua vai além da comunicação. Observemos, então, através de suas produções, como alguns alunos vivenciaram essa experiência em sala de aula.

Estudiosos, como Duarte (2008) e Bondía (2002), falam da mediação necessária do professor na relação entre o aluno e o conhecimento.

O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. [...] por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivido e tornada própria (Bondía, 2002, p. 27).

Essa citação nos leva a compreender mais profundamente sobre a natureza do conhecimento humano e sua relação intrínseca com a experiência vivida. Ela destaca que o verdadeiro saber não é apenas um produto do conhecimento teórico adquirido, mas também emerge da interação dinâmica entre esse conhecimento e as vivências individuais.

A ideia de que o saber da experiência não pode ser transmitido diretamente de uma pessoa para outra, a menos que essa experiência seja revivida e internalizada, destaca a singularidade e a subjetividade de cada jornada individual. Isso nos leva a compreender que cada pessoa deve vivenciar e refletir sobre suas próprias experiências para verdadeiramente aprender e crescer.

Aluno E / texto 26

Eu nunca tinha lido um livro todinho. Foi a primeira vez que consegui. A professora leu um livro todinho pra gente. Vi meus colegas lendo também, então levei um pra casa e consegui ler todo. A história não era tão grande. Li no final de semana. Já tinha levado outros livros, mas nunca tinha conseguido ler todo porque ficava com sono ou dava vontade de parar e ir brincar, mas dessa vez eu queria conseguir e consegui. Agora já li um livro todinho e sozinho. Tô muito contente.

Aluno G/ texto 27

Eu não gosto muito de ler. Quando leio não entendo muito a história, por isso prefiro que a professora leia. Quando ela ler em voz alta eu entendo mais. Por mim ela poderia ler todos os dias. Gostei muito quando ela leu as histórias de Malasartes. Tem muitas histórias engraçadas. Malasartes é muito esperto e sempre ganha das pessoas que tentam ganhar também, como o Zé Malandro que enganou e conseguiu ganhar até da morte.

Aluno S / texto 28

De todas as atividades que fazemos todos os dias, as que eu mais gosto são as leituras compartilhadas. A professora começa e nós continuamos. Cada colega ler uma parte e assim todos nós participamos, e nem dá para sentir vergonha. É muito legal. Já lemos vários livros assim, juntos com a professora.

Aluno A / texto 29

A atividade de hoje foi muito emocionante. A professora levou a gente pra ler na coordenação. Eu fiquei muito nervosa, mas consegui ler direitinho porque treinei muito em casa com a minha mãe. As coordenadoras aplaudiram e disseram que todos nós merecíamos parabéns. Fiquei muito contente. Outro dia quero ir de novo. Tô muito orgulhosa.

Nas aulas finais, a professora pediu para destacarem em seus diários de bordo do que, além das leituras tinham gostado, e um deles disse: *“Adorei a ideia do diário de bordo. Agora vou até pedir pra minha mãe comprar um pra mim. Quero escrever todo dia o que eu fizer”* (Aluno B).

Outro deixou registrada uma pequena avaliação sobre o projeto que me chamou minha atenção: *“gostei muito de conhecer muitos livros e histórias. Consegui ler muito e até melhorei*

minha leitura. Ontem eu li na igreja. Nunca tinha conseguido. Minha mãe ficou muito feliz e eu também” (aluno T), que ainda escreveu: “*Todos os textos eu gostei bastante, mas ARARA foi o meu predileto pq gosto de pássaros e das cores dela e acho que representes nosso o Brasil*”.

Em relação à produção da Antologia, vale ressaltar que a maioria delas teve produções próprias dos alunos, umas menores, outras maiores, mas foi notório o esforço para construir algo com suas próprias palavras, por meio do que pudessem expressar seus olhares em relação ao mundo que os rodeia. Abaixo segue um dos textos, no qual o aluno fala da sua alegria em conseguir escrever, desenhar e organizar seu próprio livro, mesmo sendo de forma artesanal.

Aluno I / texto 30

Minha antologia

Ai, fazer uma antologia foi muito legal. Fiquei muito emocionada quando ficou toda pronta. Vários textos que copiei de outros livros e outros que eu mesma criei. Para cada texto fiz desenhos para ficar mais bonito. Ficou parecendo um livro de verdade com capa, sumário e ilustrações bem coloridas. Gosto muito de desenhar e pintar. Quando estou fazendo essas coisas, esqueço até de comer. Quando a professora disse que iríamos fazer uma antologia eu não entendi muito, mas depois eu fui fazendo e no final eu consegui. Isso me fez acreditar que sou capaz de fazer as coisas. Adorei a ideia da professora. Amei muito meu trabalho. Minha mãe também. Me senti muito feliz e importante. Já quero fazer outro.

Portanto, devemos considerar que as atividades foram planejadas e executadas de maneira satisfatória, pois os alunos demonstraram interesse e se envolveram de forma significativa em cada atividade desenvolvida. Para Gregorin (2009, p. 94), “a simples observação das reações dos alunos durante o desenvolvimento de cada atividade já se configura um importante instrumento de avaliação”.

Primeiramente, precisamos reconhecer a importância da observação atenta do comportamento dos alunos durante as atividades de aprendizado. Muitas vezes, as reações dos alunos podem revelar muito sobre seu nível de engajamento, compreensão e até mesmo suas dificuldades, valorizando a individualidade dos alunos. Cada aluno é único e suas reações podem variar dependendo de uma série de fatores, como estilo de aprendizado, interesses pessoais e até mesmo questões emocionais. Ao observar essas reações, os educadores podem

adaptar seu ensino para atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo, assim, uma aprendizagem mais eficaz e inclusiva.

Nesse sentido, entendemos que é preciso considerar a importância de uma abordagem flexível e sensível à individualidade dos alunos no contexto educacional. Ao reconhecer o valor da observação das reações dos alunos, nós educadores podemos aprimorar nossa prática, criando um ambiente de aprendizagem mais enriquecedor e eficaz para todos os alunos.

Como pudemos perceber, a avaliação aconteceu de forma contínua e formadora, pois a professora atuava constantemente na intenção de esclarecer dúvidas, mediar conversas e leituras, apontando caminhos para pesquisas e produções textuais. Durante a observação das percepções dos alunos, notamos que, em sua maioria, gostavam dos textos e das atividades, mesmo demonstrando, às vezes, que não entendiam a essência ou temáticas tratadas nos textos, mas já demonstravam simpatia por eles, principalmente aqueles que vinham acompanhados de imagem coloridas.

Assim, finalizamos este item. Certamente, é o que mais se sobressai dentre os demais, com a sensação de ter colhido os melhores frutos desta pesquisa, pois foi nas falas dos alunos que encontramos respostas para nossos questionamentos em relação à relevância do ensino da educação estética por meio do estudo das leituras literárias. A sensibilidade, imaginação, empatia, apontadas pelos estudantes durante suas colocações nos diários de bordo, já revelam um profundo envolvimento com a literatura.

9 LIMITES E POSSIBILIDADES NA APLICAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Trabalhar com a leitura de textos literários, bem como a experiência estética literária pode ser gratificante, visto que nos possibilita diversas oportunidades de desenvolvermos com nossos alunos inúmeras atividades significativas, mas também apresenta desafios e limitações, ou seja, nos oferece um leque diversificado de limites e possibilidades.

Embora a subjetividade, as barreiras culturais, a falta de contexto cultural, social ou histórico, estrutura, falta de apoio, acompanhamento familiar e incentivo à leitura fora da escola possam representar desafios, temos diversas possibilidades de mostrar que o estudo e a apreciação da literatura continua a ser uma fonte inestimável de enriquecimento pessoal, criatividade e compreensão do mundo ao nosso redor, pois cada leitor encontra seu próprio equilíbrio entre esses limites e possibilidades, tornando a leitura literária uma jornada única e significativa para cada indivíduo.

Durante a construção e o desenvolvimento do projeto de intervenção, percebemos que os limites e as possibilidades andam lado a lado, tanto que, por várias vezes, o projeto, as estratégias de trabalho foram reajustados, alterados, e é justamente nesses aspectos encontrados no dia a dia, no ato da aplicabilidade de cada atividade proposta no projeto, que construímos o desenvolver da atividade de intervenção como um todo.

9.1 Limites

Os primeiros limites que encontramos na realização e desenvolvimento do projeto de intervenção foram as dificuldades com as quais já lidamos diariamente, como os espaços que são inadequados para o desenvolvimento das atividades básicas educacionais diárias. Começamos pela sala de leitura que não tem estrutura física e humana adequada para atender a todos os alunos; a sala de informática não tem espaço nem computadores suficientes para atender aos alunos; também não existe auditório ou qualquer outro espaço que possa receber um público maior que uma turma de alunos por vez para a realização de atividades, como palestras, apresentações teatrais ou qualquer outra apresentação que possa melhorar a participação e a interação dos alunos no processo de aprendizagem.

Trazendo essa questão para o espaço de sala de aula, não é muito diferente, pois a falta de iluminação prejudica relevantemente o trabalho do professor e dos alunos, muitas vezes, com as lâmpadas queimadas e falta de assistência, não temos clareza suficiente para realizar

leituras de forma mais confortável, o que exige um esforço maior na hora das leituras, já que um texto ou outro exige maior esforço visual para o trabalho. A luz do sol que entra pelas janelas de vidro e sem nenhuma proteção, muitas vezes, interfere na visualização da escrita no quadro.

Outro limite que encontramos constantemente está relacionado com a leitura dos textos literários. “Os textos literários distinguem-se de outros por motivos vários, entre os quais se encontra o de serem mais difíceis de ler,” principalmente os textos poéticos, pois “a poesia, na tentativa de descobrir o que a ciência não consegue esgotar, faz uso de um registro diferente da linguagem, a partir da apreensão da realidade, permitindo-se a incidência de um conjunto de valores expressivos que conduzem às alterações de sentido” (Cortez e Rodrigues, 2023, p. 87).

A linguagem literária é caracterizada por sua plurissignificação. Termos e expressões são utilizados muitas vezes com sentidos diferentes daqueles que lhes são atribuídos comumente. Por isso, as palavras no texto literário têm o poder de nos envolver e transportar para um lugar que não é só imaginário, mas também é real. É real porque se pode viver um momento inigualável, mesmo que este seja fruto do imaginar, do sentir, do fruir, do aprender ou do sonhar (Souza; Corrêa; Vimbali, 2011, p. 152).

O texto destaca a natureza rica e multifacetada da linguagem literária, ressaltando que as palavras utilizadas na literatura têm o poder de transcender seu significado literal e nos transportar para um espaço que é, ao mesmo tempo, imaginário e real. A plurissignificação da linguagem literária permite que termos e expressões sejam interpretados de diversas maneiras, muitas vezes indo além do seu sentido comum.

Portanto, devemos considerar a capacidade única da literatura de nos proporcionar experiências intensas e significativas, mesmo que essas experiências sejam construídas a partir da imaginação, emoção, fruição, aprendizado ou sonhos. Através da linguagem literária, somos capazes de mergulhar em mundos alternativos, vivenciar momentos únicos, explorando uma variedade de emoções e perspectivas.

Assim, encaramos esta dificuldade de ler e, conseqüentemente, compreender textos, por mais simples que sejam sua construção, como mais uma dificuldade que encontramos na realização das leituras literárias. Geralmente, temos que pesquisar, ler e reler cada verso, estrofe ou trecho de um texto, para que a maioria consiga ter uma breve compreensão do texto como um todo.

O escasso domínio do vocabulário da língua por parte dos alunos é uma das limitações com que o trabalho do professor mais se confronta atualmente, com a agravante de se tratar de um problema que acarreta conseqüências de monta, visto que impede, à partida, o completo entendimento dos textos, para já não referir a sua análise e fruição. Não compreender a linguagem de um texto é, quase sempre causa direta da sua rejeição por parte do aluno (Bernarde; Mateus, 2013, p. 44).

Quando os alunos não possuem um vocabulário adequado, enfrentam dificuldades para

compreender completamente os textos, o que, por sua vez, afeta sua capacidade de analisá-los e desfrutá-los. Essa lacuna na compreensão da linguagem textual, muitas vezes, leva os alunos a rejeitarem os textos, pois não conseguem se envolver de maneira significativa com eles. Isso ressalta a importância não apenas de expandir o vocabulário dos alunos, mas também de desenvolver estratégias para ajudá-los a compreender e apreciar a diversidade linguística presente nos textos que encontram.

Porém, é neste movimento que a linguagem do texto nos força a fazer que pratiquemos o ato de estudar; estudamos e enriquecemos nosso estudo. Obtemos também uma grande sensação de felicidade ao percebermos que estamos adquirindo e ampliando nosso conhecimento, assim sentimos que somos capazes de construí-lo todos os dias.

Notamos que a subjetividade, muitas vezes, acaba sendo um desafio nesse trabalho, uma vez que a experiência literária é altamente subjetiva, e o que um leitor considera esteticamente agradável pode não ser o mesmo para outro. Isso cria um limite intrínseco na objetividade da avaliação da qualidade literária.

Em uma das atividades desenvolvidas na sala de aula com um poema, vimos que a falta de contexto histórico acaba dificultando a fluidez do estudo do texto, já que alguns textos literários dependem fortemente do contexto fator social e cultural em que foram escritos. Leitores contemporâneos podem enfrentar dificuldades para compreender totalmente o significado e as nuances dessas obras sem uma pesquisa adicional.

Percebemos grande dificuldade nos alunos de externar suas percepções; é fato que muitos deles não conseguem ler, compreender e externar, de forma a se fazerem compreender através de suas palavras. Conversando com eles, percebemos, às vezes, até uma certa angústia ao tentar falar dos seus sentimentos despertados por alguma leitura ou imagem e não conseguirem encontrar palavras para registrá-los.

Outra situação que merece ser apontada é a recusa do aluno em relação à leitura literária. Um ou outro aluno tem dificuldade para aceitar as atividades de leitura; este resiste dizendo, muitas vezes, que não gosta de ler ou não gosta desse tipo de texto; que é muito chato ou que é cansativo, sente sono e fica enjoado ao tentar ler qualquer coisa. Então, em alguns momentos, fazer com que os alunos se interessem e tenham gosto, principalmente por coisas que eles nem sabem que existem, é uma situação que se apresenta ao professor como um imenso desafio diário.

Durante o desenvolvimento das atividades, por diversas vezes, precisamos fazer leituras orais, conversar, discutir sobre os textos, os livros, os vídeos, sendo umas das maiores dificuldades que encontramos: ouvir, fazer ouvirem-se uns aos outros ou se fazer ouvir.

Geralmente, os alunos destas turmas, crianças e adolescente agitados, cheios de energia, demonstram muitas dificuldades de praticar o ato da escuta. O processo de conscientização, assim como de sensibilidade em ouvir o outro, foi acontecendo gradativamente, desta forma, depois de alguns dias já era notável o espaço conquistado por cada um no momento que precisava falar ou realizar qualquer leitura.

Destacamos a falta de “educação dos sentidos”, pois os alunos, em grande maioria, têm dificuldade de se concentrar, direcionando e ativando seus sentidos para conseguir captar, através da percepção, o mundo que o rodeia dentro da sala de aula. Com isso, existem momentos em que a fluidez das atividades é afetada.

Consideramos a timidez dos alunos de se expor em outros ambientes escolares e até mesmo aos próprios colegas de turma como um dos limites para melhor fluidez de algumas atividades desenvolvidas com eles, porém, à medida que os encontros foram acontecendo, a participação, desenvoltura deles aumentava, melhorando de maneira significativa, então a partir do quinto ou sexto encontro, já começamos, através de falas mais amplas, mais elaboradas, a perceber uma interação maior dos alunos com as leituras e conversas de grupo.

A fluidez da aula, por muitas vezes, foi comprometida devido ao barulho externo, já que, em muitos momentos, devido à falta de climatização, precisávamos abrir as janelas para melhorar a refrigeração, e os muitos ruídos, que giram em torno da escola, acabavam invadindo as salas de aula, prejudicando significativamente o desenvolvimento das atividades, principalmente quando estas envolviam leituras ou rodas de conversa.

Encaramos o acervo reduzido como um problema também, porque pensamos que se tivéssemos maior quantidade de exemplares, para todos os alunos, certamente o trabalho com algumas se desenvolveria de maneira mais satisfatória, pois cada aluno poderia acompanhar as leituras com seu próprio livro, lendo e observando as imagens simultaneamente, e isso certamente poderia melhorar e ampliar a compreensão e a exploração de cada um.

Ainda falando em acervo, só que agora em relação ao da própria escola e a respeito do acesso e trabalho com os livros literários, as dificuldades são inúmeras, pois o da escola municipal de Ensino Fundamental Dr. Ulysses Guimarães em Altamira /PA, em que eu trabalho há mais de dez anos é limitado, com poucos exemplares da mesma obra, o que dificulta o estudo dela.

Constantemente, estou visitando a “sala de leitura”, que, muitas vezes, parece mais uma sala de aula de reforço ou espaço de ensaios, entretenimento, algo desta natureza, e o que temos lá é um espaço organizado para um atendimento no qual o aluno não consegue ter contato visual direto com os livros que compõem o acervo da escola. Além disso, aos alunos, muitas vezes, os

livros são negados para serem levados para casa; as pessoas que lá estão geralmente são pessoas com dificuldades para lidar com os títulos que compõem esse acervo e, assim, o que poderia ser um valioso auxiliador no estreitamento da relação entre os alunos e as obras, sejam literárias ou não, acaba se tornando um empecilho na realização das atividades relacionadas às leituras.

Consideramos alguns outros pontos relevantes dentro dos limites do trabalho com a literatura, dentre eles, a desigualdade de acesso, pois nem todos os alunos têm acesso fácil a recursos literários e tecnológicos, o que pode criar disparidades no desenvolvimento da leitura; o currículo escolar muitas vezes sendo extenso, rígido, deixa pouco espaço para uma exploração mais aprofundada e prazerosa da literatura; a formação continuada de professores para lidar com novas metodologias, tecnologias é essencial, mas nem sempre adequadamente oferecida; em um mundo dominado por mídias digitais, rápidas, manter o interesse dos alunos pela leitura literária pode ser desafiador. Muitos jovens preferem formas de entretenimento mais imediatas, como redes sociais e vídeos, além do tempo disponível dedicado à leitura literária em sala de aula, que pode ser insuficiente para uma imersão completa nos textos, devido à necessidade de cobrir outras áreas do conteúdo programático.

A sociedade, a família diz que a escola é muito importante, mas o que observamos é que essa instituição e, mais precisamente a sala de aula, não se faz na mesma proporção, pois, principalmente a ausência da família é muito sentida em relação ao acompanhamento e à assistência aos filhos; consideramos este aspecto também como um desafio encontrado diariamente no desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Entretanto, apesar desses desafios, a leitura literária continua sendo uma atividade valiosa, pois enriquece a compreensão da linguagem, da cultura e da condição humana. A abordagem crítica e a discussão colaborativa podem ajudar a superar muitas dessas limitações. Superar esses limites requer abordagens pedagógicas flexíveis, uso criativo de recursos disponíveis e adaptação às necessidades específicas dos alunos. É importante considerar a diversidade dos alunos e criar um ambiente que incentive a leitura como uma habilidade valiosa e uma atividade enriquecedora.

Vale ressaltar, ainda, que o acesso, que muitas vezes é dificultado ou até mesmo negado por nossos governos às formações continuadas, também é algo que deve ser considerado dentro dos nossos limites para o despertar de melhorias dentro da educação, assim como a disponibilidade dos professores, pois, geralmente, precisam ter uma carga horária diária exaustiva para conseguirem sobreviver, não dispondo de tempo suficiente para buscar esta formação contínua necessária. Para mim, esta oportunidade só chegou, aproximadamente, 20 anos após a graduação, sem saber quando e se ainda terei uma outra possibilidade de voltar para

sala de aula como estudante na tentativa de fazer, oferecer um trabalho melhor dentro da educação, da minha sala de aula.

9.2 Possibilidades

A leitura permanente na escola, durante as aulas, nos ajuda, de forma expressiva, no estudo da literatura, principalmente quando é orientada, organizada, acompanhada e mediada pelo professor. Quando o professor lê em voz alta para as crianças, para os seus alunos, ele possibilita que elas entrem em contato com essa magia, com o encantamento que é descobrir que aquele texto, aquelas marcas, aquelas palavras que estão no livro podem significar histórias, cenas, personagens, emoções, suspenses.

A leitura em voz alta, sobretudo quando é preparada e efetuada pelos alunos, é um excelente exercício de desbloqueio da competência de expressão oral, uma vez que se reveste de uma formalidade discursiva que os alunos sentirão necessidade de reutilizar noutras circunstâncias dos seus estudos e da sua vida ativa, para além de funcionar como processo de conscientização dos instrumentos linguísticos expressivos (linguístico e não linguísticos) que a comunicação oral põe à disposição do ser humano (Bernardes; Mateus, 2013, p. 47).

Bernardes e Mateus (2013, p. 45) dizem que a leitura de textos literários em voz alta é, em muitas situações, uma estratégia fundamental de compreensão que pode, por si só, resolver algumas das dificuldades que se colocam quando o acesso aos textos é feito apenas por via da leitura individual e silenciosa”. A partir desta fala, consideramos que nada supera a nossa voz que lê, conta histórias para nossos alunos, de forma a possibilitar a construção de imagens e despertar sentimentos durante a leitura; pode ser uma possibilidade de trabalho e superação com seu público infantojuvenil.

O professor pode mostrar intencionalmente, através da linguagem, as ações construídas e direcionadas a nós, leitores, contribuindo, assim, para que as conversas fluam da melhor maneira possível, abordando condições para que a leitura circule de forma ampla, pois quando a criança entra em contato com a linguagem escrita, ela vai aprendendo coisas sobre o funcionamento do texto escrito, e a primeira coisa que ela aprende é que a linguagem escrita fixa o texto; é diferente da linguagem oral, pois esta é maleável, permeável às circunstâncias; não falo no texto da mesma forma todas as vezes.

As conversas em torno das leituras feitas podem ampliar os olhares, através de uma mediação de qualidade capaz de expandir os sentidos, favorecendo, assim, as vivências estéticas. Quando escutamos a opinião de outros leitores, ouvimos outras impressões, entramos em contato com detalhes que nos passaram despercebidos, confrontamos a nossa opinião com

a de outros leitores, enfim, temos a chance, na conversa, de ampliar os sentidos construídos a partir daquela leitura. Assim, pressupomos que conversar nos ajuda a ler melhor, tanto o livro lido, sobre o qual estamos conversando naquele momento, como também as leituras futuras.

Essas conversas, que também chamamos de rodas apreciativas são muito importantes, porque nesses momentos trocamos opiniões, impressões sobre história; indicamos a leitura que fizemos, e a prática dessas ações nos ajudam a compreender melhor aquilo que lemos. Quando trocamos opiniões com outros leitores, temos a chance de algo falar sobre o livro, encontrar a nossa voz de leitores; pensar sobre aquilo é pensar sobre as ideias que temos sobre o livro lido, enfim, verbalizando o nosso pensamento, expressando nossa opinião, possibilitamo-nos construir uma opinião sobre aquilo que lemos.

Por meio dessas práticas, é possível realizar uma leitura por meio da qual se pode dialogar na construção dela, buscando ativar um conhecimento prévio, fazendo links com experiências já adquiridas em relação ao texto lido, possibilitando possíveis inferências, interpretações, isto é, fazendo suposições, ou melhor dizendo, lendo as entrelinhas. Segundo Souza e Cosson (2011, p. 104), enquanto lemos “vamos criando imagens pessoais e isso mantém nossa atenção permitindo que a leitura se torne significativa”.

Consideramos relevante a mediação, a indagação e a provocação como possibilidades na aplicabilidade do projeto de intervenção “Uma leitura para cada dia”. Existem perguntas que favorecem a troca de opiniões e perguntas que favorecem menos, ou as perguntas abertas que convocam os leitores a expressar suas opiniões são as melhores. Aquelas que provocam resposta única não ajudam muito a circulação de opiniões; certamente, essa não é a melhor pergunta para se fazer. Importante que planejemos esse momento, garantindo espaço na rotina para que a conversa ocorra com regularidade e que a criança possa voltar, visitar e frequentar esses textos continuamente, para que se torne uma prática persistente e cotidiana.

O professor precisa ser esse leitor experiente que não apenas pergunta e não apenas planeja boas perguntas, mas coloca suas impressões sobre a história. Ele atua como modelo, podendo dizer se ficou impactado por um certo trecho, por que aquele trecho emocionou e que relações ele faz daquela história com outras histórias lidas, cuidando para que não se expresse de uma forma que iniba os interlocutores, ou não se expresse de forma que a sua opinião seja a única, mas deixando e convocando os alunos a interagirem através de suas percepções.

Mostrar-se protagonista como leitor na sala de aula; mostrar-se motivado e engajado na ação e apreciação da leitura e vivência da experiência estética literária: o professor pode contribuir com o despertar do gosto e da aceitação de tais atividades não só dentro da sala de aula, mas quem sabe fora dela também.

Uma outra possibilidade de atividade bem dinâmica é abordar diversos textos, ou seja, trabalhar com diversidade textual. Devemos dar uma atenção para os diferentes gêneros que existem no mundo da literatura para que possamos dar aos alunos possibilidades de escolha de leituras, mostrando a eles que existem textos escritos de diferentes formas, com diferentes propósitos e que são lidos de maneira distintas também.

Salientamos como possibilidade de realização de um trabalho como esse a formação dos professores. Bernardes e Mateus (2013, p. 117) falam sobre a importância de formar professores, mas não para formar professores absolutamente seguros; mas tão-só para formar agentes de ensino imbuídos de uma nova atitude; mais motivados, desde logo, uma vez que nada motiva mais que a segurança do conhecimento; mas também mais esclarecidos sobre os benefícios reais que o trabalho com os textos literários traz aos alunos.

A verdadeira humildade só se robustece com a tentativa de conhecer. Só perseverando nessa gostosa escalada nos apercebemos do muito caminho que sempre nos faltará a percorrer. [...]. Cada novo patamar que se conseguir alcançar (através da leitura de livros e da participação em atividades de formação) constituirá um ganho para o profissional de ensino. Sabendo um pouco mais, sempre ensinará sempre um pouco melhor e, sobretudo, estará em muito melhores condições para servir de exemplo aos seus alunos, os quais são, sobretudo, leitores a conquistar (Bernardes; Mateus, 2013, p. 117).

Destaca-se aqui a importância de manter uma postura humilde, associada ao reconhecimento constante da necessidade de aprendizado. Esse processo não apenas beneficia o educador individualmente, mas também contribui para a formação de alunos engajados e ávidos por conhecimento.

Esse conhecimento ajuda o professor a oferecer aos alunos a maior quantidade de diversidade de textos para ajudar na formação do repertório literário de cada um deles. É na diversidade de gênero, estrutura e temática dos textos que se forma um bom repertório e, a partir dessa constituição, podemos perceber que é possível tratar da fome, da miséria, de dores, angústias, alegrias, beleza; o texto literário pode ser o elo de entrelaçamento entre o real, o verossímil e o fantástico. A partir dessa formação, possibilitamos aos alunos desenvolverem diversos aspectos da leitura, como: decifrar um texto; escolher um livro; antecipar uma leitura; conversar sobre a leitura; pular parte desinteressante; reler e indicar leituras.

A estudiosa Maria Verbena (2001, p. 29) considera a leitura por fruição a opção mais produtiva. Segundo ela, esta leitura “possibilita uma relação tão mais intensa e mais próxima com o texto literário que a percepção e a sensibilidades estética do leitor acabam por intuir por quantos e inesperados sentidos ele se constitui”.

Apontamos também como possibilidades de desenvolvimento de trabalho com a

literatura, dentro das aulas de língua portuguesa, a audição de áudios e a assistência de vídeos produzidos a partir das obras que compõem o acervo construído para o desenvolvimento do projeto de intervenção “Uma leitura para cada Dia”, enfatizando o quanto é importante levarmos em consideração o valor da escuta; o quanto é importante saber e se fazer ouvir.

O uso de determinados métodos ou estratégias de ensino podem proporcionar diversos benefícios aos alunos, incluindo melhorias na apreciação estética, na experiência frutiva, no entendimento da literatura e na capacidade de interpretar textos, que são ganhos únicos e não podem ser alcançados com a mesma eficácia por outros métodos de ensino.

Outra possibilidade de ampliação de trabalho com a arte estética literária, utilizando-se de abordagens interartísticas, deve estar relacionada ao ato de guiar o olhar do aluno em direção à observação de imagens, mostrando a relação que existe entre ela e o texto, na construção de uma narrativa. Ambas se completam na interpretação de uma história.

As imagens podem ser elementos complementares no estabelecimento de diálogos que sirvam de fruição e no aprofundamento da interpretação, intimamente relacionados com o texto, e que não estão ali como elementos meramente ilustrativos, levando-os a relacionar o que se lê e o que se observa, no intuito de ampliar a sua leitura. Mas, é importante observar que, em alguns casos, a profusão de cores e imagem nos vídeos e livros quase ofusca a centralidade do texto, com benefícios nem sempre óbvios.

Com o uso dos produtos audiovisuais no projeto de intervenção aplicado neste trabalho, percebemos que a integração de ferramentas digitais, como celular, computador, e-books e plataformas interativas amplia o acesso e torna a leitura mais atraente para os alunos, e abordagens, como leitura dialógica, clubes de leitura e projetos como este proposto e desenvolvido nesta pesquisa tornam o processo de leitura mais envolvente e participativo, promovendo uma compreensão mais profunda dos textos e uma vivência com a literatura de forma significativa.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa é uma pesquisa que possui um caráter prático; está vinculada a um realizar, a um verificar e está submetida a essas condições, mas ela me permite, dentro desses limites a responder à pergunta cerne desta pesquisa: por que é relevante estudar **a formação estética literária na educação escolar?**

Durante o estudo, construção, desenvolvimento e aplicabilidade da nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de vivenciar o poder único da literatura e da arte em geral, de transcender a realidade e nos conectar com aspectos mais profundos e autênticos da experiência humana.

Ao criar e contar histórias que, embora fictícias, parecem mais reais do que a própria realidade, a literatura nos convida a explorar a complexidade e a riqueza do mundo interior humano. Através das narrativas literárias, somos transportados para além dos limites do cotidiano, rompendo com a monotonia e a indiferença espiritual que muitas vezes nos envolve. Essas histórias nos desafiam a refletir sobre quem somos, nossas aspirações, medos e desejos mais profundos, despertando em nós uma sensação renovada de vitalidade e consciência.

Ao mesmo tempo, a literatura nos confronta com a ambiguidade e a confusão inerentes à condição humana, lembrando-nos de que a vida não é simples nem linear, mas cheia de nuances e contradições. No entanto, é precisamente nessa confusão que encontramos a verdadeira essência da existência e é através da literatura que somos capazes de abraçá-la e compreendê-la mais plenamente.

Assim, a literatura não apenas nos entretém, mas também nos desafia, nos inspira e nos enriquece, nos capacitando a mergulhar mais fundo na experiência humana, abraçando a vida em toda a sua complexidade e beleza; durante o desenvolvimento deste trabalho abordamos e

prezamos por uma formação holística e omnilateral, uma abordagem que busca cultivar habilidades e conhecimentos em diversas esferas, como a intelectual, a emocional, a social, a física e a artística. Lombardi (2008, p. 13) propõe uma educação que não esteja limitada a um único caminho profissional, mas que seja capaz de formar sujeitos completos, preparados tanto para o trabalho quanto para a vida em sociedade: “deveria possibilitar tanto o conhecimento das ciências como das capacidades práticas em todas as atividades produtivas”.

A reflexão de Lombardi (2008) aponta para uma concepção de educação que transcende a formação técnica ou específica para uma determinada profissão. Ao afirmar que a educação deveria englobar tanto o conhecimento das ciências quanto as capacidades práticas em todas as atividades produtivas, ele defende a importância de um processo educativo que seja mais amplo e integral.

Esse modelo de educação busca desenvolver o ser humano em sua totalidade, promovendo não apenas habilidades técnicas ou teóricas, mas também valores, senso crítico e capacidades práticas que são aplicáveis em diversas esferas da vida. A formação integral do homem, nesse sentido, é aquela que prepara o indivíduo para ser um cidadão consciente, capaz de atuar de forma ética e crítica na sociedade, além de ser profissionalmente competente.

Essa visão crítica sobre a educação sugere que, em vez de formar indivíduos apenas para o mercado de trabalho, a escola deve atuar como um espaço de desenvolvimento humano integral. Isso envolve a combinação de ciência e prática, de reflexão e ação, preparando o indivíduo para enfrentar os desafios complexos da vida moderna, com uma visão ampla sobre o mundo e sobre as possibilidades de transformação social. Isso ressalta o papel social da educação na formação integral do homem e a construção de um mundo mais justo e equilibrado.

Segundo Britto (no prelo), a literatura é um convite para re-viver a vida, indagá-la, sabê-la, admirá-la, sofrê-la, gozá-la: todas essas possibilidades ao mesmo tempo e com tremenda potência. Daí que toda a proposta da literatura é uma proposta de conhecimento.

Portanto, a literatura nos oferece a oportunidade de reavivar a vida, de questioná-la e compreendê-la em sua totalidade, nos permitindo admirar as maravilhas do mundo, sofrer com suas dores, desfrutar de suas alegrias e confrontar seus desafios com uma intensidade que poucas outras formas de expressão podem proporcionar.

Ao mesmo tempo, a literatura nos convida a mergulhar no conhecimento humano de uma maneira única. Ela nos permite adentrar na mente e no coração de personagens diversos, experimentando suas vidas, seus pensamentos e suas emoções de maneira profunda e visceral. Nesse processo, expandimos nossos horizontes, desenvolvemos empatia e ganhamos uma compreensão mais ampla e rica do mundo ao nosso redor.

Assim, é certo que a proposta da literatura vai além do entretenimento; é uma proposta de conhecimento profundo e significativo. É através da literatura que podemos explorar os limites da experiência humana, questionar as verdades estabelecidas e nos conectar mais plenamente com o vasto espectro de emoções e experiências que constituem a essência da vida. Assim, partindo das artes de ler e ver, podemos afirmar que, mesmo a literatura não sendo um instrumento didático, embora possa ensinar, a literatura, como arte grandiosa da produção humana, reflete a evolução e a história sociocultural de um povo.

Portanto, levar a ler é um direito e, eu, enquanto docente, pessoa que se sente responsável por garantir esse direito, vou lutar incansavelmente por assegurá-lo; para que a escola garanta que se possa ler; lhe dar opções de leitura. Afinal, nosso objetivo maior aqui é levar nosso aluno a ler significativamente. Levar a ler como experiência estética; como experiência de vida; como crítica; como formação.

Nesse sentido, este texto ressalta uma abordagem educacional que vai além da mera formação de leitores. Ele enfatiza a importância de educar as crianças de forma holística, proporcionando-lhes oportunidades para expandir seu conhecimento, interagir com diferentes ideias, perspectivas e desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor.

Ao invés de focar exclusivamente na habilidade de ler, nosso trabalho destaca a importância de ampliar o repertório intelectual das crianças, o que envolve não apenas a leitura, mas também a exposição a diferentes formas de expressão artística e cultural, como a audição e leitura, feita a partir dos vídeos. O uso dos vídeos como instrumento de suporte corroborou para a compreensão na leitura e estudo dos textos literários, sendo um diferencial no trabalho dentro da sala de aula. Isso sugere uma abordagem mais abrangente e inclusiva da educação, que reconhece a importância da arte da palavra, sugerindo uma abordagem que incentiva a apreciação estética, a sensibilidade à linguagem e a capacidade de interpretar e analisar textos de maneira crítica.

Esses elementos podem contribuir para o que vamos sentir e para os sentidos que poderemos atribuir a partir das nossas experiências anteriores. A literatura é uma linguagem artística e, dessa forma, contribui para a nossa formação estética. Embora a literatura tenha esse lugar garantido enquanto linguagem artística, ainda é muito vista sob um viés utilitário, sobretudo na escola, pois muitas vezes as intenções que se podem ter com a leitura dela não consideram o infinito que pode existir entre o leitor e o texto e toda essa experiência de que falamos. A literatura não está aí para moralizar, para impor pontos de vistas ou padrões de comportamentos, é formativa sim e pode nos ensinar muito sobre o mundo e sobre as coisas da vida quando nos apresenta as muitas nuances da nossa condição humana.

Diante disso, entendemos que a estética não é vista como algo isolado ou desvinculado da realidade social, mas como parte integrante do processo de desenvolvimento humano e da construção de novas formas de significação, ou seja, através da arte, as pessoas podem explorar novas formas de ver, sentir e pensar, o que pode levar a novos significados e à transformação pessoal, vivenciando, assim, experiências estéticas únicas.

Essa experiência mostrou que a pesquisa com esta opção metodológica não é aplicável como fórmula pronta, pois trata-se de um caminho em que são necessárias opções; às vezes, na insegurança, dificuldades, outras vezes o suscitar de maneiras para desenvolver os passos que podem conduzir aos objetivos estabelecidos. É uma proposta simples, porém que exige fôlego para se ter uma melhor percepção dos acontecimentos durante a aplicação das atividades.

Considero pertinente dizer que assumir simultaneamente a posição de educador e pesquisador representa algo exigente. É preciso ter bons instrumentos e sensibilidade para conseguir desenvolver, de forma agradável e satisfatória, as atividades propostas, se adequando às situações inesperadas e, principalmente, aos imprevistos do cotidiano escolar.

Importante ressaltar que não temos como apontar resultados a longo prazo; no entanto, no momento da aplicação, os resultados das atividades, no tempo de um semestre, foram exitosos; uma intervenção muito bem-sucedida, pois mesmo a realização de uma ou outra atividade nem sempre tendo o resultado esperado, ainda assim podemos dizer que apresentou um resultado satisfatório, servindo também de aprendizado.

Durante a realização das atividades, parecia que os alunos tinham aprendido muitas coisas de tudo que fora oferecido a eles, porém não tenho como afirmar se num espaço de tempo longínquo isso vai permanecer, repercutir na vida geral de cada aluno anos depois. No entanto, é certo que as vivências dos alunos com as leituras literárias foram únicas, assim como o início e/ou a ampliação da construção de um repertório literário que poderá continuar seu curso durante a vida acadêmica, pessoal de cada aluno ou ser descontinuado em algum momento da vida de cada um deles.

Diante da metodologia de intervenção, essa questão acaba se tornando também um dos limites que a pesquisa nos apresenta; assim como ela nos revela pistas positivas, já que analisamos de perto os resultados daquilo que aconteceu, considerando que a educação estética é uma jornada que nos convida a explorar as profundezas da nossa sensibilidade e imaginação; um convite para mergulhar nas maravilhas da arte, da cultura e da expressão criativa, então, entendemos que, ao priorizar o desenvolvimento desses aspectos, a educação estética não apenas enriquece nossas vidas individualmente, mas também tem o potencial de moldar positivamente nossa sociedade como um todo.

Portanto, ao nos envolvermos com a arte e a cultura, aprendemos a apreciar a beleza que existe em todas as formas de expressão humana. Essa apreciação nos torna mais sensíveis ao mundo ao nosso redor, permitindo-nos ver além das superfícies e entender as nuances da experiência humana; além disso, ao explorar nossa própria criatividade, aprendemos a abraçar a diversidade de perspectivas e a valorizar a singularidade de cada indivíduo.

Através da educação estética, cultivamos o pensamento crítico, pois somos desafiados a questionar, interpretar e refletir sobre as obras de arte que encontramos. Isso nos capacita a analisar o mundo de maneira mais profunda e a entender as complexidades subjacentes às questões sociais, políticas e culturais.

No entanto, ao finalizarmos este trabalho, percebemos que o verdadeiro poder da educação estética vai além do desenvolvimento individual, pois, ao promover uma cultura de respeito e tolerância, ela constrói pontes entre diferentes comunidades e promove o entendimento mútuo, já que, através da arte, encontramos uma linguagem comum que transcende barreiras culturais e linguísticas, permitindo-nos conectar uns com os outros em um nível mais profundo.

Acreditamos firmemente que os dados coletados, expostos e analisados no item anterior confirmam a nossa hipótese de que, ao reconhecer o valor da educação estética, estamos investindo no futuro de uma sociedade mais inclusiva, compassiva e criativa. É uma oportunidade de nutrir mentes curiosas, corações abertos e espíritos livres, capacitando cada indivíduo a contribuir de forma significativa para o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALCÂNTARA, Elaine Cristina de Vasconcelos; BRITTO, Luiz Percival Leme. O ensino de poesia no 6º ano. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 18, n. 2, 2018.

_____. **Poesia na Escola – Seu Ensino na Perspectiva de Formação Holística**. PROFLETRAS. Santarém -PA, 2017.

AMORIM, Neusa Maria Mendes de Gusmão de. **Docência no Ensino Superior: Desenvolvimento Profissional em Questão**. Ed. Penso. Porto Alegre, 2011.

ASSUMPÇÃO, Mariana de Cássia; DUARTE, Newton. A função da arte e da educação escolar a partir Gyorgy Lukács e da Pedagogia histórico-crítica. **Revista Histedbr On-line**. Campinas, nº 68, p. 208-223 Junho/2016.

ASSUMPÇÃO, Mariana de Cássia; DUARTE, Newton; FERREIRA, Nathália Botura de Paula; SACCOMANI, Maria Cláudia da Silva. O ensino da recepção estético- literária e a formação humana. **Eccos – Revista científica**, São Paulo, nº 28, p. 31-48, maio/agosto. 2012.

BERNARDES, José Augusto Cardoso; MATEUS, Rui Afonso. **Literatura e Ensino do Português**. Fundação Francisco Manoel dos Santos, outubro 2013.

BOMDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso – Leitura e formação – 1ª ed.** – São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. (**Ler Literatura – Viver e Aprender**). No prelo.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais:** uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: editora Projeto, 2009.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis sobre leitura e crítica.** 1ªed. – São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

CABRERA, Alex. **Onde estão meus pais?** Ed. Ciranda cultural. São Paulo – SP, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** O direito à literatura. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2011.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Escritores e leitores - cenas de leitura. *In: Palavras Reinventadas: Seus Usos na Educação.* São Paulo: Cortez, 2001. p. 71-82.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** Teoria e prática. 2. ed. 11ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Estética na Filosofia Medieval. **Revista Agora Filosófica,** v. 11, p. 11-30, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à filosofia.** Volume Único. Editora ática, 2012.

DUARTE, Newton. **Crítica da educação dos sentidos:** contribuições para a formação integral dos sujeitos. São Paulo: Autores Associados, 2011.

DUARTE, Newton. Arte e Formação Humana em Lukács e Vigotski – **UNESP GT-17: Filosofia da Educação.** Agência Financiadora: CNPq, 2008.

PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em Literatura.** 2. Ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

FARIAS, Fabíola Ribeiro. A educação literária na formação de adolescentes e jovens. **Revista Exitus.** Santarém/PA. Vol. 9, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Organização e apresentação Marisa Lajolo. 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2003.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GREGORIN Filho, José Nicolau. **Literatura infantil:** Múltiplas Linguagens na Formação de Leitores. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo:** Diário de uma Favelada. Edição popular. Ed.: Francisco Alves, 1960.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação, Ensino e formação profissional em Marx e Engels. *In: SAVIANI, Dermeval (Org). Marxismo e Educação: debates contemporâneos.* 2. ed.

Campinas: Autores associados, 2008, p. 1-38.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo. Editora Unesp, 2002.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulina, 2007. Coleção literatura e ensino.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LAJOLO, Marisa. **Linguagem e Letramento em foco**. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã** – São Paulo. Editora Unesp, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias**. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. (Orgs.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. (Orgs.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PLATÃO. **A república**. 3. Ed. Belém: EDUFPA, 2000.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Campinas, SP: [s.n.], 2016.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil Brasileira: Um guia professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Canone Editorial. 2009.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades** – 2. Ed.; 1. Reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SOUZA, Renata Junqueira de; CONSSON, Rildo. **Letramento Literário: Uma proposta para sala de aula**. UNESP/UNIVESP – Conteúdo e didática de Alfabetização, 2011.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 1. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

APÊNDICE – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO